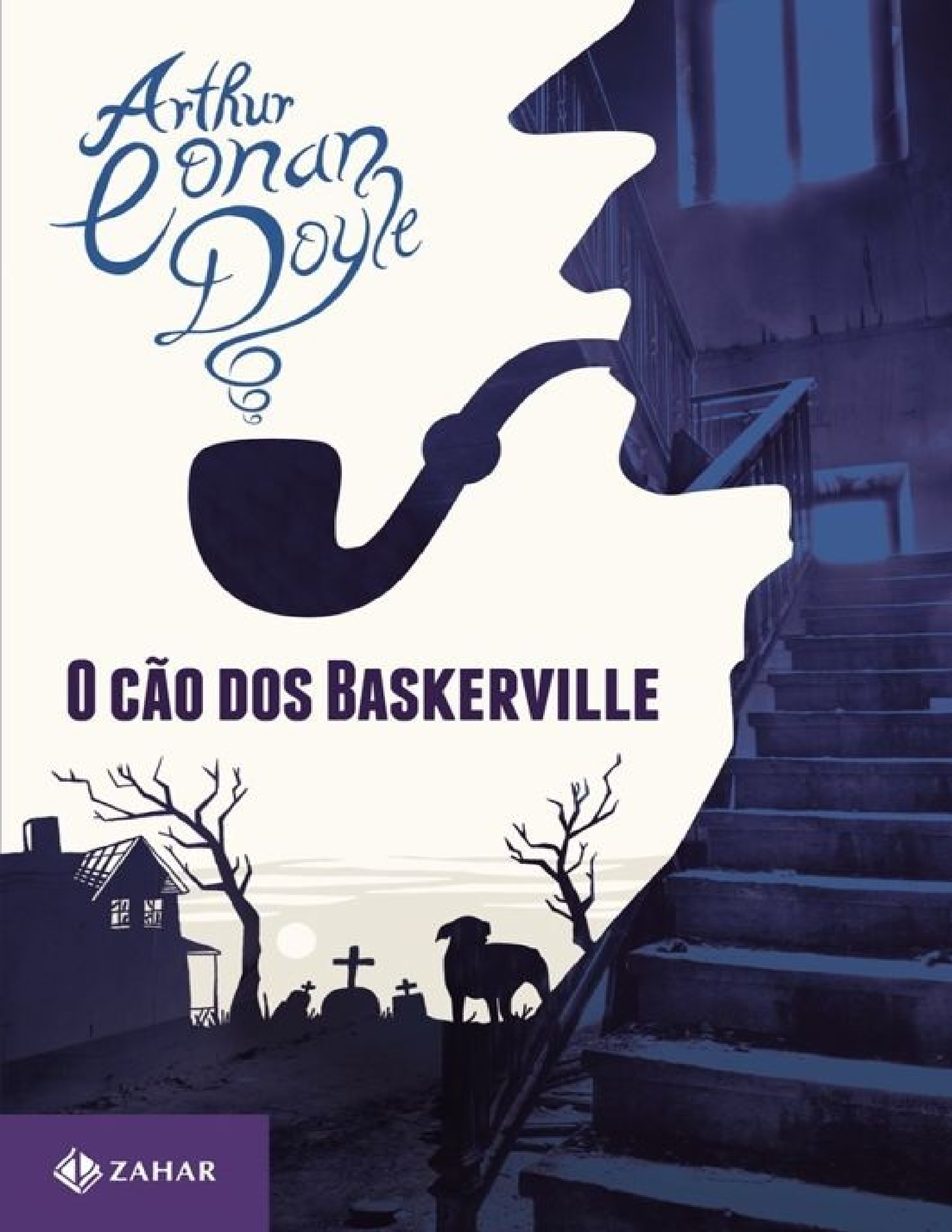
Arthur Conan Doyle

O CÃO DOS BASKERVILLE



ZAHAR

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Arthur Conan Doyle

O CÃO DOS BASKERVILLE

Tradução:
Maria Luiza X. de A. Borges



Sumário

Apresentação

I. Mr. Sherlock Holmes
II. A maldição dos Baskerville
III. O problema
IV. Sir Henry Baskerville
V. Três fios partidos
VI. O Solar Baskerville
VII. Os Stapleton da Casa Merripit
VIII. Primeiro relatório do dr. Watson
IX. Segundo relatório do dr. Watson
X. Extrato do diário do dr. Watson
XI. O homem sobre o penhasco
XII. Morte na charneca
XIII. Armando as redes
XIV. O cão dos Baskerville
XV. Um retrospecto

Fonte
Sobre o autor

Apresentação

Sir Arthur Conan Doyle (1859-1930) foi médico e escritor. Sua obra contempla gêneros tão diversos quanto a ficção científica, as novelas históricas, a poesia e a não ficção. Sem dúvida, porém, seu maior reconhecimento vem dos contos e romances do detetive Sherlock Holmes e seu fiel parceiro e amigo, o dr. Watson.

Os contos nunca deixaram de ser reimpressos desde que o primeiro deles foi publicado, em 1891, e os romances foram traduzidos para quase todas as línguas. Centenas de atores encarnaram a dupla nos palcos, no rádio e nas telas; revistas e livros sobre o detetive são lançados todo ano; fã-clubes reúnem-se com regularidade. Infinitamente imitado, parodiado e citado, Holmes já foi identificado como uma das três personalidades mais conhecidas do mundo ocidental, ao lado de Mickey Mouse e do Papai Noel.

O cão dos Baskerville, seu caso mais notável, foi publicado em fascículos mensais entre agosto de 1901 e abril de 1902 na *Strand Magazine*, periódico britânico que levou os casos e a figura de Holmes ao grande público. Meses antes do primeiro episódio, Conan Doyle propôs ao editor "a ideia de um sucesso garantido": um romance ambientado na peculiar região de Dartmoor, no oeste da Inglaterra, fonte de muitas lendas e pesadelos. Doyle assassinara Holmes no conto "O problema final" (1893), e consta que a revista sofreu então uma baixa de 20 mil assinaturas, mas o fez ressurgir aqui – seja por razões financeiras, seja porque, como ele afirmava, a história necessitava de um personagem central forte. Não foi, no entanto, propriamente um retorno: a narrativa é rotulada como uma "reminiscência" do detetive, e os pavorosos eventos ocorrem num período indefinido.

Analisando os recursos literários de Conan Doyle, temos uma narrativa que casa perfeitamente diálogo, descrição, caracterização e *timing*. A modéstia aparente de sua linguagem oculta um profundo reconhecimento da complexidade humana. E repare-se como o autor é hábil em "colocar o leitor a meio caminho", como diz John le Carré, entre seus dois grandes protagonistas: Holmes é genial, e o leitor nunca o alcançará (e talvez nem queira); mas nem por isso deve desanimar, pois é mais perspicaz que o dr. Watson…

A presente edição traz o texto publicado originalmente na *Strand Magazine*.

A ele se somam mais de quarenta ilustrações de Sidney Paget, o primeiro, e prolífico, ilustrador das histórias do grande detetive de Baker Street.

I. MR. SHERLOCK HOLMES

MR. SHERLOCK HOLMES, que costumava se levantar muito tarde de manhã, exceto naquelas não raras ocasiões em que passava a noite em claro, estava sentado à mesa do desjejum. Postei-me no tapetinho junto à lareira e peguei a bengala que nosso visitante esquecera ali na noite anterior. Era uma bela e grossa peça de madeira, de castão bulboso, do tipo conhecido como *Penang lawyer*. Logo abaixo do castão havia uma larga faixa de prata, de cerca de dois centímetros e meio. Nela estava gravado: "Para James Mortimer, M.R.C.S., de seus amigos do C.C.H.", com a data "1884". Era exatamente o tipo de bengala que um médico de família antiquado usaria — digna, sólida e tranquilizadora.

"Bem, Watson, que deduz dela?"

Holmes estava sentado de costas para mim, e eu não lhe dera nenhum indício do que eu estava fazendo.

"Como soube o que eu fazia? Parece ter olhos na nuca."

"Tenho, ao menos, um bule de prata bem polido à minha frente", respondeu. "Mas diga-me, Watson, que deduz da bengala do nosso visitante? Uma vez que tivemos o infortúnio de deixá-lo escapar e não fazemos a mínima ideia do que o trazia, esse souvenir inesperado ganha importância. Deixe-me ouvi-lo reconstituir o homem com base num exame dela."

"Penso", disse eu, seguindo até onde podia os métodos de meu companheiro, "que o dr. Mortimer é um médico idoso e bem-sucedido, muito estimado, já que amigos lhe dão esta prova de apreço."

"Bom!" disse Holmes. "Excelente!"

"Creio também que as probabilidades indicam ser ele um médico rural que faz boa parte de suas visitas a pé."

"Por quê?"

"Porque esta bengala, embora originalmente muito elegante, já levou tantas pancadas que mal posso imaginar um clínico da cidade carregando-a. A grossa ponteira de ferro está tão gasta que evidentemente ele já caminhou muito com ela."

“Perfeitamente lógico!” disse Holmes.

“Além disso, há o ‘amigos do C.C.H’. Eu diria que essas iniciais designam o Algo de Caça, o grupo local de caçadores a cujos membros ele possivelmente prestou alguma assistência cirúrgica, e que lhe deram um pequeno presente em retribuição.”

“Realmente, Watson, você se supera”, disse Holmes, empurrando sua cadeira para trás e acendendo um cigarro. “Sou obrigado a dizer que, em todos os relatos que teve a bondade de fazer de minhas pequenas façanhas, em geral você subestimou suas próprias aptidões. É possível que você não seja em si mesmo luminoso, mas é um condutor de luz. Algumas pessoas, sem possuir gênio, têm o notável poder de estimulá-lo. Confesso, meu caro companheiro, que tenho uma dívida muito grande para com você.”

Ele nunca dissera tanto antes, e devo admitir que essas palavras me deram um intenso prazer, pois muitas vezes eu me sentira magoado ante sua indiferença à minha admiração e às minhas tentativas de divulgar os seus métodos. Fiquei orgulhoso, também, ao pensar que dominara seu sistema a ponto de aplicá-lo de uma maneira que merecia sua aprovação. Ele tirou a bengala das minhas mãos e examinou-a por alguns minutos a olho nu. Depois, com uma expressão de interesse, pôs o cigarro de lado e, levando a bengala até a janela, examinou-a de novo com uma lente convexa.



“Examinou-a de novo com uma lente convexa.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1901]

“Interessante, embora elementar”, disse ao voltar ao seu canto favorito do sofá. “Há certamente uma ou duas indicações na bengala. Isto nos dá base para várias deduções.”

“Alguma coisa me escapou?” perguntei com alguma presunção. “Creio não ter deixado passar nada de importante, não é?”

“Temo, meu caro Watson, que a maioria de suas conclusões não tenha fundamento. Quando disse que você me estimulava queria dizer, para ser franco, que ao notar suas falácias eu era ocasionalmente guiado para a verdade. Não que você esteja inteiramente errado neste caso. O homem é certamente um médico rural.”

“Então eu estava certo.”

“Até aí.”

“Mas isso era tudo.”

“Não, meu caro Watson, não tudo — de maneira alguma. Eu sugeriria, por exemplo, que um presente para um médico provém mais provavelmente de um hospital que de um grupo de caçadores, e que, quando as iniciais ‘C.C.’ precedem esse Hospital, as palavras ‘Charing Cross’ se insinuam muito naturalmente.”

“Talvez você tenha razão.”

“As probabilidades apontam nessa direção. E, se tomamos isso como uma hipótese de trabalho, temos uma nova base a partir da qual começar nossa construção do visitante desconhecido.”

“Pois bem, supondo que ‘C.C.H.’ represente de fato ‘Charing Cross Hospital’, que outras inferências podemos fazer?”

“Não há nenhuma se insinuando? Você conhece os meus métodos. Aplique-os!”

“Só consigo pensar na conclusão óbvia de que o homem clinicou na cidade antes de ir para a zona rural.”

“Acho que poderíamos nos aventurar um pouco mais. Veja isso sob esta luz. Em que ocasião seria mais provável que semelhante presente fosse dado? Quando seus amigos se uniriam para lhe dar um penhor de sua estima? Obviamente quando o dr. Mortimer se afastou do serviço do hospital para começar a clinicar por conta própria. Sabemos que houve um presente. Acreditamos que houve uma mudança de um hospital urbano para uma clínica

na zona rural. Nesse caso, seria levar longe demais nossa inferência dizer que o presente foi dado por ocasião da mudança?”

“De fato parece provável.”

“Ora, você deve observar que ele não podia fazer parte do *staff* do hospital, pois somente um médico com uma boa clientela em Londres poderia ocupar tal posição, e um homem assim não se deixaria levar para a zona rural. Que era ele, então? Se estava no hospital mas não pertencia ao *staff*, só podia ser um médico ou um cirurgião residente, pouco mais que um interno. E ele saiu cinco anos atrás — a data está na bengala. Assim seu médico de família circunspecto, de meia-idade, se evapora, meu caro Watson, e surge um rapaz de menos de trinta anos, amável, sem ambição, distraído e dono de um cão de estimação, que eu descreveria grosso modo como maior que um terrier e menor que um mastim.”

Ri incredulamente enquanto Sherlock Holmes se recostava no sofá e soprava pequenos e hesitantes anéis de fumaça para o teto.

“Quanto à última parte, não tenho como conferi-la”, disse eu, “mas pelo menos não é difícil verificar alguns detalhes sobre a idade e a carreira profissional do homem.”

De minha pequena estante de obras de medicina, peguei o *Medical Directory* e localizei o nome. Havia vários Mortimer, mas somente um podia ser nosso visitante. Li a ficha em voz alta:

> Mortimer, James, M.R.C.S., 1882, Grimpen, Dartmoor, Devon. Cirurgião residente de 1882 a 1884 no Charing Cross Hospital. Ganhador do Prêmio Jackson para Anatomia Comparada com o ensaio intitulado “É a doença uma reversão?” Membro correspondente da Sociedade Sueca de Patologia. Autor de “Alguns caprichos do atavismo” (*Lancet*, 1882), “Estamos progredindo?” (*Journal of Psychology*, março de 1883). Médico Encarregado das paróquias de Grimpen, Thorsley e High Barrow.

“Nenhuma menção ao grupo local de caçadores, Watson”, disse Holmes com um sorriso travesso, “mas um médico rural, como você observou muito astutamente. Penso que estou razoavelmente justificado em minhas inferências. Quanto aos adjetivos, eu disse, se bem me lembro, amável, sem ambição e distraído. Minha experiência ensina que neste mundo só um homem amável recebe homenagens, só um homem sem ambição troca uma carreira em Londres pela zona rural e só um homem distraído deixa a bengala e não um cartão de visita após esperar uma hora pelo dono da casa.”

“E o cachorro?”

“Tem o hábito de andar atrás do dono carregando esta bengala. Sendo uma bengala pesada, o cão costuma segurá-la com firmeza pelo meio, e as marcas de seus dentes são muito claramente visíveis. A mandíbula do cão, como o espaço entre estas marcas revela, é larga demais para um terrier, na minha opinião, e não larga o suficiente para um mastim. Poderia ser… sim, por Deus, é um spaniel de pelo ondulado.”

Ele se levantara e andava pela sala enquanto falava. Nesse momento parou no recuo da janela. Havia tal tom de convicção na sua voz que levantei os olhos para ele, surpreso.

“Meu caro companheiro, como pode ter tanta certeza?”

“Pela simples razão de que estou vendo o próprio cachorro aqui mesmo na nossa soleira, e seu dono está tocando a campainha. Não se mexa, eu lhe peço, Watson. Ele é seu confrade, e sua presença me pode ser útil. Agora é o momento dramático do destino, Watson, quando ouvimos na escada passos que vêm entrar em nossa vida, e não sabemos se para o bem ou para o mal. O que vem o dr. James Mortimer, o homem de ciência, pedir a Sherlock Holmes, o especialista em crime? Entre!”

A aparência do nosso visitante foi uma surpresa para mim, já que esperava um típico médico rural. Era um homem bem alto e magro; um nariz comprido e adunco projetava-se entre dois penetrantes olhos cinza, muito juntos, que brilhavam detrás de um par de óculos com aro de ouro. Vestia-se de maneira profissional, mas um tanto desmazelada, pois sua sobrecasaca estava encardida e as calças, puídas. Embora jovem, tinha as longas costas encurvadas e caminhava espichando a cabeça para a frente, com um ar geral de perscrutadora benevolência. Quando entrou, deu com os olhos na bengala na mão de Holmes e correu para ela com uma exclamação de alegria.

“Estou tão contente”, disse. “Não sabia ao certo se a deixara aqui ou na agência marítima. Não gostaria de perder essa bengala por nada neste mundo.”

“Um presente, pelo que vejo”, disse Holmes.



“Deu com os olhos na bengala na mão de Holmes.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1901]

“Sim, senhor.”

“Do Charing Cross Hospital?”

“De um ou dois amigos de lá, por ocasião do meu casamento.”

“Ai, ai, isso é mau!” disse Holmes, sacudindo a cabeça.

O dr. Mortimer relanceou-o através de seus óculos, um tanto espantado.

“Mau por quê?”

“Apenas porque o senhor abalou nossas pequenas deduções. Disse seu casamento?”

“Sim, senhor. Casei-me, por isso deixei o hospital, e com ele todas as esperanças de um consultório. Tive de criar um lar para mim.”

“Bem, bem, não estamos assim tão errados, afinal de contas”, disse Holmes. “E agora, dr. James Mortimer…”

“Senhor, por favor, senhor… um humilde M.R.C.S.”

“E um homem de mente precisa, evidentemente.”

“Um diletante da ciência, Mr. Holmes, um catador de conchas nas praias do vasto e ignoto oceano. Presumo que é a Mr. Sherlock Holmes que estou me dirigindo, e não…”

“Não, esse é o meu amigo dr. Watson.”

“Prazer em conhecê-lo, senhor. Ouvi menção a seu nome em conexão com o de seu amigo. O senhor me interessa muito, Mr. Holmes. De fato eu não esperava um crânio tão dolicocéfalo ou um desenvolvimento supraorbital tão acentuado. Faria alguma objeção a que eu passe o dedo por sua fissura parietal?

Um molde de seu crânio, até que o original fique disponível, seria um ornamento para qualquer museu antropológico. Sem querer bajulá-lo, eu cobiço o seu crânio."

Sherlock Holmes apontou uma cadeira para nosso estranho visitante.

"Posso perceber que o senhor é um entusiasta em sua linha de pensamento, como eu na minha", disse. "Observo por seu dedo indicador que faz seus próprios cigarros. Não hesite em acender um."

O homem tirou papel e fumo e enrolou um no outro com surpreendente destreza. Tinha dedos longos, trêmulos, ágeis e inquietos como as antenas de um inseto.

Holmes mantinha-se em silêncio, mas suas olhadelas penetrantes mostravam-me o interesse que sentia por nosso curioso visitante.

"Presumo, senhor", disse por fim, "que não foi apenas com o objetivo de examinar o meu crânio que me deu a honra de sua visita ontem à noite e novamente hoje?"

"Não, senhor, não; embora esteja feliz por ter a oportunidade de fazer isso também. Vim procurá-lo, Mr. Holmes, porque reconheço ser eu mesmo um homem inábil e porque me vejo subitamente confrontado com um problema extremamente grave e extraordinário. Reconhecendo, como o faço, que o senhor é o segundo maior especialista na Europa…"

"É mesmo, senhor? Posso lhe perguntar quem tem a honra de ser o primeiro?" perguntou Holmes com alguma aspereza.

"Para o homem de mente rigorosamente científica, o trabalho de Monsieur Bertillon."

"Nesse caso não seria melhor consultá-lo?"

"Eu disse, senhor, para a mente rigorosamente científica. Mas, como homem de negócios de espírito prático, é voz geral que ninguém o iguala. Espero, senhor, não ter inadvertidamente…"

"Só um pouco", disse Holmes. "Penso, dr. Mortimer, que faria bem se, sem mais delongas, tivesse a bondade de me dizer claramente qual é a natureza exata do problema em que solicita meus préstimos."

II. A MALDIÇÃO DOS BASKERVILLE

“TENHO UM MANUSCRITO NO BOLSO”, disse o dr. James Mortimer.

“Reparei quando entrou na sala”, disse Holmes.

“É um manuscrito antigo.”

“Início do século XVIII, a menos que seja uma fraude.”

“Como sabe?”

“O senhor exibiu uns cinco centímetros dele ao meu exame durante todo o tempo em que esteve falando. Só um pífio especialista não conseguiria dar a data de um documento com uma margem de erro de cerca de uma década. Talvez tenha lido minha pequena monografia sobre o assunto. Eu o dato de 1730.”

“A data exata é 1742.” O dr. Mortimer puxou-o do bolso interno do paletó. “Este documento de família foi confiado aos meus cuidados por Sir Charles Baskerville, cuja morte repentina e trágica há cerca de três meses gerou tanta comoção em Devonshire. Posso dizer que eu era seu amigo pessoal, bem como seu médico. Ele era um homem resoluto, senhor, sagaz, prático e tão desprovido de imaginação como eu próprio. No entanto levava este documento muito a sério, e sua mente estava preparada exatamente para um fim como o que acabou lhe sobrevindo.”

Holmes estendeu a mão para o manuscrito e alisou-o sobre o joelho.

“Você observará, Watson, o uso alternado do *s* longo e curto. Esta é uma das várias indicações que me permitiram fixar a data.”

Olhei por sobre seu ombro o papel amarelo e a escrita desbotada. No cabeçalho lia-se: “Solar Baskerville”, e abaixo em números garatujados: “1742.”

“Parece uma espécie de relato.”

“Sim, é o relato de certa lenda que corre na família Baskerville.”

“Mas suponho que é sobre alguma coisa mais recente e prática que deseja me consultar?”

“Muitíssimo recente. Um assunto extremamente prático, urgente, que deve ser decidido dentro de vinte e quatro horas. Mas o manuscrito é curto e tem estreita relação com o caso. Permita-me lê-lo para o senhor.”

Holmes recostou-se na cadeira, uniu as pontas dos dedos e fechou os olhos, com ar resignado. O dr. Mortimer virou o manuscrito para a luz e leu com uma voz alta e aguda esta curiosa e antiquada narrativa:

> Sobre a origem do Cão dos Baskerville, houve muitos relatos, mas como descendente em linha direta de Hugo Baskerville, e tendo ouvido a história de meu pai, que também a ouviu do seu, registrei-a com toda a convicção de que ocorreu tal como é aqui relatada. E gostaria que acreditásseis, meus filhos, que a mesma Justiça que pune o pecado pode também misericordiosamente perdoá-lo, e que nenhuma condenação é tão pesada que não possa, mediante a prece e o arrependimento, ser suspensa. Aprendei, pois, com esta história a não temer os frutos do passado, mas a serdes antes prudentes no futuro, a fim de que essas paixões torpes pelas quais nossa família sofreu tão atrozmente não venham a ser novamente libertadas para nossa ruína.



"O dr. Mortimer virou o manuscrito para a luz e leu."
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1901]

> Saibam que no tempo da Grande Rebelião (cujo registro pelo culto Lord Clarendon eu recomendo sinceramente à vossa atenção) esta Herdade de Baskerville pertencia ao Hugo desse nome, e ninguém pode negar que ele era um homem dos mais desregrados, profanos e ímpios. Isso, na verdade, seus vizinhos poderiam ter perdoado, uma vez que santos nunca floresceram naquelas plagas, mas havia nele certa disposição insolente e cruel que tornou seu nome proverbial no Oeste. Por acaso esse Hugo veio a amar (se é que paixão tão funesta merece nome tão luminoso) a filha do proprietário de

terras próximas às de Baskerville. Mas a jovem donzela, sendo judiciosa e de boa reputação, sempre o evitava, pois temia sua má fama. Ocorreu então que num dia de São Miguel esse Hugo, com cinco ou seis de seus companheiros ociosos e devassos, penetrou às escondidas na fazenda e raptou a donzela, o pai e os irmãos dela estando fora de casa, como ele bem sabia. Depois de a levarem para o Solar, instalaram a donzela num quarto do andar superior, enquanto Hugo e seus amigos se entregavam a uma longa bebedeira, como era seu costume todas as noites. Ora, a pobre moça no andar de cima ficou quase ensandecida com a cantoria, os gritos e as terríveis blasfêmias que lhe chegavam de baixo, pois dizem que as palavras usadas por Hugo Baskerville, quando embriagado, eram tais que podiam arruinar o homem que as proferia. Por fim, na tensão de seu medo, ela fez aquilo que poderia ter intimidado o mais corajoso e ágil dos homens, pois, com ajuda da hera que cobria (e ainda cobre) a parede sul, desceu pendurando-se no beiral, e rumou para casa através da charneca, três léguas separando o Solar da fazenda de seu pai.

Ocorreu que pouco depois Hugo deixou seus convidados para levar comida e bebida — com outras coisas piores, talvez — à sua cativa, e descobriu que a gaiola estava vazia e a ave fugira. Então, ao que parece, ficou como que endemoniado, pois, correndo escada abaixo para a sala de jantar, saltou sobre a grande mesa, jarras e travessas voando diante de si, e gritou diante de todo o grupo que, se conseguisse alcançar a moça, entregaria seu corpo e sua alma às Forças do Mal naquela noite mesmo. E, enquanto os pândegos se horrorizavam com a fúria do homem, um mais perverso, ou talvez mais bêbado, gritou que deviam pôr os cães atrás dela. Diante disso Hugo saiu correndo da casa, gritando para seus cavalariços que selassem sua égua e soltassem a matilha. E, dando aos cães um lenço da donzela, atiçou-os, fazendo-os sair em grande velocidade pela charneca enluarada.

Ora, por algum tempo os pândegos permaneceram boquiabertos, incapazes de compreender tudo o que fora feito em tamanha pressa. Mas logo seus espíritos confusos tomaram consciência do ato que estava prestes a ter lugar nas charnecas. Fez-se então um grande alvoroço, alguns pedindo suas pistolas, outros seus cavalos, outros ainda uma garrafa de vinho. Mas por fim algum juízo retornou às suas mentes desvairadas, e todos eles, treze no total, montaram seus cavalos e iniciaram a perseguição. Sob a luz da lua, cavalgaram rapidamente ombro a ombro, fazendo o caminho que a donzela devia ter tomado se quisesse chegar à sua casa.

Haviam percorrido dois ou três quilômetros quando passaram por um dos

pastores da noite nas charnecas e lhe perguntaram aos gritos se vira a caçada. E o homem, segundo contam, ficou tão transtornado de medo que mal conseguiu falar, mas por fim disse que de fato vira a infeliz donzela com os cães em seu rastro. “Mas vi mais do que isso”, disse ele, “pois Hugo Baskerville passou por mim em sua égua negra, e atrás dele corria em silêncio um cão dos infernos que Deus permita eu jamais tenha em meus calcanhares.”

Assim os fidalgos bêbados amaldiçoaram o pastor e seguiram adiante. Mas logo suas peles se enregelaram, porque ouviram um som de galope pela charneca, e a égua negra, borrifada de espuma branca, passou arrastando as rédeas e com a sela vazia. Então os pândegos passaram a cavalgar bem juntos, tomados por grande medo, mas continuaram seguindo pela charneca, se bem que cada um, se estivesse sozinho, teria ficado muito contente de dar meia-volta em seu cavalo. Cavalgando lentamente dessa maneira, por fim alcançaram os cães. Estes, embora conhecidos por sua coragem e sua raça, ganiam amontoados no alto de um profundo barranco na charneca, alguns se esquivando e alguns com o pelo eriçado e olhos arregalados, fitando o estreito vale diante de si.

O grupo havia parado, mais sóbrio, como podeis imaginar, do que ao partir. A maioria não queria de modo algum avançar, mas três deles, os mais audazes, ou talvez os mais bêbados, seguiram em frente, barranco abaixo. Ora, ele se abria num amplo espaço em que havia duas daquelas grandes pedras, que ainda podem ser vistas ali, colocadas por povos esquecidos em tempos antigos. A lua brilhava sobre a clareira, em cujo centro jazia a infeliz donzela onde caíra, morta de medo e fadiga. Mas não foi a visão de seu corpo, nem mesmo a do corpo de Hugo Baskerville, estendido perto dela, que arrepiou aqueles três fanfarrões atrevidos: foi que, em cima de Hugo, e agarrado à sua garganta, via-se uma coisa horrenda, uma fera enorme e negra, com a forma de um cão de caça, porém maior que qualquer cão em que os olhos de um mortal já pousaram. E, no momento mesmo em que olhavam, a coisa arrancou parte do pescoço de Hugo Baskerville, e, quando ela virou os olhos chamejantes e a boca ensanguentada para eles, os três gritaram de medo e fugiram em desespero pela charneca, ainda aos gritos. Conta-se que um morreu na própria noite do que vira, e os outros dois ficaram inválidos pelo resto de seus dias.

Esta é a história, meus filhos, da chegada do cão que desde então teria atormentado a família tão dolorosamente. Se a registrei por escrito foi porque o que é claramente conhecido aterroriza menos que o apenas

insinuado e imaginado. Não se pode tampouco negar que muitos da família foram infelizes em suas mortes, perecendo de modos repentinos, sangrentos e misteriosos. Podemos no entanto nos abrigar na infinita bondade da Providência, que não puniria para sempre os inocentes além daquela terceira ou quarta geração que é ameaçada nas Sagradas Escrituras. A essa Providência, meus filhos, eu vos confio, aconselhando-vos, por medida de cautela, a evitar cruzar a charneca naquelas horas escuras em que as forças do mal estão exaltadas. [De Hugo Baskerville para seus filhos Rodger e John, com instruções para que nada digam a respeito a sua irmã Elizabeth.]



“Em cima de Hugo, e agarrado à sua garganta, via-se uma fera enorme e negra.”
[Richard Gutschmidt, *Der Hund von Baskerville*, Stuttgart: Robert Lutz Verlag, 1903]

Ao terminar a leitura desta singular narrativa, o dr. Mortimer empurrou os óculos para a testa e encarou Mr. Sherlock Holmes. Este bocejou e jogou a ponta do cigarro na lareira.

“Bem?” perguntou.

“Isto não lhe parece interessante?”

“Para um colecionador de contos de fadas.”

O dr. Mortimer tirou do bolso um jornal dobrado. “Agora, Mr. Holmes, vamos lhe dar algo um pouco mais recente. Este é o *Devon County Chronicle* de 14 de junho deste ano. É um breve relato dos fatos que vieram à tona quando da morte de Sir Charles Baskerville, ocorrida alguns dias antes dessa data.”

Meu amigo inclinou-se um pouco para a frente e assumiu uma expressão

atenta. Nosso visitante reajustou os óculos e começou:

> A recente e súbita morte de Sir Charles Baskerville, cujo nome foi mencionado como o provável candidato liberal para Mid-Devon nas próximas eleições, mergulhou o condado em tristeza. Embora Sir Charles tenha residido no Solar Baskerville por um tempo relativamente curto, sua amabilidade de caráter e extrema generosidade lhe valeram a afeição e o respeito de todos que entraram em contato com ele. Nestes dias de *nouveaux riches*, é revigorante encontrar um caso em que o rebento de uma antiga família do condado acometida pela adversidade é capaz de fazer sua própria fortuna e trazê-la de volta consigo para restaurar a grandeza decaída de sua linhagem. Sir Charles, como é bem sabido, ganhou vultosas somas de dinheiro em especulações sul-africanas. Mais prudente que aqueles que prosseguem até que a roda da fortuna se volte contra eles, converteu seus ganhos em dinheiro e os trouxe de volta para a Inglaterra. Faz apenas dois anos que passou a residir no Solar Baskerville, e é voz corrente que grandes projetos de reconstrução e melhoramentos foram interrompidos por sua morte. Não tendo filhos, era seu desejo manifesto que toda a região, durante sua vida, se beneficiasse de sua boa fortuna, e muitos terão razões pessoais para lastimar seu fim extemporâneo. Suas generosas doações a obras de caridade locais e do condado foram frequentemente narradas nestas colunas.
>
> Não podemos dizer que as circunstâncias relacionadas ao fim de Sir Charles foram inteiramente elucidadas pelo inquérito, mas pelo menos foi feito o suficiente para dissipar os rumores a que a superstição local deu origem. Não há qualquer razão para se suspeitar de perfídia, ou para se imaginar que a morte possa ter sido produzida por outra coisa senão causas naturais. Sir Charles era um viúvo, e um homem de quem se pode dizer que tinha disposições um tanto excêntricas. Apesar de sua considerável riqueza era simples em seus gostos pessoais, e sua criadagem no Solar Baskerville se resumia a um casal chamado Barrymore, o marido servindo como mordomo e a mulher como empregada. Seus testemunhos, corroborados pelos de vários amigos, tendem a mostrar que a saúde de Sir Charles estava prejudicada havia algum tempo, e apontam especialmente para alguma afecção do coração, que se manifestava em mudanças de cor, falta de ar e ataques agudos de depressão nervosa. O dr. James Mortimer, amigo e médico do falecido, testemunhou no mesmo sentido.
>
> Os fatos do caso são simples. Todos os dias, antes de se deitar, Sir Charles Baskerville costumava caminhar pela famosa Aleia de Teixos do Solar

Baskerville. O testemunho dos Barrymore mostra que esse era seu hábito. No dia 4 de junho, Sir Charles declarou a intenção de partir no dia seguinte para Londres, e ordenou a Barrymore que preparasse a sua bagagem. Nessa noite, saiu como de costume para uma caminhada noturna, durante a qual tinha o hábito de fumar um charuto. Nunca mais voltou. À meia-noite Barrymore, encontrando a porta do solar ainda aberta, ficou alarmado e, acendendo uma lanterna, saiu à procura do patrão. O dia fora chuvoso, ele pôde seguir facilmente as pegadas de Sir Charles pela Aleia e, na extremidade dela, encontrou o corpo. Um fato não explicado foi a declaração de Barrymore de que as pegadas de seu patrão se modificaram a partir do momento em que ele transpôs o portão da charneca, e que desse ponto em diante ele parecia ter caminhado na ponta dos pés. Um tal de Murphy, negociante de cavalos cigano, encontrava-se na charneca naquela hora, não muito longe dali, mas, segundo sua própria confissão, estava um pouco tocado. Ele declara ter ouvido gritos, mas é incapaz de indicar de que direção vinham. Nenhum sinal de violência pôde ser descoberto no corpo de Sir Charles, e, embora o depoimento do médico indique uma distorção facial quase inacreditável — tão grande que a princípio o dr. Mortimer se recusou a acreditar ser de fato seu amigo e paciente que jazia diante de si —, foi explicado que esse é um sintoma não incomum em casos de dispneia e morte por exaustão cardíaca. Essa explicação foi ratificada pelo exame *post-mortem*, que revelou uma antiga doença orgânica, e o júri de instrução pronunciou um veredicto de acordo com o parecer do médico. É bom que seja assim, porque obviamente é da máxima importância que o herdeiro de Sir Charles se instale no Solar e dê prosseguimento ao bom trabalho tão tristemente interrompido. Não tivesse o prosaico veredicto do magistrado posto um fim definitivo às histórias românticas sussurradas em ligação com o caso, poderia ter sido difícil encontrar um morador para o Solar Baskerville. Ao que se sabe, o parente mais próximo é Mr. Henry Baskerville, se ainda estiver vivo, filho do irmão mais moço de Sir Charles Baskerville. Quando se teve notícia dele pela última vez, o rapaz estava na América, e diligências vêm sendo feitas no sentido de informá-lo de sua boa sorte.

O dr. Mortimer dobrou de novo o jornal e o enfiou de volta no bolso.

“São estes, Mr. Holmes, os fatos públicos vinculados à morte de Sir Charles Baskerville.”

“Devo agradecer-lhe”, disse Sherlock Holmes, “por chamar minha atenção

para um caso que sem dúvida apresenta algumas características de interesse. Na época eu havia atentado para alguns comentários no jornal, mas estava extremamente preocupado com aquele pequeno caso dos camafeus do Vaticano, e na minha ânsia por servir ao papa perdi contato com vários casos ingleses interessantes. Esse artigo, pelo que diz, contém todos os fatos públicos?”

“Contém.”

“Então conte-me os privados.” Recostou-se, uniu as pontas dos dedos e assumiu sua expressão mais impassível e crítica.

“Ao fazê-lo”, disse o dr. Mortimer, que começava a dar mostras de forte emoção, “estou contando aquilo que não confidenciei a ninguém. Meu motivo para deixar de revelar isso ao júri de instrução é que um homem de ciência reluta em parecer estar endossando publicamente uma superstição popular. Tive o motivo adicional de que o Solar Baskerville, como dizem os jornais, permaneceria certamente desabitado se algo fosse feito para piorar sua reputação já soturna. Por estas duas razões julguei-me no direito de dizer bem menos do que sabia, já que nenhum bem prático poderia resultar disso; com o senhor, porém, não há nenhuma razão para que eu não seja perfeitamente franco.

“A charneca é escassamente habitada, e os vizinhos são levados a ter um grande convívio. Por isso, eu estava frequentemente com Sir Charles Baskerville. Com exceção de Mr. Frankland, do Solar Lafter, e Mr. Stapleton, o naturalista, não havia nenhum outro homem instruído em muitos quilômetros. Sir Charles era um homem reservado, mas o acaso de sua doença nos aproximou, e interesses comuns pela ciência nos mantiveram unidos. Ele trouxera muita informação científica da África do Sul, e passamos vários serões encantadores juntos, discutindo a anatomia comparada dos boxímanes e dos hotentotes.

“Nos últimos meses, ficou cada vez mais claro para mim que o sistema nervoso de Sir Charles estava à beira de um colapso. Ele havia levado demasiado a sério essa lenda que li para o senhor — tanto assim que, embora caminhasse em suas próprias terras, nada o induziria a sair para a charneca à noite. Por incrível que isto possa lhe parecer, Mr. Holmes, ele estava sinceramente convencido de que um destino pavoroso ameaçava sua família, e de fato os registros que era capaz de apresentar sobre seus ancestrais não eram encorajadores. A ideia de uma presença horripilante assombrava-o constantemente, e em mais de uma ocasião ele me perguntou se alguma vez, em minhas jornadas noturnas para fazer visitas médicas, eu vira alguma criatura estranha ou ouvira o latido de um cão. Fez-me esta última pergunta várias vezes, sempre num tom de voz que vibrava de nervosismo.

“Lembro-me perfeitamente de ter ido à sua casa uma noite, cerca de três semanas antes do evento fatal. Por acaso ele estava à porta de seu solar. Eu descera de meu cabriolé e estava de pé diante dele, quando vi seus olhos se fixarem acima de meu ombro, e olharem além de mim com uma expressão do mais intenso horror. Virei-me depressa e só tive tempo de vislumbrar uma coisa que tomei por um grande bezerro preto passando no alto da entrada para carros. Ele ficou tão aflito e alarmado que foi compelido a caminhar até o local por onde o animal passara e procurá-lo nas cercanias. Mas havia desaparecido, e o incidente pareceu causar a pior impressão em sua mente. Passei todo o serão com ele, e foi nessa ocasião, para explicar a emoção que demonstrara, que confiou à minha guarda aquela narrativa que li para o senhor ao chegar. Menciono este pequeno episódio porque ele assume alguma importância à luz da tragédia que se seguiu, mas na época eu estava convencido de que o assunto era inteiramente trivial e que a ansiedade dele não tinha justificação.



“Vi seus olhos se fixarem acima de meu ombro.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1901]

“Era a meu conselho que Sir Charles estava prestes a partir para Londres. Seu coração, eu sabia, estava afetado, e a constante inquietação em que ele vivia, por mais quimérica que fosse a sua causa, estava evidentemente tendo um sério efeito sobre sua saúde. Pensei que após alguns meses em meio às distrações da cidade poderia retornar um novo homem. Mr. Stapleton, um amigo comum, também muito preocupado com seu estado de saúde, foi da mesma opinião. No último instante sobreveio essa terrível catástrofe.



“Sir Charles estava deitado de bruços, os braços abertos, os dedos enterrados no chão…”

[Richard Gutschmidt, *Der Hund von Baskerville*, Stuttgart: Robert Lutz Verlag, 1903]

“Na noite da morte de Sir Charles, Barrymore, o mordomo, que fez a descoberta, mandou Perkin, o cavalariço, sair a cavalo para me buscar, e, como eu ficara acordado até tarde, pude chegar ao Solar Baskerville menos de uma hora após o ocorrido. Verifiquei e corroborei todos os fatos mencionados no inquérito. Segui as pegadas pela Aleia de Teixos, vi o ponto no portão da charneca onde ele parecia ter esperado, observei a mudança na forma das pegadas depois desse ponto, notei que não havia outras exceto as de Barrymore no cascalho macio, e por fim examinei cuidadosamente o corpo, que não fora tocado até a minha chegada. Sir Charles estava deitado de bruços, os braços abertos e os dedos enterrados no chão; tinha os traços a tal ponto convulsionados por uma forte emoção que dificilmente eu teria podido atestar sua identidade. Não havia decerto nenhum tipo de ferimento físico. Mas Barrymore fez uma declaração falsa no inquérito. Ele disse que não havia rastros no solo em volta do corpo. Ele não observou nenhum. Mas eu, sim — um tanto distantes, mas recentes e nítidos.”

“Pegadas?”

“Pegadas.”

“De homem ou de mulher?”

O dr. Mortimer olhou-nos estranhamente por um instante, e sua voz era quase um sussurro quando respondeu:

“Eram as pegadas de um gigantesco cão de caça, Mr. Holmes!”

III. O PROBLEMA

CONFESSO QUE A ESSAS PALAVRAS senti um calafrio. Havia na voz do médico uma emoção que mostrava estar ele próprio profundamente comovido com o que nos contava. Holmes inclinou-se para a frente em sua ansiedade, e seus olhos tinham o brilho duro e seco que ganhavam quando ele estava vivamente interessado.

"O senhor viu isso?"

"Tão claramente como o vejo."

"E não disse nada?"

"De que adiantaria?"

"Por que ninguém mais viu isso?"

"As marcas estavam a uns vinte metros do corpo, e ninguém lhes deu a menor atenção. Creio que eu também não teria dado, se não conhecesse essa lenda."

"Há muitos cães pastores na charneca."

"Sem dúvida, mas aquilo não era um cão pastor."

"Disse que era grande?"

"Enorme."

"Mas não tinha se aproximado do corpo?"

"Não."

"Como estava a noite?"

"Úmida e fria."

"Mas não chovia?"

"Não."

"Como é a aleia?"

"Há duas linhas de uma velha sebe de teixos, com mais de três metros e meio de altura e impenetrável. O caminho, no centro, tem cerca de dois metros e meio de largura."

"Há alguma coisa entre as sebes e o caminho?"

“Sim, há uma faixa de relva de cerca de um metro e oitenta de cada lado.”

“Pelo que entendi, a sebe de teixos é interrompida num ponto por um portão?”

“Sim, a cancela que dá para a charneca.”

“Há alguma outra abertura?”

“Nenhuma.”

“Assim, para chegar à Aleia de Teixos é preciso tomá-la a partir da casa, ou entrar nela pelo portão da charneca?”

“Há uma saída através de um chalé na extremidade oposta.”

“Sir Charles chegara até lá?”

“Não; estava a uns cinquenta metros.”

“Agora, diga-me, dr. Mortimer — e isto é importante —, as marcas que viu estavam no caminho e não na relva?”

“Não se via nenhuma marca na relva.”

“Elas estavam do mesmo lado do caminho em que fica o portão da charneca?”

“Sim; estavam na beira do caminho no mesmo lado do portão da charneca.”

“O senhor está me deixando extraordinariamente interessado. A cancela estava fechada?”

“Fechada e trancada com cadeado.”

“Que altura tem ela?”

“Cerca de um metro e vinte.”

“Então qualquer pessoa poderia passar por cima dela?”

“Sim.”

“E que marcas viu junto da cancela?”

“Nenhuma em particular.”

“Valha-me Deus! Ninguém examinou?”

“Sim, eu mesmo examinei.”

“E não encontrou nada?”

“Estava tudo muito confuso. Sir Charles evidentemente permanecera de cinco a dez minutos ali.”

“Como sabe?”

“A cinza do seu charuto havia caído duas vezes.”

“Excelente! Este é um colega, Watson, como poderíamos desejar. Mas e as

marcas?”

“Ele havia deixado suas próprias marcas por todo aquele pequeno trecho de cascalho. Não pude discernir nenhuma outra.”

Sherlock Holmes bateu a mão contra o joelho num gesto de impaciência.

“Se pelo menos eu tivesse estado lá!” exclamou. “Trata-se evidentemente de um caso de extraordinário interesse, e que apresentou imensas oportunidades ao especialista científico. Aquela página de cascalho em que eu teria podido ler tanta coisa ficou há muito borrada pela chuva e obliterada pelos tamancos de camponeses curiosos. Oh, dr. Mortimer, dr. Mortimer, pensar que o senhor não me chamou! Tem realmente que prestar contas por muita coisa.”



“Tem realmente que prestar contas por muita coisa.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1901]

“Eu não poderia chamá-lo, Mr. Holmes, sem revelar estes fatos para o mundo, e já dei minhas razões para não desejar fazê-lo. Além disso, além disso…”

“Por que hesita?”

“Há uma esfera em que o mais arguto e experiente dos detetives é impotente.”

“Está querendo dizer que a coisa é sobrenatural?”

“Não disse isso.”

“Não, mas é evidente que o pensa.”

“Desde a tragédia, Mr. Holmes, chegaram a meus ouvidos muitos incidentes difíceis de conciliar com a ordem estabelecida da natureza.”

“Por exemplo?”

“Descobri que antes do terrível evento várias pessoas tinham visto na charneca uma criatura que corresponde a esse demônio de Baskerville, e que não teria podido ser nenhum animal conhecido pela ciência. Todas elas concordam que é uma criatura enorme, luminosa, horrível e espectral. Interroguei esses homens, um deles um camponês perspicaz, outro um ferreiro e outro um fazendeiro da charneca, que contam todos a mesma história dessa medonha aparição, correspondendo exatamente ao monstro da lenda. Eu lhe asseguro que o distrito está sob o domínio do terror, e que só um homem intrépido ousaria atravessar a charneca à noite.”

“E o senhor, um instruído homem de ciência, acredita que isso é sobrenatural?”

“Não sei em que acreditar.”

Holmes deu de ombros. “Até agora limitei minhas investigações a este mundo”, disse. “De uma maneira modesta, combati o mal, mas enfrentar o próprio Pai do Mal seria, talvez, uma tarefa ambiciosa demais. No entanto o senhor deve admitir que a pegada é material.”

“O cão original era material o bastante para arrancar a garganta de um homem, e no entanto era também diabólico.”

“Vejo que o senhor se passou inteiramente para os sobrenaturalistas. Mas agora me explique, dr. Mortimer: se sustenta essas ideias, por que veio me consultar afinal de contas? No mesmo fôlego, o senhor me diz que é inútil investigar a morte de Sir Charles e que deseja que eu o faça.”

“Não disse que desejava que fizesse.”

“Mas então como posso ajudá-lo?”

“Aconselhando-me quanto ao que fazer com Sir Henry Baskerville, que vai chegar na Waterloo Station” — o dr. Mortimer consultou seu relógio — “exatamente daqui a uma hora e um quarto.”

“É o herdeiro?”

“Sim. Após a morte de Sir Charles, procuramos localizar esse jovem cavalheiro e descobrimos que era fazendeiro no Canadá. Pelas notícias que nos chegaram é um excelente sujeito em todos os aspectos. Falo agora não como médico, mas como fiduciário e executor do testamento de Sir Charles.”

“Não há nenhum outro demandante, presumo?”

“Nenhum. O único outro parente que conseguimos descobrir foi Rodger Baskerville, o mais novo dos três irmãos dos quais o pobre Sir Charles era o mais velho. O segundo irmão, que morreu jovem, é o pai desse jovem Henry. O terceiro, Rodger, era a ovelha negra da família. Pertencia à velha cepa arrogante

dos Baskerville, e era a própria imagem, ao que me contam, do retrato de família do velho Hugo. Tornou sua vida na Inglaterra impossível para si, fugiu para a América Central e lá morreu em 1876 de febre amarela. Henry é o último dos Baskerville. Em uma hora e cinco minutos vou encontrá-lo na Waterloo Station. Recebi um telegrama dizendo que ele chegou a Southampton esta manhã. E agora, Mr. Holmes, que me aconselharia a fazer com ele?”

“Por que ele não deveria ir para o lar de seus ancestrais?”

“Parece natural, não é? No entanto, considere que cada Baskerville que vai para lá encontra um destino funesto. Tenho certeza de que, se Sir Charles tivesse podido falar comigo antes de sua morte, teria me recomendado não levar esse jovem, o último remanescente da velha raça, e o herdeiro de grande fortuna, para aquele lugar fatídico. No entanto, não se pode negar que a prosperidade de toda aquela pobre e árida região depende da presença dele. Todo o bom trabalho feito por Sir Charles cairá por terra se não houver nenhum morador no Solar. Temo ser excessivamente influenciado por meu óbvio interesse pessoal no assunto, e é por isso que vim lhe apresentar o caso e pedir seu conselho.”

Holmes refletiu por alguns instantes. “Em poucas palavras, a questão é a seguinte”, disse. “Em sua opinião há uma força diabólica que faz de Dartmoor uma residência insegura para um Baskerville — é esta a sua opinião?”

“Eu chegaria pelo menos a dizer que há alguns indícios de que pode ser assim.”

“Exatamente. Mas com certeza, se sua teoria sobrenatural estiver correta, ela poderia causar dano ao rapaz em Londres tão facilmente quanto em Devonshire. Um demônio com poderes meramente locais, como um conselho paroquial, seria algo inteiramente inconcebível.”

“O senhor expõe o assunto de maneira mais irreverente, Mr. Holmes, do que provavelmente o faria se entrasse em contato pessoal com essas coisas. Seu parecer então, pelo que entendo, é que o jovem estará tão seguro em Devonshire quanto em Londres. Ele chega em cinquenta minutos. O que recomendaria?”

“Recomendo, senhor, que pegue um carro de aluguel, chame seu spaniel que está arranhando minha porta da frente e prossiga até Waterloo para esperar Sir Henry Baskerville.”

“E depois?”

“Depois o senhor não lhe dirá absolutamente nada até que eu tenha tomado uma decisão sobre o assunto.”

“Quanto tempo levará para tomar uma decisão?”

“Vinte e quatro horas. Amanhã às dez horas, Mr. Mortimer, eu lhe ficarei

muito agradecido se vier ter comigo aqui, e será útil para meus planos para o futuro que traga Sir Henry Baskerville consigo.”

“Farei isso, Mr. Holmes.”

Ele anotou a hora marcada no punho da camisa e saiu depressa à sua maneira estranha, perscrutadora e distraída. Holmes o deteve no alto da escada.

“Só mais uma pergunta, dr. Mortimer. O senhor disse que antes da morte de Sir Charles Baskerville mais de uma pessoa tinha visto essa aparição na charneca?”

“Três pessoas.”

“Alguma delas a viu depois?”

“Não ouvi falar de nenhuma.”

“Muito obrigado. Bom dia.”

Holmes voltou para sua poltrona com aquele ar sereno de satisfação íntima que significava que tinha uma tarefa agradável diante de si.

“Vai sair, Watson?”

“A menos que possa ajudá-lo.”

“Não, meu caro amigo, é na hora da ação que recorro à sua ajuda. Mas isto é esplêndido, realmente incomparável de alguns pontos de vista. Quando passar por Bradley, poderia lhe pedir que me envie uma libra do fumo grosso mais forte? Obrigado. Seria muito bom também, se não lhe for inconveniente, que voltasse antes da noite. Então gostaria muito de comparar nossas impressões acerca desse interessantíssimo problema que nos foi apresentado esta manhã.”



“Ele anotou a hora marcada no punho da camisa.”

[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1901]

Eu sabia que isolamento e solidão eram imprescindíveis para meu amigo nessas horas de intensa concentração mental, durante as quais ponderava cada partícula de evidência, construía teorias alternativas, comparava umas com as outras e decidia quais eram os pontos essenciais e quais os irrelevantes. Passei portanto o dia em meu clube, e não voltei a Baker Street até a noite. Eram quase nove horas quando me vi novamente na sala de estar.

Minha primeira impressão ao abrir a porta foi que irrompera um incêndio, pois a sala estava de tal forma tomada pela fumaça que mal se via a luz da lâmpada sobre a mesa. Quando entrei, contudo, meus temores se aquietaram, pois foram as emanações acres do fumo forte e ordinário que me atacaram a garganta e me fizeram tossir. Através da névoa tive uma vaga visão de Holmes em seu roupão, enroscado numa poltrona com seu cachimbo preto de barro nos lábios.

“Apanhou um resfriado, Watson?” perguntou ele.

“Não, é esta atmosfera venenosa.”

“Suponho que *está* bastante carregada, agora que você menciona isso.”

“Carregada! Está intolerável!”

“Abra a janela, então! Passou o dia todo no seu clube, pelo que vejo.”

“Meu caro Holmes!”

“Estou certo?”

“Sem dúvida, mas como…?”

Ele riu da minha expressão aturdida.

“Há em você uma deliciosa bisonhice, que torna um prazer exercer quaisquer pequenos poderes que eu possua à sua custa. Um cavalheiro sai num dia chuvoso e lamacento. Volta à noite imaculado, com o brilho ainda intacto em seu chapéu e em suas botinas. Passou, portanto, o dia todo no mesmo lugar. Não é homem que tenha amigos íntimos. Onde, então, teria estado? Não é óbvio?”

“Bem, é bastante óbvio.”

“O mundo está cheio de coisas óbvias que ninguém jamais observa. Onde pensa que estive?”

“Num mesmo lugar também.”



“Cá está o Solar Baskerville, no meio.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1901]

“Pelo contrário. Estive em Devonshire.”

“Em espírito?”

“Exatamente. Meu corpo permaneceu aqui nesta poltrona; e, lamento observar, consumiu na minha ausência dois grandes bules de café e uma incrível quantidade de tabaco. Depois que você saiu, mandei buscar no Stamford’s o mapa Ordnance dessa porção da charneca, e meu espírito pairou sobre ela o dia todo. Posso me orgulhar de ter conseguido localizar o que queria.”

“Um mapa de grande escala, presumo?”

“Muito grande.” Ele desenrolou uma seção e segurou-a sobre o joelho. “Aqui tem o distrito particular que nos interessa. Cá está o Solar Baskerville, no meio.”

“Com uma floresta à sua volta?”

“Exatamente. Imagino que a Aleia de Teixos, embora não marcada sob esse nome, deva se estender ao longo desta linha, com a charneca, como pode notar, à sua direita. Este pequeno aglomerado de construções aqui é a aldeola de Grimpen, onde nosso amigo dr. Mortimer tem seu quartel-general. Num raio de oito quilômetros, como vê, há somente algumas moradas dispersas. Aqui está o Solar Lafter, que foi mencionado na narrativa. Há uma casa indicada aqui que pode ser a residência do naturalista — se bem me lembro, seu nome é Stapleton. Aqui estão duas casas de fazenda na charneca, High Tor e Foulmire. Depois, a vinte e dois quilômetros de distância, a grande penitenciária de Princetown. Entre estes pontos espalhados e em torno deles estende-se a charneca desolada e triste. Este, portanto, é o palco em que a tragédia foi encenada, e no qual podemos ajudar a reencená-la.”

“Deve ser um lugar selvagem.”

“Sim, o cenário é condizente. Se o demônio desejasse se meter nos negócios dos homens…”

“Então você mesmo está tendendo para a explicação sobrenatural.”

“Os agentes do demônio podem ser de carne e osso, não podem? Há duas perguntas esperando por nós de saída. A primeira é se, afinal, algum crime foi cometido; a segunda é: que crime foi esse e como foi cometido? É claro que, se a suposição do dr. Mortimer for correta, e estivermos lidando com forças que escapam às leis comuns da natureza, nossa investigação está encerrada. Mas temos obrigação de esgotar todas as outras hipóteses antes de recorrer a essa. Penso que vamos fechar aquela janela de novo, se você não se importa. É uma coisa singular, mas constato que uma atmosfera concentrada ajuda a concentração do pensamento. Ainda não cheguei ao ponto de me enfiar numa caixa para pensar, mas esse é o resultado lógico de minhas convicções. Refletiu sobre o caso?”

“Sim, pensei muito sobre ele ao longo do dia.”

“Que acha dele?”

“É bem desnorteante.”

“É certamente peculiar. Apresenta pontos singulares. A mudança nas pegadas, por exemplo. Que deduz disso?”

“Mortimer disse que o homem havia andado na ponta dos pés naquele trecho da aleia.”

“Ele apenas repetiu o que algum tolo disse no inquérito. Por que um homem haveria de andar na ponta dos pés por uma aleia?”

“O que foi então?”

“Ele estava correndo, Watson — correndo desesperadamente, correndo para salvar a própria pele, correndo até estourar seu coração e cair de bruços, morto.”

“Correndo do quê?”

“Aí está o nosso problema. Há indicações de que o homem ficou enlouquecido de medo antes mesmo de começar a correr.”

“Como pode dizer isso?”

“Estou presumindo que a causa de seus medos lhe chegou pela charneca. Se foi assim, e isso parece extremamente provável, somente um homem que tivesse perdido o juízo teria corrido *para longe* da casa, em vez de correr em direção a ela. Se o depoimento do cigano pode ser tomado como verdadeiro, ele correu gritando por socorro para onde o socorro tinha menos probabilidade de estar.

Além disso, quem ele esperava aquela noite, e por que esperava essa pessoa na Aleia de Teixos, e não em sua casa?”

“Acha que ele estava esperando alguém?”

“O homem era idoso e enfermo. Podemos compreender que fizesse um passeio noturno. Mas o terreno estava úmido e a noite, inclemente; é natural que tenha passado de cinco a dez minutos parado, como o dr. Mortimer, com mais senso prático do que eu lhe teria atribuído, deduziu das cinzas do charuto?”

“Mas ele saía todas as noites.”

“Julgo improvável que esperasse no portão da charneca todas as noites. Ao contrário, os indícios são de que evitava a charneca. Naquela noite esperou ali. Era a véspera de sua partida para Londres. A coisa toma forma, Watson. Torna-se coerente. Eu lhe pediria que me passasse o meu violino, e vamos adiar toda a reflexão adicional sobre esta questão até o nosso encontro com o dr. Mortimer e Sir Henry Baskerville de manhã.”

IV. SIR HENRY BASKERVILLE

A MESA DO NOSSO DESJEJUM foi tirada cedo, e Holmes esperou de roupão pela entrevista prometida. Nossos clientes chegaram na hora marcada: o relógio acabara de soar dez horas quando o dr. Mortimer foi introduzido, acompanhado pelo jovem baronete. Este último era um homem baixo, alerta, de olhos escuros, com cerca de trinta anos, de constituição muito vigorosa, grossas sobrancelhas pretas e um rosto forte, pugnaz. Usava um terno de *tweed* de cor avermelhada e tinha a aparência castigada pelo tempo de quem passou a maior parte de sua vida ao ar livre, embora alguma coisa em seu olhar firme e na segurança serena de seu porte indicasse o cavalheiro.

“Este é Sir Henry Baskerville”, disse o dr. Mortimer.

“Sim”, disse ele, “e o estranho, Mr. Sherlock Holmes, é que se meu amigo aqui não tivesse proposto virmos vê-lo esta manhã, eu teria vindo por minha própria conta. Pelo que sei o senhor desvenda pequenos enigmas, e deparei com um esta manhã que requer mais reflexão do que sou capaz de lhe dedicar.”

“Por favor, sente-se, Sir Henry. Está me dizendo que o senhor mesmo teve uma experiência extraordinária depois que chegou a Londres?”

“Nada de grande importância, Mr. Holmes. Só uma brincadeira, muito provavelmente. Foi esta carta, se podemos chamá-la assim, que me chegou esta manhã.”



Sir Henry Baskerville
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1901]

Pôs o envelope sobre a mesa, e todos nos debruçamos sobre ele. Era de qualidade comum, pardo. O endereço, “Sir Henry Baskerville, Northumberland Hotel”, estava escrito em toscas letras de forma; o carimbo era “Charing Cross”, e a data da postagem, a noite anterior.

“Quem sabia que o senhor ia para o Northumberland Hotel?” perguntou Holmes, lançando um olhar incisivo para nosso visitante.

“Ninguém podia saber. Só decidi depois de me encontrar com o dr. Mortimer.”

“Mas o dr. Mortimer sem dúvida já estava hospedado lá, não?”

“Não, eu estivera hospedado com um amigo”, disse o médico. “Não havia indicação possível de que pretendíamos ir para esse hotel.”

“Hum! Alguém parece estar muito profundamente interessado em seus movimentos.” Tirou do envelope meia folha de papel ofício dobrada em quatro. Abriu-a e estendeu-a sobre a mesa. Na metade dela uma única frase havia sido formada com palavras impressas recortadas e coladas no papel. Dizia ela:

SE DER VALOR À SUA VIDA OU À SUA RAZÃO TRATE DE SE MANTER LONGE DA CHARNECA.

A palavra “charneca” era a única escrita a tinta.

“Agora”, disse Sir Henry Baskerville, “poderia me dizer, Mr. Sherlock Holmes, que diabos significa isto, e quem é que tem tanto interesse pelos meus assuntos?”

“Que interpretação dá a isto, dr. Mortimer? Deve admitir, pelo menos, que não há aí nada de sobrenatural, não é?”

“Não, senhor, mas poderia muito bem vir de alguém que estivesse convencido de que o caso é sobrenatural.”

“Que caso?” perguntou Sir Henry, bruscamente. “Tenho a impressão de que todos os senhores sabem muito mais do que eu sobre meus próprios assuntos.”

“O senhor ficará a par do que sabemos antes de deixar esta sala, Sir Henry. Eu lhe prometo”, disse Sherlock Holmes. “Por ora, vamos nos limitar, com sua permissão, a este interessantíssimo documento, que deve ter sido composto e postado ontem à noite. Tem o *Times* de ontem, Watson?”

“Está aqui no canto.”

“Poderia lhe pedir que me desse… a página interna, com os editoriais?” Ele passou os olhos rapidamente por ela, percorrendo as colunas. “Excelente este artigo sobre livre-comércio. Permitam-me ler-lhes um trecho dele.

> Isso talvez os induza a pensar que seu comércio especial, ou sua própria indústria, será estimulado por uma tarifa protecionista, mas é óbvio que, a longo prazo, tal legislação poderá manter longe da nação a riqueza, diminuir o valor de nossas importações e rebaixar as condições gerais de vida nesta ilha.

“Que pensa disso, Watson?” exclamou Holmes, com grande alegria, esfregando as mãos de satisfação. “Não lhes parece um sentimento admirável?”

O dr. Mortimer olhou para Holmes com um ar de interesse profissional, e Sir Henry Baskerville virou para mim um par de perplexos olhos escuros.

“Não entendo muito de tarifas e coisas do gênero”, disse; “mas me parece que estamos nos desviando um pouco do que interessa no que diz respeito a este bilhete.”

“Ao contrário, penso que estamos numa pista particularmente quente, Sir Henry. Watson aqui conhece mais sobre meus métodos que o senhor, mas temo que nem ele tenha percebido muito bem o significado desta frase.”

“Não, confesso que não vejo nenhuma relação.”

“No entanto, meu caro Watson, há uma relação tão estreita que uma coisa foi extraída da outra. ‘Seu’, ‘sua’, ‘vida’, ‘valor’, ‘manter’, ‘longe’, ‘da’. Não veem de onde essas palavras foram tiradas?”

“Com os diabos, tem razão! Ora, mas que esperteza!” exclamou Sir Henry.

“Se ainda restasse alguma dúvida, ela seria resolvida pelo fato de que ‘manter longe da’ estão cortados num só pedaço.”

“Mas… é isso mesmo!”

“Realmente, Mr. Holmes, isso supera qualquer coisa que eu poderia ter imaginado”, disse o dr. Mortimer fitando o meu amigo com assombro. “Qualquer pessoa poderia dizer que as palavras foram tiradas de um jornal; mas dizer qual jornal e acrescentar que vieram do editorial, é realmente uma das façanhas mais notáveis que já presenciei. Como pôde?”

“Presumo, doutor, que o senhor saiba distinguir o crânio de um negro do de um esquimó?”

“Sem dúvida.”

“Mas como?”

“Porque esse é meu hobby especial. As diferenças são óbvias. A crista supraorbital, o ângulo facial, a curva maxilar, a…”

“Mas este é o *meu* hobby especial, e as diferenças são igualmente óbvias. A meu ver, há tanta diferença entre o tipo *bourgeois* interlinear de um artigo do *Times* e a impressão desmazelada de um jornal vespertino de meio *penny* quanto poderia haver entre o seu negro e seu esquimó. A detecção de um tipo é um dos ramos de conhecimento mais elementares para o perito especializado em crime, embora eu confesse que certa vez, quando muito jovem, confundi o *Leeds Mercury* com o *Western Morning News*. Mas um editorial do *Times* é inteiramente característico, e estas palavras não poderiam ter sido tiradas de nenhum outro lugar. Como o bilhete foi feito ontem, tínhamos grande probabilidade de encontrar as palavras no exemplar de ontem.”

“Até onde consigo acompanhá-lo, Mr. Holmes”, disse Sir Henry Baskerville, “alguém recortou este bilhete com uma tesoura…”

“Tesoura de unha”, disse Holmes. “O senhor pode ver que é uma tesoura de lâminas muito curtas, já que foi preciso dar duas tesouradas sobre ‘manter longe da’.”

“Exatamente. Alguém, portanto, cortou a mensagem com um par de tesouras de lâminas curtas, colou-a com cola…”

“Goma”, disse Holmes.

“Com goma no papel. Mas por que a palavra ‘charneca’ teria sido escrita?”

“Porque ele não conseguiu encontrá-la impressa. As outras palavras eram todas simples, podiam ser encontradas em qualquer número, mas ‘charneca’ seria menos comum.”

“Ora, é claro, é uma boa explicação. Percebeu mais alguma coisa nesta mensagem, Mr. Holmes?”

“Há uma ou duas indicações, embora tenham sido feitos os maiores esforços para remover todas as pistas. O endereço, como podem observar, está escrito em letras de forma grosseiras. Mas o *Times* é um jornal raramente encontrado senão nas mãos de pessoas com instrução superior. Podemos supor, portanto, que a carta foi composta por um homem instruído que desejou se passar por inculto, e seu esforço para disfarçar a própria letra sugere que ela pode ser conhecida, ou vir a ser conhecida pelo senhor. Por outro lado, observe que as palavras não estão coladas numa linha precisa, algumas estando mais altas que as outras. “Vida”, por exemplo, está completamente fora do devido lugar. Isso pode indicar descuido, ou pode indicar nervosismo e pressa por parte do remetente. No geral, inclino-me por esta segunda hipótese, já que o assunto era de evidente importância, e é improvável que o autor de uma carta como esta fosse descuidado. Se ele estava com pressa, isso abre uma interessante questão: por que estaria apressado, se qualquer carta postada até o início da manhã chegaria a Sir James antes que ele deixasse seu hotel? Será que o remetente temia ser interrompido? E por quem?

“Estamos entrando agora no campo das conjecturas”, disse o dr. Mortimer.

“Diga antes no campo em que comparamos probabilidades e escolhemos as maiores. Trata-se do uso científico da imaginação, mas temos sempre uma base material em que fundar nossas especulações. Ora, os senhores sem dúvida chamariam isso de conjectura, mas tenho quase certeza de que este endereço foi escrito num hotel.”

“Como pode dizer tal coisa?”

“Se o examinar com atenção, verá que tanto a caneta como a tinta deram trabalho ao escritor. A caneta respingou duas vezes numa única palavra, e ficou seca três vezes durante a redação de um curto endereço, mostrando que havia muito pouca tinta no tinteiro. Ora, dificilmente se permitiria que uma caneta ou um tinteiro privados ficassem nesse estado, e a combinação das duas coisas deve ser muito rara. Mas os senhores conhecem a caneta e a tinta dos hotéis, onde é raro conseguir coisa melhor. Sim, hesito muito pouco em dizer que, se pudéssemos vasculhar as cestas de lixo dos hotéis em torno de Charing Cross até encontrar os restos do editorial mutilado do *Times*, poderíamos pôr as mãos imediatamente sobre a pessoa que enviou esta singular mensagem. Opa! Mas o que é isto?”



“Segurando-o a apenas uns cinco centímetros dos olhos.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1901]

Ele examinava atentamente o papel ofício sobre o qual as palavras estavam coladas, segurando-o a apenas uns cinco centímetros dos olhos.

“Então?”

“Nada”, respondeu, largando-o. “É uma meia folha de papel em branco, não tem sequer marca-d’água. Acho que já extraímos tudo que podemos desta curiosa carta; e agora, Sir Henry, mais alguma coisa de interesse lhe aconteceu desde que está em Londres?”

“Ora, não, Mr. Holmes. Creio que não.”

“Não observou ninguém o seguindo ou vigiando?”

“Parece que mergulhei de cheio num dramalhão”, disse nosso visitante. “Por que cargas-d’água alguém haveria de me seguir ou me vigiar?”

“Logo chegaremos a isso. Não tem mais nada para nos relatar antes de entrarmos nesse assunto?”

“Bem, depende do que considera digno de ser relatado.”

“Penso que qualquer coisa que escape à rotina ordinária da vida merece por certo ser relatada.”

Sir Henry sorriu. “Ainda não conheço muito da vida britânica, pois passei quase toda a minha vida nos Estados Unidos e no Canadá. Mas creio que perder as botinas não é parte da rotina ordinária da vida por aqui.”

“Perdeu uma de suas botinas?”

“Meu caro senhor”, exclamou o dr. Mortimer, “ela apenas se extraviou. Vai encontrá-la quando voltar ao hotel. Para que incomodar Mr. Holmes com

ninharias desse tipo?”

“Bem, ele me perguntou por qualquer coisa que escapasse à rotina ordinária.”

“Exatamente”, disse Holmes, “por mais tolo que o incidente possa parecer. Então perdeu uma de suas botinas?”

“Bem, ou ela se extraviou. O fato é que pus as duas do lado de fora de minha porta ontem à noite, e hoje de manhã só havia uma. O rapaz que limpa as botinas não conseguiu me dizer coisa com coisa. O pior é que eu havia comprado o par ontem à noite mesmo no Strand, e nunca o usei.”

“Se nunca o usou, por que o deixou de fora para ser limpo?”

“Eram botinas de couro curtido e nunca haviam sido lustradas. Foi por isso que as pus de fora.”

“Então, pelo que entendo, ao chegar ontem a Londres o senhor saiu imediatamente e comprou um par de botinas?”

“Fiz muitas compras. O dr. Mortimer aqui foi comigo. Sabe, se devo ser um fidalgo rural lá no Sul, preciso me vestir de acordo, e talvez eu tenha ficado um pouco desleixado em meus hábitos no Oeste. Entre outras coisas comprei essas botinas marrons — paguei seis dólares por elas —, e um pé me foi roubado antes mesmo que eu as calçasse.”

“Parece uma coisa singularmente inútil para se roubar”, disse Sherlock Holmes. “Confesso que partilho a crença do dr. Mortimer de que a botina desaparecida será encontrada dentro de pouco tempo.”

“E agora, cavalheiros”, disse o baronete com decisão, “parece-me que falei o suficiente sobre o pouco que sei. É hora de honrarem sua promessa, e fazerem-me um relato completo daquilo a que estamos todos aludindo.”

“Seu pedido é muito justo”, respondeu Holmes. “Dr. Mortimer, penso que o melhor que poderia fazer seria contar sua história, tal como a contou para nós.”

Assim estimulado, nosso metódico amigo tirou seus papéis do bolso e apresentou todo o caso como o fizera na manhã anterior. Sir Henry Baskerville ouviu com a mais profunda atenção e ocasionais exclamações de surpresa.

“Bem, parece que entrei na posse de uma herança e tanto”, disse quando a longa narrativa terminou. “Claro que ouvi falar do cão desde criança. É a história predileta da família, embora eu nunca tenha pensado em levá-la a sério antes. Mas quanto à morte de meu tio… bem, tudo parece estar em ebulição na minha cabeça, e ainda não consigo ver isso com clareza. Os senhores parecem ainda não ter decidido ao certo se esse é um caso para um policial ou para um sacerdote.”

“Precisamente.”

“E agora há esse incidente da carta para mim no hotel. Suponho que isso se encaixa no quadro.”

“Parece mostrar que alguém sabe mais do que nós sobre o que está se passando na charneca.”

“E também”, disse Holmes, “que esse alguém não está mal-intencionado em relação ao senhor, pois o informa do perigo.”

“É possível ainda que alguém tenha motivos próprios para desejar me afugentar.”

“Bem, é claro, isso é igualmente possível. Sou-lhe muito grato, dr. Mortimer, por me trazer um problema que apresenta várias alternativas interessantes. Mas a questão prática que temos de decidir agora, Sir Henry, é se é ou não aconselhável que vá para o Solar Baskerville.”

“Por que eu não deveria ir?”

“Parece haver perigo.”

“Refere-se a perigo causado por esse demônio da família ou a perigo causado por seres humanos?”

“Bem, isso é o que temos de descobrir.”

“Em qualquer dos casos, minha resposta está decidida. Não há demônio no inferno, Mr. Holmes, nem homem sobre a terra que possa me impedir de ir para o lar de minha própria gente, e pode tomar isto como a minha resposta final.” Suas sobrancelhas escuras se franziram e seu rosto enrubesceu quando falou. Era evidente que o temperamento impetuoso dos Baskerville não estava extinto nesse seu último representante. “Nesse meio-tempo”, disse, “mal tive tempo de pensar em tudo que me contaram. É muita coisa para compreender e decidir de uma vez. Gostaria de ter uma hora tranquila comigo mesmo para refletir. Veja, Mr. Holmes, são nove e meia agora e vou voltar direto para o meu hotel. Que tal se o senhor e seu amigo, dr. Watson, fossem almoçar conosco às duas horas? Serei capaz de lhe dizer mais claramente o que penso de tudo isso.”

“Isso é conveniente para você, Watson?”

“Perfeitamente.”

“Então pode nos esperar. Devo chamar um carro?”

“Preferiria caminhar, pois este caso me deixou bastante perturbado.”

“Eu o acompanharei na caminhada, com prazer”, disse seu companheiro.

“Então voltaremos a nos encontrar às duas horas. *Au revoir* e bom dia!”

Ouvimos os passos de nossos visitantes descendo a escada e a batida da porta

da frente. Num instante Holmes se transformara do lânguido sonhador no homem de ação.

“Seu chapéu e botinas, Watson, rápido! Não há um momento a perder!” Correu para o seu quarto de roupão e em segundos estava de volta numa sobrecasaca. Corremos juntos escada abaixo e ganhamos a rua. Ainda pudemos ver o dr. Mortimer e Baskerville cerca de duzentos metros adiante de nós na direção de Oxford Street.

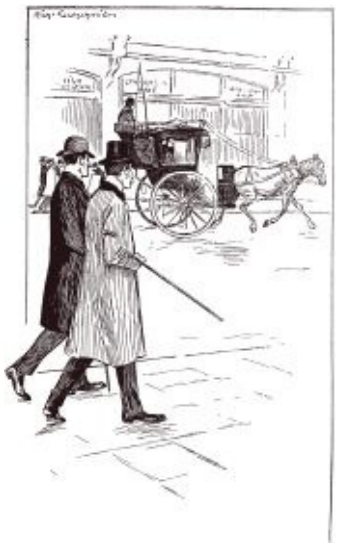
“Devo correr e detê-los?”

“Por nada neste mundo, meu caro Watson. Estou perfeitamente satisfeito com a sua companhia, se puder tolerar a minha. Nossos amigos são sábios, porque esta é sem dúvida uma linda manhã para uma caminhada.”

Ele acelerou o passo até reduzirmos em cerca de metade a distância que nos separava. Depois, ainda nos mantendo cem metros atrás, entramos em Oxford Street e em seguida descemos Regent Street. Uma hora nossos amigos pararam para olhar uma vitrine, diante do que Holmes fez o mesmo. Um instante depois ele soltou um gritinho de satisfação e, seguindo a direção de seus olhos ansiosos, viu um *hansom* de aluguel com um homem dentro que havia parado do outro lado da rua e agora começava a avançar lentamente de novo.

“Lá está o nosso homem, Watson! Venha! Daremos uma boa olhada nele, se não pudermos fazer mais.”

Nesse instante dei-me conta de uma basta barba preta e um par de olhos penetrantes virados para nós através da janela lateral do *hansom*. Imediatamente a portinhola do teto se levantou, algo foi gritado para o cocheiro, e o carro saiu numa louca disparada por Regent Street. Holmes olhou aflito à sua volta à procura de outro, mas não havia nenhum livre à vista. Em seguida lançou-se numa perseguição desenfreada em meio ao fluxo do tráfego, mas a dianteira era muito grande e o *hansom* já sumira de vista.



“Nesse instante dei-me conta de uma basta barba preta e um par de olhos penetrantes virados para nós através da janela lateral do *hansom.”*

[Richard Gutschmidt, *Der Hund von Baskerville*, Stuttgart: Robert Lutz Verlag, 1903]

“Pronto!” disse Holmes com amargura, ao emergir arquejante e branco de irritação da maré de veículos. “Já se viu tanta falta de sorte e tanta inabilidade também? Watson, Watson, se você for um homem honesto, irá registrar isto também, e confrontá-lo com os meus triunfos!”

“Quem era o homem?”

“Não faço a menor ideia.”

“Um espião?”

“Bem, é evidente pelo que ouvimos que Baskerville foi seguido muito de perto desde sua chegada à cidade. De que outra maneira se teria podido saber tão depressa que fora o Northumberland Hotel que escolhera? Se o haviam seguido no primeiro dia, raciocinei que o seguiriam também no segundo. Talvez você tenha observado que perambulei duas vezes pela janela enquanto o dr. Mortimer lia a sua lenda.”

“Sim, eu me lembro.”

“Estava procurando desocupados na rua, mas não vi nenhum. Estamos lidando com um homem inteligente, Watson. Este caso é muito intrincado, e embora eu ainda não saiba ao certo se é uma força benévola ou malévola que está em contato conosco, sinto uma constante consciência de poder e maquinação. Quando nossos amigos saíram, segui-os imediatamente na esperança de distinguir seu acompanhante invisível. Ele foi tão astuto que não se

arriscou a segui-los a pé, mas valeu-se de um carro de aluguel, de modo a poder andar vagarosamente atrás deles ou ultrapassá-los correndo para evitar que o percebessem. Seu método tinha a vantagem adicional de deixá-lo pronto para segui-los caso tomassem um carro. Tinha, entretanto, uma desvantagem óbvia."

"Ele o põe em poder do cocheiro."

"Exatamente."

"Que pena não termos anotado o número!"

"Meu caro Watson, por mais desastrado que eu tenha sido, você realmente imagina que deixei de anotar o número? 2704 é o nosso homem. Mas isso não nos serve para nada no momento."

"Não consigo ver que mais você poderia ter feito."

"Ao observar o carro, eu deveria ter me virado instantaneamente e caminhado na direção oposta. Nesse caso poderia ter tomado um segundo carro calmamente e seguido o primeiro a uma distância respeitosa, ou, melhor ainda, ter continuado até o Northumberland Hotel e esperado lá. Depois que nosso desconhecido tivesse seguido Baskerville até o hotel, teríamos tido a oportunidade de jogar seu jogo contra ele mesmo, e ver para onde iria. Na realidade, por uma ansiedade indiscreta, de que nosso adversário tirou proveito com extraordinária rapidez e energia, nós nos traímos e perdemos o nosso homem."

Vínhamos passeando lentamente por Regent Street durante essa conversa, e o dr. Mortimer, com seu companheiro, desaparecera havia muito à nossa frente.

"De nada adianta segui-los", disse Holmes. "A sombra se afastou e não voltará. Devemos ver que outras cartas temos nas mãos, e jogá-las com determinação. Você seria capaz de jurar ter visto o rosto daquele homem no carro?"

"Eu só poderia jurar pela barba."

"Eu também… a partir do que concluo que muito provavelmente ela era falsa. Um homem inteligente numa missão tão delicada não precisa de barba para nada, a não ser para esconder seus traços. Venha cá, Watson!"

Entrou numa das agências distritais de mensageiros, onde foi calorosamente saudado pelo gerente.

"Ah, Wilson, então não se esqueceu do pequeno caso em que tive a boa sorte de ajudá-lo?"

"Não, senhor, realmente não me esqueci. O senhor salvou o meu bom nome, e talvez a minha vida."

“Meu caro amigo, está exagerando. Lembro-me, Wilson, de que você tinha entre os seus rapazes um jovem chamado Cartwright, que mostrou alguma habilidade durante a investigação.”

“Sim, senhor, ele ainda está conosco.”

“Poderia chamá-lo? Muito obrigado! E eu gostaria de trocar esta nota de cinco libras.”

Um menino de catorze anos, com um semblante inteligente e perspicaz, havia atendido ao chamado do gerente. Agora, parado, olhava com grande reverência para o famoso detetive.

“Passe-me o Catálogo de Hotéis”, disse Holmes. “Obrigado! Agora, Cartwright, aqui estão os nomes de vinte e três hotéis, todos na vizinhança imediata de Charing Cross. Está vendo?”

“Sim, senhor.”

“Você visitará cada um deles sucessivamente.”

“Sim, senhor.”

“Começará em cada caso dando um xelim ao porteiro do lado de fora. Aqui estão vinte e três xelins.”

“Sim, senhor.”

“Você lhe dirá que quer ver a lata de lixo de ontem. Dirá que um telegrama importante se extraviou e que o está procurando. Compreende?”

“Sim, senhor.”

“Mas o que você realmente procura é a página central do *Times* com alguns buracos recortados com tesoura. Aqui está um exemplar do *Times*. É esta página. Poderia reconhecê-la facilmente, não?”

“Sim, senhor.”

“Em cada caso o porteiro do lado de fora o encaminhará para o porteiro do saguão, a quem você também dará um xelim. Aqui estão outros vinte e três xelins. Em seguida você será informado em possivelmente vinte dos vinte e três casos que o lixo do dia anterior foi queimado ou retirado. Nos três outros casos, lhe mostrarão um monte de papéis, e você procurará esta página do *Times* no meio dele. É extremamente improvável que a encontre. Tome mais dez xelins para eventuais emergências. Mande-me um relatório por telegrama para Baker Street antes do anoitecer. E agora, Watson, só nos resta descobrir por telegrama a identidade do cocheiro nº 2704; depois entraremos numa das galerias de quadros de Bond Street para passar o tempo até a hora de ir para o hotel.”

V. TRÊS FIOS PARTIDOS

SHERLOCK HOLMES POSSUÍA, em grau extraordinário, a capacidade de desligar sua mente à vontade. Durante duas horas o estranho caso em que havíamos sido envolvidos pareceu ter sido esquecido, e ele ficou inteiramente absorto nas pinturas dos mestres belgas modernos. Não quis falar senão sobre arte, sobre a qual tinha as mais toscas ideias, desde que deixamos a galeria até nos virmos no Northumberland Hotel.

"Sir Henry Baskerville está em cima à sua espera", disse o recepcionista. "Pediu-me que os levasse até lá assim que chegassem."

"Tem alguma objeção a que eu dê uma olhada em seu registro?" perguntou Holmes.

"Nenhuma."

O livro mostrava que dois nomes haviam sido acrescentados depois do de Baskerville. Um era Theophilus Johnson e família, de Newcastle; o outro, Mrs. Oldmore e criada, de High Lodge, Alton.

"Com certeza deve ser o mesmo Johnson que conheci", disse Holmes ao porteiro. "Um advogado, não é, de cabeça grisalha e que anda coxeando?"

"Não, senhor, este é Mr. Johnson, o dono de minas de carvão, um cavalheiro muito ativo, não mais velho que o senhor."

"Tem certeza de que não se engana quanto à sua ocupação?"

"Não, senhor. Ele frequenta este hotel há muitos anos e nós o conhecemos muito bem."

"Ah, isso decide a questão. Mrs. Oldmore, também; tenho a impressão de me lembrar do nome. Desculpe minha curiosidade, mas muitas vezes ao visitar um amigo encontramos outro."

"É uma senhora enferma, senhor. Seu marido é um ex-prefeito de Gloucester. Ela sempre fica conosco quando está na cidade."

"Muito obrigado; acho que não posso dizer que a conheço. Estabelecemos um fato da maior importância com essas perguntas, Watson", continuou ele, em voz baixa, quando subíamos juntos. "Sabemos que as pessoas que estão tão

interessadas em nosso amigo não se instalaram em seu próprio hotel. Isso significa que, embora estejam, como vimos, muito ansiosas por vigiá-lo, estão igualmente ansiosas por não serem vistas por ele. Ora, este é um fato extremamente sugestivo.”

“Que sugere ele?”

“Sugere… ora, meu caro amigo, que diabos está acontecendo?”

Ao chegarmos ao topo da escada, topamos com o próprio Sir Henry Baskerville. Com as faces coradas de raiva, tinha na mão uma botina velha e empoeirada. Estava tão furioso que mal conseguia falar, mas quando conseguiu, foi num dialeto muito mais desabrido e típico do Oeste que qualquer coisa que tínhamos ouvido dele de manhã.

“Tenho a impressão de que estão me fazendo de idiota neste hotel”, exclamou. “Verão que começaram a zombar do homem errado, a menos que tenham muito cuidado. Com a breca, se aquele sujeito não conseguir achar minha botina perdida vai haver confusão. Posso aceitar uma brincadeira tão bem quanto qualquer um, Mr. Holmes, mas desta vez eles foram um pouco longe demais.”



“Tinha na mão uma botina velha e empoeirada.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1901]

“Ainda procurando a sua botina?”

“Sim, senhor, e pretendo encontrá-la.”

“Mas não disse que era uma botina marrom nova?”

“E era, senhor. E agora é uma botina preta velha.”

“Quê! Não está querendo dizer…?”

“É exatamente isso que quero dizer. Eu tinha apenas três pares neste mundo — o marrom novo, o preto velho e o de verniz, que estou usando. Ontem à noite levaram um pé das botinas marrons, e hoje surrupiaram um das pretas. E então, encontrou-a? Fale homem, não fique aí com esses olhos arregalados!”

Um agitado camareiro alemão havia entrado em cena.

“Não, senhor; investiguei no hotel inteiro, mas não tive notícia dela.”

“Bem, ou essa botina reaparece antes do pôr do sol, ou irei procurar o gerente e lhe dizer que deixo este hotel incontinente.”

“Ela será encontrada, senhor… prometo-lhe que se tiver um pouco de paciência ela será encontrada.”

“Cuide disso, porque esta é a última coisa minha que perco neste covil de ladrões. Bem, bem, Mr. Holmes, vai me desculpar por incomodá-lo por tamanha bagatela…”

“Penso que isso merece o incômodo.”

“Parece levar o caso muito a sério.”

“Como o senhor o explica?”

“Simplesmente não tento explicá-lo. Parece a coisa mais louca, mais esquisita que já me aconteceu.”

“A mais esquisita, talvez”, disse Holmes, pensativo.

“O que deduz do incidente?”

“Bem, ainda não declaro compreendê-lo. Esse seu caso é muito complexo, Sir Henry. Quando tomado em conjunção com a morte do seu tio, não tenho certeza de que em todos os quinhentos casos de importância capital de que tratei haja um tão enigmático. Mas temos vários fios em nossas mãos, e é provável que um ou outro deles nos guie até a verdade. Podemos perder tempo seguindo o fio errado, porém, mais cedo ou mais tarde, daremos com o certo.”

Tivemos um almoço agradável em que pouco foi dito sobre o assunto que nos reunira. Foi na sala de estar privada para a qual nos dirigimos depois que Holmes perguntou a Baskerville quais eram suas intenções.

“Ir para o Solar Baskerville.”

“E quando?”

“No fim da semana.”

“Tudo considerado”, disse Holmes, “penso que sua decisão é sensata. Tenho amplos indícios de que o senhor está sendo seguido em Londres, e em meio aos milhões de habitantes desta enorme cidade é difícil descobrir quem são essas pessoas e qual pode ser seu objetivo. Se tiverem más intenções, elas poderiam

lhe causar dano, e seríamos impotentes para impedi-lo. Não sabia, Mr. Mortimer, que foram seguidos esta manhã desde a minha casa?”

O dr. Mortimer teve um violento sobressalto. “Seguidos? Por quem?”

“Isso, infelizmente, é o que não posso lhes dizer. Entre seus vizinhos ou conhecidos em Dartmoor, há algum homem com o rosto coberto por uma barba preta?”

“Não… ou, deixe-me ver… ora, sim. Barrymore. O mordomo de Sir Charles usa uma barba completa, preta.”

“Ah! Onde está Barrymore?”

“Está cuidando do Solar.”

“O melhor seria verificar se realmente está lá, ou se há alguma possibilidade de que esteja em Londres.”

“Como fazer isso?”

“Dê-me um formulário de telegrama. ‘Está tudo pronto para Sir Henry?’ Isso é suficiente. Enderece a Mr. Barrymore, Solar Baskerville. Qual é a agência telegráfica mais próxima? Grimpen. Ótimo, enviaremos um segundo telegrama para o agente do correio de Grimpen: ‘Telegrama para Mr. Barrymore deve ser entregue em mãos. Se ausente, favor devolvê-lo a Sir Henry Baskerville, Northumberland Hotel.’ Isso deverá nos permitir saber antes da noite se Barrymore está em seu posto em Devonshire ou não.”

“Certamente”, disse Baskerville. “A propósito, dr. Mortimer, quem é, afinal, esse Barrymore?”

“É filho do antigo zelador, que morreu. Eles vêm cuidando do Solar há quatro gerações. Até onde sei, ele e a mulher formam um dos casais mais respeitáveis do condado.”

“Ao mesmo tempo”, disse Baskerville, “está bastante claro que enquanto não houver ninguém da família no Solar essas pessoas terão uma casa magnífica e nada para fazer.”

“É verdade.”

“Barrymore foi beneficiado de alguma maneira pelo testamento de Sir Charles?” perguntou Holmes.

“Ele e a mulher receberam quinhentas libras cada um.”

“Ah! Eles sabiam que receberiam isso?”

“Sim; Sir Charles gostava muito de falar sobre as cláusulas de seu testamento.”

“Isso é muito interessante.”

“Espero”, disse o dr. Mortimer, “que não vá olhar com desconfiança para todos os que receberam um legado de Sir Charles, porque eu também fui contemplado com mil libras.”

“É mesmo? E mais alguém?”

“Houve muitas somas insignificantes para pessoas e um grande número de obras públicas de caridade. O resto foi todo para Sir Henry.”

“E de quanto era esse resto?”

“Setecentas e quarenta mil libras.”

Holmes ergueu as sobrancelhas, surpreso. “Não tinha ideia de que uma soma tão gigantesca estava envolvida”, disse.

“Sir Charles tinha a reputação de ser rico, mas não sabíamos o quanto até examinarmos seus títulos. O valor total da herança estava próximo de um milhão.”

“Meu Deus! É uma parada pela qual um homem poderia sem dúvida arriscar uma jogada desesperada. E mais uma pergunta, dr. Mortimer. Supondo que alguma coisa acontecesse com seu jovem amigo aqui — o senhor me perdoará a hipótese desagradável! —, quem herdaria os bens?”

“Como Rodger Baskerville, o irmão mais moço de Sir Charles, morreu solteiro, os bens passariam para os Desmond, que são primos distantes. James Desmond é um sacerdote idoso em Westmorland.”

“Muito obrigado. Estes detalhes são todos de grande interesse. Conhece Mr. James Desmond?”

“Sim; uma vez ele foi visitar Sir Charles. É um homem de aparência venerável e vida virtuosa. Lembro que se recusou a aceitar qualquer doação de Sir Charles, embora este insistisse.”

“E esse homem de gostos simples seria o herdeiro dos milhares de Sir Charles?”

“Seria o herdeiro da propriedade, porque ela está vinculada. Herdaria também o dinheiro, a menos que testado de outra maneira pelo atual proprietário, que pode, é claro, fazer com ele o que quiser.”

“Fez seu testamento, Sir Henry?”

“Não, Mr. Holmes, não fiz. Não tive tempo, pois foi somente ontem que tomei pé na situação. De todo modo, parece-me que o dinheiro deve acompanhar o título e a propriedade. Essa era a ideia de meu pobre tio. Como poderá o proprietário restaurar as glórias dos Baskerville se não tiver dinheiro suficiente para conservar a propriedade? Casa, terras e dólares devem andar juntos.”

“Naturalmente. Bem, Sir Henry, estou inteiramente de acordo consigo quanto à conveniência de que vá para Devonshire sem mais tardar. Há apenas uma condição que devo impor. Certamente não deve ir sozinho.”

“O dr. Mortimer voltará comigo.”

“Mas o dr. Mortimer tem sua clientela para atender, e a casa dele fica a quilômetros da sua. Com toda a boa vontade do mundo, ele talvez seja incapaz de ajudá-lo. Não, Sir Henry, deve levar alguém consigo, um homem de confiança, que esteja sempre ao seu lado.”

“Seria possível que o senhor mesmo fosse, Mr. Holmes?”

“Se o caso chegar a uma crise, eu me esforçarei para estar presente em pessoa; mas o senhor há de compreender que, com minha ampla clientela e os constantes apelos que me chegam de muitos lugares, não posso me ausentar de Londres por um tempo indefinido. No presente momento, um dos nomes mais reverenciados da Inglaterra está sendo manchado por um chantagista, e somente eu posso sustar um escândalo desastroso. Compreenderá o quanto me é impossível ir para Dartmoor.”

“Nesse caso, quem recomendaria?”

Holmes pousou a mão sobre o meu braço.

“Se meu amigo se incumbisse disso, não haverá homem melhor para o senhor ter a seu lado quando estiver em apuros. Ninguém pode dizer isso com mais segurança que eu.”

A proposta me pegou completamente de surpresa, mas, antes que eu tivesse tempo de responder, Baskerville agarrou-me a mão e apertou-a entusiasticamente.

“Bem, é realmente muita bondade sua, dr. Watson”, disse. “O senhor conhece o meu jeito, e sabe tanto sobre o assunto como eu. Se vier para o Solar Baskerville e me ajudar, nunca me esquecerei disso.”

A promessa de aventura encerrava sempre um fascínio para mim, e senti-me lisonjeado pelas palavras de Holmes e pela animação com que o baronete me saudou como companheiro.

“Irei com prazer”, respondi. “Não sei que emprego melhor poderia dar ao meu tempo.”

“E me manterá meticulosamente informado”, disse Holmes. “Quando uma crise ocorrer, como certamente ocorrerá, determinarei como deve agir. Suponho que até sábado tudo poderia estar pronto?”

“Isso seria conveniente para o dr. Watson?”

“Perfeitamente.”

“Então no sábado, a menos que lhe comuniquemos outra coisa, nós nos encontraremos no trem que sai de Paddington às 10h30.”

Havíamos nos levantado para sair quando Baskerville soltou um grito de triunfo e, enfiando-se num dos cantos da sala, puxou uma botina marrom de debaixo de um armário.

“Minha botina perdida!”

“Possam todas as nossas dificuldades desaparecer tão facilmente!” exclamou Holmes.

“Mas isto é algo muito singular”, observou o dr. Mortimer. “Vasculhei minuciosamente esta sala antes do almoço.”

“Fiz o mesmo”, disse Baskerville. “Centímetro por centímetro.”

“Certamente não havia nenhuma botina aqui naquela hora.”

“Nesse caso o camareiro deve tê-la colocado aqui enquanto almoçávamos.”

O alemão foi chamado, mas declarou nada saber sobre o assunto, e nenhuma outra indagação pôde elucidá-lo. Mais um item havia sido acrescentado a essa série constante e aparentemente sem propósito de pequenos mistérios que haviam se sucedido tão rapidamente. Excluindo toda a horrível história da morte de Sir Charles, tínhamos uma sucessão de incidentes inexplicáveis, todos no intervalo de dois dias, que incluíam o recebimento de uma carta com palavras impressas, o espião de barba preta no *hansom*, a perda da botina marrom nova, a perda da botina preta velha, e agora o retorno da botina marrom nova. Holmes manteve-se em silêncio no fiacre quando voltamos para Baker Street, e eu sabia por suas sobrancelhas contraídas e semblante carregado que sua mente, como a minha, estava ocupada no esforço de formular algum esquema em que todos esses episódios estranhos e aparentemente desconexos pudessem ser encaixados. Ficou sentado a tarde inteira e pela noite adentro, fumando e refletindo.

Pouco antes do jantar ele recebeu dois telegramas. O primeiro dizia:

> Acabamos de saber que Barrymore está no Solar.
>
> BASKERVILLE

O segundo:

> Visitei vinte e três hotéis como instruído, mas lamento informar incapaz de encontrar folha do *Times* recortada.

“Lá se vão dois dos meus fios, Watson. Não há nada mais estimulante que um caso quando tudo se volta contra nós. Temos de procurar outra pista.”

“Ainda temos o cocheiro que conduziu o espião.”

“Exatamente. Telegrafei para obter seu nome e endereço do Registro Oficial. Não ficaria surpreso se isto fosse uma resposta para a minha pergunta.”

O toque da campainha provou-se, no entanto, ser algo ainda mais satisfatório que uma resposta, pois a porta se abriu e entrou um sujeito de aparência rude que evidentemente era o próprio homem.

“Recebi uma mensagem da agência central de que um cavalheiro neste endereço andou indagando pelo 2704”, disse ele. “Dirijo meu carro há sete anos e nunca recebi uma palavra de queixa. Vim direto do Pátio para lhe perguntar diretamente o que tem contra mim.”

“Não tenho absolutamente nada contra você, meu bom homem”, disse Holmes. “Ao contrário, tenho meio soberano para lhe dar se responder com clareza às minhas perguntas.”

“Bem, não há dúvida de que este foi um bom dia”, disse o cocheiro com um sorriso. “Que queria me perguntar, senhor?”

“Em primeiro lugar, seu nome e endereço, caso precise de você de novo.”

“John Clayton, Turpey Street, 3, no Borough. Meu carro é do Pátio de Shipley, perto da Waterloo Station.”

Sherlock Holmes anotou isso.

“Agora, Clayton, conte-me tudo sobre o passageiro que veio aqui e observou esta casa às dez horas da manhã e depois seguiu os dois cavalheiros pela Regent Street.”

O homem pareceu surpreso e um pouco embaraçado.

“Ora, é inútil lhe contar as coisas, pois o senhor parece já saber tanto quanto eu”, disse. “A verdade é que o cavalheiro me disse que era um detetive, e que eu não devia dizer nada sobre ele para ninguém.”

“Meu bom amigo, este é um caso muito sério e você poderá se ver numa posição bastante ruim se tentar me esconder alguma coisa. Então seu passageiro lhe contou que era um detetive?”

“Sim, contou.”

“Quando contou isso?”

“Quando me deixou.”

“Contou mais alguma coisa?”



“John Clayton, Turpey Street, 3, no Borough.”
[Richard Gutschmidt, *Der Hund von Baskerville*, Stuttgart: Robert Lutz Verlag, 1903]

“Mencionou seu nome.”

Holmes lançou um olhar de triunfo para mim.

“Ah, então ele mencionou seu nome? Isso foi imprudente. Qual foi o nome que mencionou?”

“O nome dele”, disse o cocheiro, “era Mr. Sherlock Holmes.”

Nunca vi meu amigo mais completamente desconcertado do que pela resposta do cocheiro. Ficou por um instante em silenciosa perplexidade. Depois estourou numa gostosa gargalhada.

“Um toque, Watson — um inegável toque!” exclamou. “Sinto um florete tão rápido e flexível como o meu. Ele me acertou em cheio desta vez. Então o nome dele era Sherlock Holmes, não é?”

“Sim, senhor, era esse o nome do cavalheiro.”

“Excelente! Conte-me onde o apanhou e tudo que aconteceu.”

“Ele me chamou às nove e meia em Trafalgar Square. Disse que era um detetive e me ofereceu dois guinéus se eu fizesse tudo que ele queria o dia todo, sem fazer perguntas. Concordei com muita satisfação. Primeiro seguimos até o Northumberland Hotel e lá esperamos até que dois cavalheiros saíram e tomaram um carro da fila. Seguimos esse carro até que ele parou perto daqui.”

“Exatamente esta porta”, disse Holmes.

“Bem, eu não poderia ter certeza disso, mas suponho que meu passageiro

sabia tudo a esse respeito. Paramos mais ou menos na metade da rua e esperamos uma hora e meia. Depois dois cavalheiros passaram por nós, caminhando, e nós os seguimos por Baker Street e ao longo de…”

“Eu sei”, disse Holmes.

“Até termos descido três quartos de Regent Street. Então meu cavalheiro abriu a portinhola e gritou que eu devia seguir diretamente para Waterloo Station, o mais rápido que pudesse. Chicoteei a égua e chegamos lá em menos de dez minutos. Em seguida ele pagou seus dois guinéus, como um homem de bem, e entrou na estação. Já ia se afastar quando deu meia-volta e disse: ‘Talvez lhe interesse saber que esteve conduzindo Mr. Sherlock Holmes.’ Foi assim que fiquei sabendo do nome.”

“Entendo. E não voltou a vê-lo?”

“Não depois que entrou na estação.”

“E como descreveria Mr. Sherlock Holmes?”

O cocheiro coçou a cabeça. “Bem, no todo ele não era um homem muito fácil de se descrever. Eu lhe daria uns quarenta anos de idade, e era de altura mediana, uns seis ou sete centímetros mais baixo que o senhor. Vestia-se como um dândi, tinha uma barba preta, quadrada na ponta, e um rosto pálido. Acho que não sou capaz de dizer mais do que isto.”

“A cor dos olhos?”

“Não, não posso dizer isso.”

“Não consegue se lembrar de mais nada?”

“Não, senhor; nada.”

“Bem, nesse caso, aqui está meio soberano. Há outro à sua espera se puder trazer mais alguma informação. Boa noite!”

“Boa noite, senhor, e muito obrigado!”

John Clayton foi embora rindo consigo mesmo, e Holmes virou-se para mim com um encolher de ombros e um sorriso pesaroso.

“Lá se vai o nosso terceiro fio, e voltamos ao ponto de partida”, disse. “O velhaco ardiloso! Ele sabia nosso número, sabia que Sir Henry Baskerville havia me consultado, me reconheceu na Regent Street, e como conjecturou que eu tinha anotado o número do carro e poria as mãos no cocheiro, me enviou esse recado insolente. Ouça bem, Watson, desta vez arranjamos um adversário digno de nossa espada. Levei xeque-mate em Londres, e só posso esperar melhor sorte em Devonshire. Mas estou incomodado quanto a essa questão.”

“Que questão?”

“Essa de mandá-lo. É um caso feio, Watson, um caso feio e perigoso, e quanto mais vejo dele, menos o aprecio. Sim, meu caro amigo, pode rir, mas dou-lhe a minha palavra de que ficarei muito contente em tê-lo de volta são e salvo em Baker Street novamente.”

VI. O SOLAR BASKERVILLE

SIR HENRY BASKERVILLE e o dr. Mortimer estavam a postos no dia estabelecido e partimos como combinado para Devonshire. Mr. Sherlock Holmes me acompanhou no fiacre até a estação e deu-me suas últimas instruções e conselhos.

"Não vou predispor sua mente sugerindo teorias ou suspeitas, Watson", disse; "quero que simplesmente me relate os fatos da maneira mais completa possível; pode deixar a teorização por minha conta."

"Que tipo de fatos?" perguntei.

"Tudo que possa parecer ter algum elo, por mais indireto que seja, com o caso, e especialmente as relações entre o jovem Baskerville e seus vizinhos, ou quaisquer novos detalhes referentes à morte de Sir Charles. Eu mesmo fiz algumas investigações nos últimos dias, mas os resultados, lamentavelmente, foram negativos. Só uma coisa parece certa, e é que James Desmond, o próximo herdeiro, é um cavalheiro idoso de índole muito amável, de modo que essa perseguição não advém dele. Na verdade, penso que podemos eliminá-lo inteiramente de nossas conjecturas. Restam as pessoas que realmente estarão em torno de Sir Henry Baskerville na charneca."

"Não seria bom, em primeiro lugar, nos livrarmos desse casal Barrymore?"

"De forma alguma. Você não poderia cometer erro maior. Se eles forem inocentes, seria uma injustiça cruel, e se forem culpados, estaríamos abrindo mão de todas as chances de acusá-los. Não, não, vamos preservá-los em nossa lista de suspeitos. Além disso há um cavalariço no Solar, se bem me lembro. Há dois fazendeiros na charneca. Há nosso amigo dr. Mortimer, que acredito ser inteiramente honesto, e há sua mulher, sobre a qual nada sabemos. Há o naturalista Stapleton, e há sua irmã, que dizem ser uma jovem atraente. Há Mr. Frankland, do Solar Lafter, que é também um fator desconhecido, e um ou dois outros vizinhos. Essas são pessoas que deve estudar muito detidamente."

"Farei o possível."

"Leva armas, suponho?"

“Sim, julguei conveniente trazê-las.”

“Com toda a certeza. Mantenha seu revólver consigo noite e dia, e nunca relaxe suas precauções.”

Nossos amigos já haviam conseguido um vagão de primeira classe e nos aguardavam na plataforma.

“Não, não tenho notícias de espécie alguma”, disse o dr. Mortimer em resposta às perguntas do meu amigo. “Só posso jurar uma coisa: não fomos seguidos durante os dois últimos dias. Não saímos uma só vez sem manter uma intensa vigilância, e ninguém poderia ter escapado à nossa observação.”

“Ficaram sempre juntos, presumo?”

“Exceto ontem à tarde. Em geral dedico um dia à pura diversão quando venho à cidade, e assim passei-o no Museu do Colégio dos Cirurgiões.”



“Nossos amigos nos aguardavam na plataforma.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1901]

“E eu fui olhar as pessoas no parque”, disse Baskerville. “Mas não tivemos nenhum tipo de contratempo.”

“Mesmo assim, foi imprudente”, disse Holmes, sacudindo a cabeça e parecendo muito sério. “Peço, Sir Henry, que não saia sozinho. Poderá ser vítima de um grande infortúnio se o fizer. Encontrou sua outra botina?”

“Não, senhor, ela desapareceu para sempre.”

“É mesmo? Isso é muito interessante. Bem, adeus”, acrescentou quando o trem começava a deslizar pela plataforma. “Tenha em mente, Sir Henry, uma das frases daquela estranha lenda antiga que o dr. Mortimer leu para nós, e evite a

charneca naquelas horas de trevas em que as forças do mal estão exaltadas.”

Voltei os olhos para a plataforma depois que a deixáramos muito para trás, e vi a figura alta e austera de Holmes imóvel, olhando fixamente para nós.

A viagem foi rápida e agradável, e passei-a conhecendo mais intimamente meus dois companheiros e brincando com o spaniel do dr. Mortimer. Em poucas horas a terra marrom havia se tornado avermelhada, o tijolo dera lugar ao granito, e vacas castanho-avermelhadas pastavam em campos bem-cercados onde os capins viçosos e a vegetação mais luxuriante falavam de um clima mais rico, ainda que mais úmido. O jovem Baskerville olhava avidamente pela janela e soltava exclamações de prazer ao reconhecer as características familiares do cenário de Devon.

“Estive em boa parte do mundo desde que parti, dr. Watson”, disse; “mas nunca vi um lugar que se comparasse a este.”

“Nunca vi um homem de Devonshire que não exaltasse seu condado”, observei.

“Isso depende tanto da estirpe dos homens quanto do condado”, disse o dr. Mortimer. “Uma vista d’olhos em nosso amigo aqui revela a cabeça redonda do celta, que carrega dentro de si o entusiasmo celta e a capacidade de afeição. A cabeça do pobre Sir Charles era de um tipo muito raro, semigaélica e semi-hibérnica em suas características. Mas o senhor era muito jovem quando viu o Solar Baskerville, não?”

“Eu era um adolescente quando meu pai morreu, e nunca tinha visto o Solar, pois ele morava num pequeno chalé na costa sul. De lá fui direto me encontrar com um amigo na América. Digo-lhes que tudo é tão novo para mim quanto para o dr. Watson e que estou mais do que ansioso para ver a charneca.”

“Está? Então seu desejo está sendo rapidamente atendido, pois lá está sua primeira visão da charneca”, disse o dr. Mortimer apontando pela janela do vagão.

Para além dos quadrados verdes dos campos e da curva rasa de uma mata, erguia-se a distância uma colina cinzenta, melancólica, com um estranho cume recortado, escura e difusa na distância, como uma paisagem fantástica num sonho. Baskerville passou muito tempo com os olhos pregados nela, e vi no seu semblante ansioso o quanto ela significava para ele, essa primeira visão daquele lugar estranho onde os homens de seu sangue haviam dominado por tanto tempo e deixado marca tão profunda. Ali estava ele, com seu terno de *tweed* e seu sotaque americano, no canto de um prosaico vagão de trem, e no entanto ao olhar para seu rosto moreno e expressivo eu mais que nunca sentia ser ele um

verdadeiro descendente daquela longa linhagem de homens temperamentais, impetuosos e dominadores. Havia orgulho, coragem e força em suas sobrancelhas grossas, suas narinas sensíveis e seus grandes olhos cor de avelã. Se naquela charneca ameaçadora uma busca difícil e perigosa se estendia à nossa frente, esse era pelo menos um camarada por quem podíamos ousar nos arriscar com a certeza de que ele nos acompanharia com destemor.

O trem parou numa pequena estação de beira de estrada e nós todos descemos. Lá fora, além de uma cerca branca baixa, um trole puxado por uma robusta parelha de cavalos nos esperava. Nossa chegada era evidentemente um grande evento, pois o chefe da estação e os carregadores se aglomeraram à nossa volta para carregar nossa bagagem. Era um lugar simples e encantador no campo, mas fiquei surpreso ao observar que junto ao portão estavam plantados dois soldados com uniformes escuros, que se apoiavam sobre seus fuzis curtos e nos olharam intensamente quando passamos. O cocheiro, um sujeitinho rabugento de cara fechada, cumprimentou Sir Henry Baskerville e dentro de poucos minutos corríamos céleres pela larga estrada branca. Pastagens onduladas se elevavam dos dois lados de nós, e velhas casas com empenas espreitavam em meio à densa folhagem verde, mas por trás do campo pacífico e iluminado pelo sol erguia-se sempre, escura contra o céu vespertino, a curva longa e sombria da charneca, quebrada pelos morros recortados e sinistros.

O trole tomou uma estrada lateral, e fizemos uma curva ascendente através de sendas profundas gastas por séculos de rodas, ribanceiras altas dos dois lados, carregadas de musgos e avencas gotejantes. Samambaias cor de bronze e sarças mosqueadas lampejavam à luz do sol poente. Sempre subindo, passamos sobre uma estreita ponte de granito e margeamos um regato ruidoso que descia impetuosamente, espumando e rugindo entre os penedos. A estrada e o riacho serpenteavam ambos através de um vale denso de chaparreiros e abetos. A cada curva Baskerville soltava uma exclamação de deleite, olhando ansiosamente à sua volta e fazendo incontáveis perguntas. A seus olhos tudo parecia bonito, mas para mim um quê de melancolia envolvia o campo, que estampava tão claramente a marca do ano que findava. Folhas amarelas atapetavam os caminhos e tombavam esvoaçando sobre nós quando passávamos. O estrépito de nossas rodas esmorecia quando dirigíamos através de montes de vegetação apodrecida — tristes presentes, ao que me parecia, para a natureza lançar diante da carruagem do herdeiro dos Baskerville que retornava.

“Oh!” exclamou o dr. Mortimer. “O que é isso?”

Uma curva íngreme de terra coberta de urzes, uma projeção periférica da charneca, erguia-se à nossa frente. No alto, duro e nítido como uma estátua

equestre em seu pedestal, estava postado um soldado, moreno e sério, o fuzil engatilhado sobre o antebraço. Vigiava a estrada pela qual viajávamos.

“O que é isso, Perkins?” perguntou o dr. Mortimer.

“Um prisioneiro fugiu de Princetown, senhor. Está solto há três dias, e os guardas da prisão vigiam cada estrada e cada estação, mas até agora não viram nem sinal dele. Os fazendeiros é que não estão gostando disso, senhor, essa é a verdade.”

“Bem, pelo que sei eles recebem cinco libras se puderem dar informação.”

“Sim, senhor, mas a chance de ganhar cinco libras é bem pequena comparada à de ter a garganta cortada. Sabe, não é um prisioneiro comum. Esse é um homem que não hesitaria diante de nada.”

“Mas quem é ele?”

“É Selden, o assassino de Notting Hill.”

Eu me lembrava bem do caso, pois Holmes mostrara grande interesse por ele em razão da peculiar ferocidade do crime e da brutalidade desenfreada que marcara todas as ações do assassino. A comutação de sua sentença de morte se devera a algumas dúvidas quanto à sua completa sanidade, tão atroz era a sua conduta. Nosso trole chegara ao topo de uma elevação e diante de nós descortinou-se a imensa extensão da charneca, entremeada por montes de pedras irregulares e escarpados. Dela soprava um vento frio que nos fez estremecer. Em algum lugar ali, naquela planície desolada, emboscava-se esse homem demoníaco, escondido numa toca como um animal selvagem, o coração transbordando de maldade contra toda a raça que o renegara. Só faltava isso para completar a atmosfera assustadora do deserto estéril, o vento gélido e o céu escuro. Até Baskerville calou-se e se aconchegou mais em seu sobretudo.

Havíamos deixado os campos férteis atrás e abaixo de nós. Voltávamos os olhos para eles agora, os raios oblíquos de um sol baixo transformando os regatos em fios de ouro e fulgurando sobre a terra vermelha agora revirada pelo arado e o vasto emaranhado das florestas. A estrada diante de nós ficava mais deserta e agreste por sobre enormes encostas castanho-avermelhadas e oliváceas, salpicadas por penedos gigantescos. Vez por outra passávamos por uma cabana, com paredes e telhado de pedra, sem nenhuma trepadeira para quebrar seu perfil severo. De repente demos com uma depressão em forma de xícara, com carvalhos e abetos mirrados e retorcidos pela fúria de anos de tempestade. Duas torres altas e estreitas se elevavam acima das árvores. O cocheiro apontou com seu chicote.

“O Solar Baskerville.”



“O cocheiro apontou com seu chicote: ‘O Solar Baskerville’.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1901]

Seu patrão, agora de pé, contemplava, as faces ruborizadas e os olhos brilhando. Alguns minutos depois tínhamos chegado aos portões, um intricado arabesco em ferro forjado, com pilares corroídos pelo tempo de ambos os lados, cobertos de líquens e coroados pelas cabeças de javali dos Baskerville. A casa do porteiro era uma ruína de granito preto, os caibros expostos, mas diante dela havia um prédio em construção, o primeiro fruto do ouro sul-africano de Sir Charles.

Cruzando o portão entramos na alameda, onde as rodas viram-se novamente silenciadas pelas folhas, com as velhas árvores lançando seus galhos num túnel sombrio sobre nossas cabeças. Baskerville estremeceu quando seus olhos percorreram o longo e escuro caminho até a extremidade oposta, onde a casa bruxuleava como um fantasma.

“Foi aqui?” perguntou em voz baixa.

“Não, não, a Aleia de Teixos fica do outro lado.”

O jovem herdeiro olhou em volta com uma expressão desalentada.

“Não admira meu tio achar que fosse sofrer atribulações num lugar como este”, disse. “É suficiente para amedrontar qualquer um. Vou mandar instalar uma fileira de lâmpadas elétricas aqui dentro de seis meses, e os senhores não reconhecerão o lugar com uma Swan e Edison de mil velas bem aqui em frente à porta do solar.”

A alameda se abria num amplo gramado, e a casa se erguia diante de nós. À luz declinante, pude ver que o centro era um pesado bloco de construção do qual um pórtico se projetava. Toda a frente era forrada de hera, com um trecho

aparado aqui e ali onde uma janela ou um brasão irrompia através do véu escuro. Desse bloco central elevavam-se as torres gêmeas, antigas, crenuladas, e perfuradas por muitas seteiras. À direita e à esquerda das torrinhas estendiam-se alas mais modernas de granito preto. Uma luz fosca brilhava através de janelas com mainéis pesados, e das altas chaminés que se elevavam do telhado escarpado, em ângulo alto, subia uma única coluna de fumaça preta.

"Bem-vindo, Sir Henry! Bem-vindo ao Solar Baskerville!"

Um homem alto saltou da sombra do pórtico para abrir a porta do trole. A figura de uma mulher delineava-se contra a luz amarela do salão. Ela saiu e ajudou o homem a descer nossas malas.

"Não se importa que eu siga direto para casa, Sir Henry?" perguntou o dr. Mortimer. "Minha mulher está me esperando."

"Não poderia ficar e jantar conosco?"

"Não, preciso ir. Provavelmente encontrarei algum trabalho à minha espera. Gostaria de lhe mostrar a casa, mas Barrymore será um guia melhor que eu. Adeus, e não hesite em mandar me chamar, dia ou noite, se eu puder lhe ser útil."

O barulho das rodas desapareceu no caminho enquanto Sir Henry e eu entrávamos no salão e a porta se fechava pesadamente atrás de nós. Vimo-nos num belo aposento, grande, alto, com enormes caibros de carvalho enegrecidos pelo tempo. Na grande e antiquada lareira atrás dos altos cães de ferro, um fogo de toras crepitava e estalava. Sir Henry e eu estendemos nossas mãos para ele, pois estávamos entorpecidos após a longa viagem de carro. Depois contemplamos à nossa volta a alta e estreita janela de vitral, os lambris de carvalho, as cabeças de cervo, o brasão sobre as paredes, tudo indistinto e sombrio à luz fraca da lâmpada central.

"É exatamente como imaginei", disse Sir Henry. "Não é a própria imagem de um velho lar? Pensar que este é o mesmo solar em que meu povo viveu durante quinhentos anos! Sinto-me repentinamente solene ao pensar nisso!"

Vi seu rosto moreno iluminar-se com um entusiasmo infantil enquanto ele olhava em torno de si. A luz batia sobre onde ele estava, mas sombras compridas projetavam-se pelas paredes e pendiam como um dossel preto acima dele. Barrymore voltara, após levar as bagagens para nossos quartos. Postou-se diante de nós com as maneiras contidas de um criado bem-treinado. Era um homem de aparência extraordinária, alto, vistoso, com uma barba preta quadrada e um semblante pálido e distinto.

"Gostaria que o jantar fosse servido imediatamente, senhor?"

“Está pronto?”

“Dentro de alguns minutos, senhor. Encontrarão água quente em seus quartos. Minha esposa e eu ficaremos felizes, Sir Henry, em continuar com o senhor até que tenha tomado suas novas providências, mas o senhor compreenderá que nas novas circunstâncias esta casa exigirá uma criadagem considerável.”

“Que novas circunstâncias?”

“Quis dizer apenas, senhor, que Sir Charles levava uma vida muito reclusa, e éramos capazes de cuidar de suas necessidades. O senhor, naturalmente, deseja ter mais companhia, o que irá exigir mudanças em sua casa.”

“Está querendo dizer que você e sua mulher querem ir embora?”

“Somente quando for de sua inteira conveniência, senhor.”

“Mas a sua família não está conosco há várias gerações? Eu lamentaria iniciar minha vida aqui rompendo uma antiga ligação de família.”

Tive a impressão de discernir alguns sinais de emoção no rosto branco do mordomo.

“Eu também sinto isso, senhor, assim como minha mulher. Mas para lhe dizer a verdade, éramos ambos muito afeiçoados a Sir Charles, e sua morte nos causou um choque e tornou este ambiente muito penoso para nós. Temo que nunca voltemos a nos sentir tranquilos no Solar Baskerville.”

“Mas o que pretende fazer?”

“Não tenho dúvida, senhor, de que conseguiremos nos estabelecer em algum negócio. A generosidade de Sir Charles nos deu meios para isso. E agora, senhor, talvez seja melhor mostrar-lhes seus quartos.”

Uma escada dupla conduzia a uma galeria quadrada com balaustrada que rodeava o alto do velho salão. Desse ponto central estendiam-se por todo o comprimento da construção dois longos corredores para os quais se abriam todos os quartos. O meu ficava na mesma ala que o de Baskerville e quase ao lado dele. Esses quartos pareciam muito mais modernos que a parte central da casa, e o papel claro e as numerosas velas contribuíram para eliminar a impressão sombria que nossa chegada deixara em minha mente.

A sala de jantar, porém, que dava para o salão, era um lugar sombrio e triste. Era um recinto comprido com um degrau separando o estrado onde a família se sentava da parte inferior reservada para os seus dependentes. Era dominada, numa de suas extremidades, por um balcão para os músicos. Traves negras corriam sobre nossas cabeças, com um teto enegrecido pela fumaça acima delas. Com fileiras de archotes para iluminá-la, e a cor e a alegria rude de um banquete

de outros tempos, a sala poderia ter se suavizado; mas agora, quando dois cavalheiros vestidos de preto sentavam-se no pequeno círculo de luz projetado por um abajur velado, nossa voz era silenciada e o espírito, reprimido. Uma indistinta linha de ancestrais, com os mais variados trajes, do cavaleiro elisabetano ao janota da Regência, contemplava-nos do alto e nos intimidava com sua companhia. Falamos pouco, e de minha parte fiquei contente quando a refeição terminou e pudemos nos retirar para a moderna sala de bilhar e fumar um cigarro.



“A sala de jantar, porém, era um lugar sombrio e triste.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1901]

“Palavra, este não é um lugar muito alegre”, disse Sir Henry. “Suponho que podemos nos adaptar a ele, mas no momento sinto-me um pouco deslocado. Não espanta que meu tio tenha se tornado um tanto nervoso, se morava sozinho numa casa como esta. Contudo, se isso lhe convier, vamos nos recolher cedo esta noite, e talvez as coisas possam parecer mais alegres de manhã.”

Antes de me deitar, abri minhas cortinas e olhei pela minha janela. Ela dava para um espaço gramado que se estendia em frente à porta do solar. Do outro lado, dois arvoredos gemiam e se balançavam ao vento que começava a soprar. Uma meia-lua surgiu por entre as nuvens ligeiras. À sua luz fria, vi além das árvores uma orla quebrada de rochas e a curva longa e rasa da melancólica charneca. Fechei a cortina, sentindo que minha última impressão era condizente com o resto.

Mas ela não foi realmente a última. Embora exausto, sentia-me desperto e me revirava de um lado para o outro, procurando um sono que não vinha. A

distância um carrilhão batia os quartos de hora, mas afora isso a velha casa estava mergulhada num silêncio mortal. E então, de repente, a horas mortas, um som feriu meus ouvidos, claro, sonoro e inconfundível. Era o soluço de uma mulher, o arquejo sufocado, estrangulado, de alguém dilacerado por uma dor inconsolável. Sentei-me na cama e ouvi com atenção. O barulho não poderia ter vindo de longe e certamente estava na casa. Durante meia hora esperei com cada nervo em alerta, mas não ouvi nenhum outro som exceto as batidas do relógio e o farfalhar da hera na parede.

VII. OS STAPLETON DA CASA MERRIPIT

O FRESCOR DA BELA MANHÃ seguinte contribuiu para apagar de nossas mentes a impressão soturna e desolada deixada pela nossa primeira experiência no Solar Baskerville. Quando Sir Henry e eu nos sentamos para o desjejum, a luz do sol jorrava pelas altas janelas de mainel, projetando pálidas manchas de cor dos brasões que as cobriam. Os lambris escuros fulguravam como bronze aos raios dourados, e era difícil acreditar que aquele era realmente o aposento que infundira tanta melancolia em nossas almas na noite anterior.

"Imagino que é a nós mesmos, não à casa, que devemos culpar!" disse o baronete. "Como estávamos cansados da viagem e enregelados pelo trajeto de carro, tivemos uma visão sombria do lugar. Agora, como estamos descansados e bem, tudo voltou a ser alegre."

"No entanto não foi inteiramente uma questão de imaginação", respondi. "Por acaso não ouviu alguém, creio que uma mulher, soluçando à noite?"

"Isso é curioso, porque, quando eu estava prestes a dormir, tive a impressão de ouvir alguma coisa parecida. Esperei por um bom tempo, mas como não ouvi mais nada concluí que tudo não passara de um sonho."

"Eu ouvi nitidamente, e tenho certeza de que era realmente o soluço de uma mulher."

"Vou indagar agora mesmo."

Ele tocou a campainha e perguntou a Barrymore se podia explicar nossa experiência. Tive a impressão de que as feições pálidas do mordomo ficaram um pouco mais pálidas quando ele ouviu a pergunta do patrão.

"Há somente duas mulheres na casa, Sir Henry", respondeu. "Uma é a copeira, que dorme na outra ala. A outra é a minha mulher, e asseguro-lhe que o som não poderia ter vindo dela."

Mas estava mentindo, pois aconteceu que depois do desjejum encontrei com Mrs. Barrymore no longo corredor, com o sol batendo de cheio em seu rosto. Era uma mulher grande, impassível, com traços pesados e uma expressão severa e resoluta na boca. Mas foi traída por seus olhos vermelhos, que me olharam por

entre pálpebras inchadas. Fora ela, portanto, quem chorara durante a noite, e se o fizera o marido devia saber. Por outro lado, ele correra o risco óbvio de ser desmascarado ao declarar que as coisas não haviam se dado dessa forma. Por que o fizera? E por que ela chorava tão amargamente? Uma atmosfera de mistério e melancolia já envolvia esse homem pálido, bem-apessoado, de barba preta. Fora ele que descobrira o corpo de Sir Charles, e tínhamos somente sua palavra acerca de todas as circunstâncias que conduziram à morte do velho. Seria possível que fosse Barrymore, afinal de contas, que tínhamos visto no *hansom* em Regent Street? A barba poderia perfeitamente ter sido a mesma. O cocheiro descrevera um homem mais baixo, mas essa poderia facilmente ter sido uma falsa impressão. Como elucidar essa questão definitivamente? Era óbvio que a primeira coisa a fazer era procurar o agente do correio de Grimpen e descobrir se o telegrama enviado como teste fora realmente entregue nas mãos de Barrymore. Fosse qual fosse a resposta, eu pelo menos teria alguma coisa a relatar para Sherlock Holmes.

Como Sir Henry tinha muitos papéis para examinar depois do desjejum, a hora era propícia para minha excursão. Foi um agradável passeio de seis quilômetros ao longo da borda da charneca, levando-me por fim a uma aldeola insípida, em que duas construções maiores, que se provaram ser a estalagem e a casa do dr. Mortimer, se destacavam do resto. O agente do correio, que era também o dono do armazém do lugar, tinha uma clara lembrança do telegrama.

“Certamente, senhor”, disse. “Mandei entregar o telegrama a Mr. Barrymore exatamente como foi ordenado.”

“Quem o entregou?”

“Meu menino aqui. James, você entregou aquele telegrama a Mr. Barrymore no solar semana passada, não foi?”

“Sim, pai, entreguei.”

“Nas mãos dele?” perguntei.

“Bem, como ele estava no sótão no momento, não pôde ser em suas próprias mãos, mas entreguei-o nas mãos de Mrs. Barrymore, e ela prometeu que o passaria a ele imediatamente.”

“Você viu Mr. Barrymore?”

“Não, senhor; como disse, ele estava no sótão.”

“Se não o viu, como sabe que estava no sótão?”

“Bem, com certeza sua própria mulher deve saber onde ele está”, disse o agente do correio, irritado. “Ele não recebeu o telegrama? Se houve algum erro, cabe ao próprio Mr. Barrymore se queixar.”

Pareceu inútil levar o interrogatório adiante, mas estava claro que, apesar do estratagema de Holmes, não tínhamos nenhuma prova de que Barrymore não estivera em Londres o tempo todo. Supondo que isso tivesse acontecido… supondo que o mesmo homem tivesse sido o último a ver Sir Charles com vida e o primeiro a seguir o novo herdeiro quando ele retornou à Inglaterra… que concluir? Seria ele um intermediário, ou tinha algum propósito sinistro próprio? Que interesse podia ter em perseguir a família Baskerville? Pensei no estranho aviso recortado do editorial do *Times*. Aquilo fora obra sua, ou quem sabe o gesto de alguém decidido a contrariar seus planos? O único motivo concebível era o que fora sugerido por Sir Henry: se a família pudesse ser afugentada, um lar confortável e permanente estaria assegurado para os Barrymore. Mas esse seria por certo um motivo inteiramente inadequado para justificar o profundo e sutil maquinador que parecia estar tecendo uma rede invisível em torno do jovem baronete. O próprio Holmes dissera que nunca lhe fora confiado caso mais complexo em toda a longa série de suas investigações sensacionais. Rezei, enquanto caminhava de volta pela estrada cinzenta e erma, para que meu amigo se livrasse logo de seus afazeres e pudesse vir tirar esse pesado fardo de responsabilidade de meus ombros.

De repente meus pensamentos foram interrompidos pelo som de pés correndo atrás de mim e por uma voz que me chamava pelo nome. Virei-me, esperando ver o dr. Mortimer, mas para minha surpresa era um estranho que me perseguia. Era um homem baixo, delgado, escanhoado e de expressão afetada, cabelo louro e queixo pequeno, entre os trinta e quarenta anos de idade, vestindo um terno cinza e usando um chapéu de palha. Tinha uma caixa de folha de flandres para espécimes botânicos pendurada no ombro e, numa das mãos, uma rede verde para borboletas.



“Era um estranho que me perseguia.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1901]

“Estou certo de que perdoará minha presunção, dr. Watson”, disse ele, ao chegar ofegante onde eu estava. “Aqui na charneca somos gente simples e não esperamos por apresentações formais. Possivelmente o senhor ouviu meu nome de nosso amigo comum, Mortimer. Eu sou Stapleton, da Casa Merripit.”

“Eu teria percebido por sua lata e sua rede”, disse eu, “pois sabia que Mr. Stapleton era naturalista. Mas como o senhor me identificou?”

“Estive fazendo uma visita a Mortimer, e ele o apontou para mim da janela de sua sala de cirurgia quando o senhor passou. Como nosso caminho é o mesmo, pensei que poderia alcançá-lo e me apresentar. Espero que Sir Henry já tenha se restaurado da viagem.”

“Ele está muito bem, obrigado.”

“Estávamos todos bastante temerosos de que, depois da triste morte de Sir Charles, o baronete pudesse se recusar a morar aqui. É pedir muito de homem rico que venha se enterrar num lugar deste tipo, mas não preciso lhe dizer que isso significa muito para a região. Sir Henry não tem, suponho, medos supersticiosos a esse respeito?”

“Isso não me parece provável.”

“Conhece a lenda do cão demoníaco que assombra a família, não é?”

“Ouvi falar dela.”

“É extraordinário como os camponeses são crédulos por aqui! Muitos estão prontos a jurar que viram tal criatura na charneca.” Ele falava com um sorriso, mas tive a impressão de ler em seus olhos que levava o assunto mais a sério. “A história exercia grande influência sobre a imaginação de Sir Charles, e não tenho dúvida de que isso levou a seu trágico fim.”

“Mas como?”

“Seus nervos estavam tão excitados que o aparecimento de qualquer cão poderia ter tido um efeito fatal sobre seu coração combalido. Imagino que ele realmente viu alguma coisa do gênero naquela última noite na Aleia de Teixos. Eu temia que algum desastre pudesse ocorrer, pois gostava muito do velho e sabia que seu coração era fraco.”

“Como sabia?”

“Meu amigo Mortimer me contou.”

“Pensa, então, que algum cão perseguiu Sir Charles, e que ele morreu em consequência do pavor?”

“Tem alguma explicação melhor?”

“Não cheguei a nenhuma conclusão.”

“Mr. Holmes chegou?”

Essas palavras me deixaram sem fôlego por um instante, mas um olhar para o semblante plácido e os olhos firmes de meu companheiro mostrou que ele não pretendia causar nenhuma surpresa.

“É inútil fingirmos que não o conhecemos, dr. Watson”, disse ele. “As histórias de seu detetive chegaram aqui, e o senhor não o teria podido celebrar sem se tornar conhecido também. Quando Mortimer me disse seu nome, não pôde negar sua identidade. Se o senhor está aqui, disto se segue que Mr. Sherlock Holmes está interessado no caso, e estou naturalmente curioso por saber que opinião teria.”

“Lamento não poder responder a essa pergunta.”

“Posso lhe perguntar se ele vai nos honrar com sua visita?”

“Ele não pode deixar a cidade no momento. Tem outros casos que requerem sua atenção.”

“Que pena! Ele poderia lançar alguma luz sobre o que a nós parece tão obscuro. Mas quanto às suas próprias investigações, se eu puder lhe ser útil de alguma maneira, confio que me requisitará. Se eu tivesse alguma indicação da natureza de suas suspeitas, ou de como pretende investigar o caso, poderia talvez lhe dar mesmo agora alguma ajuda ou conselho.”

“Asseguro-lhe que estou aqui simplesmente em visita ao meu amigo Sir Henry e que não preciso de nenhum tipo de ajuda.”

“Excelente!” disse Stapleton. “Faz muito bem em ser cauteloso e discreto. Estou sendo justamente repreendido pelo que sinto ter sido uma intromissão injustificável e prometo-lhe não voltar ao assunto.”

Havíamos chegado a um ponto em que um caminho estreito e coberto de relva se desviava da estrada e seguia serpenteando pela charneca. À nossa direita, erguia-se um morro íngreme, pontilhado de penedos, que fora outrora uma pedreira de granito. A face voltada para nós formava um penhasco escuro, em cujos nichos cresciam samambaias e sarças. De uma elevação distante subia um penacho cinza de fumaça.

“Uma caminhada moderada ao longo desta trilha pela charneca nos leva à Casa Merripit”, disse ele. “Talvez disponha de uma hora para que eu possa ter o prazer de apresentá-lo à minha irmã.”

Meu primeiro pensamento foi que eu deveria estar ao lado de Sir Henry. Mas

depois me lembrei da pilha de documentos e contas que cobria a mesa de seu gabinete. Certamente não o poderia ajudar com eles. E Holmes dissera expressamente que eu devia estudar os vizinhos na charneca. Aceitei o convite de Stapleton e percorremos a trilha juntos.

“É um lugar maravilhoso, a charneca”, disse ele, passando os olhos pela chapada sinuosa, longas ondas verdes, com cristas de granito serrilhado espumando em fantásticos vagalhões. “A gente nunca se cansa da charneca. Não pode imaginar que segredos maravilhosos contém. É tão vasta, tão árida, tão misteriosa.”

“Então a conhece bem?”

“Faz apenas dois anos que estou aqui. Os moradores me chamariam de recém-chegado. Chegamos pouco depois que Sir Charles se estabeleceu. Mas meus gostos me levaram a explorar cada recanto desta área, e diria que poucos homens a conhecem melhor que eu.”

“É tão difícil assim conhecê-la?”

“Muito. Veja, por exemplo, essa grande planície aqui ao norte, com esses morros esquisitos despontando. Observa alguma coisa de notável nisso?”

“Seria um lugar excepcional para um galope.”

“É natural que pense assim, e essa ideia já custou a vida a algumas pessoas. Vê aqueles pontos verdes brilhantes que se espalham densamente por toda sua extensão?”

“Sim, parecem mais férteis que o resto.”

Stapleton riu.

“Esse é o grande charco de Grimpen”, disse. “Um passo em falso ali significa a morte para o homem ou o animal. Ontem mesmo vi um dos pôneis da charneca se aventurar ali. Nunca mais saiu. Durante muito tempo vi sua cabeça se esticando para fora do lodaçal, mas este acabou por tragá-lo. Se nas estações secas já é um perigo atravessá-lo, depois destas chuvas de outono é um lugar medonho. No entanto, consigo penetrar até o coração dele e voltar vivo. Meu Deus, lá está mais um desses infelizes pôneis!”



“‘Esse é o grande charco de Grimpen.’”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1901]

Alguma coisa marrom se revolvia e sacudia entre os carriços verdes. Depois um pescoço comprido projetou-se para cima, retorcendo-se, e um relincho pavoroso ecoou pela charneca. Fiquei gelado de horror, mas os nervos de meu companheiro pareciam mais fortes que os meus.

“Desapareceu!” disse ele. “O charco o tragou. Foram dois em dois dias, e muitos mais, talvez, pois eles se habituam a ir ali no tempo seco e não reconhecem a diferença até caírem nas garras do charco. É um lugar ruim, o grande charco de Grimpen.”

“E disse que consegue penetrar nele?”

“Sim, há um ou dois atalhos pelos quais um homem muito vigoroso pode enveredar. Eu descobri os dois.”

“Mas por que desejaria entrar num lugar tão horrível?”

“Bem, vê aqueles morros ao longe? Eles são na verdade ilhas isoladas por todos os lados pelo charco intransponível, que se espalhou em torno deles no curso dos anos. É ali que as plantas e as borboletas raras se encontram, se você tiver argúcia para alcançá-las.”

“Tentarei a sorte qualquer dia desses.”

Ele me encarou com surpresa. “Pelo amor de Deus, esqueça essa ideia”, disse. “Seu sangue cairia sobre a minha cabeça. Garanto-lhe que não teria a mínima chance de voltar vivo. Só consigo me lembrando de certos pontos de referência complexos.”

“Mas o que é isso?” exclamei.

Um gemido baixo e longo, indescritivelmente triste, tomou conta da

charneca. Encheu todo o ar, mas apesar disso era impossível saber de onde vinha. De um murmúrio surdo avolumou-se num rugido intenso e depois esmoreceu novamente num murmúrio melancólico, palpitante. Stapleton me fitou com uma expressão curiosa.

“Lugar estranho, o charco!” disse.

“Mas o que é isso?”

“Dizem os camponeses que é o Cão dos Baskerville chamando sua presa. Ouvi isso uma ou duas vezes antes, mas nunca tão alto.”

Com um calafrio de medo, contemplei a planície enorme e ondulada à minha volta, malhada de manchas verdes de juncos. Nada se mexia na vasta extensão, exceto um par de corvos que grasnava alto num pico rochoso atrás de nós.

“O senhor é um homem instruído. Não acredita em tamanha tolice, não é?” perguntei. “Qual lhe parece ser a causa de um som tão estranho?”

“Charcos fazem barulhos esquisitos às vezes. É a lama se acomodando, ou a água subindo, alguma coisa assim.”

“Não, não, era uma voz viva.”

“Bem, talvez fosse. Já ouviu uma galinhola-real gritando?”

“Não, nunca.”

“É uma ave muito rara — praticamente extinta — na Inglaterra agora, mas tudo é possível na charneca. Sim, eu não ficaria surpreso ao saber que o que ouvimos é o grito da última das galinholas-reais.”

“É a coisa mais esquisita, mais invulgar que já ouvi na minha vida.”

“Sim, pensando bem, é um lugar misterioso. O homem pré-histórico povoou densamente a charneca, e como ninguém em particular viveu ali desde então, encontramos seus pequenos arranjos exatamente como eles os deixaram. Ali estão suas cabanas, sem os telhados. É possível ver até a lareira e o leito, se tiver a curiosidade de entrar.”

“Mas é uma verdadeira cidade. Quando foi habitada?”

“O homem neolítico… sem data.”

“O que fazia ele?”

“Pastoreava seu rebanho nestas encostas, e aprendeu a escavar à procura de estanho quando a espada de bronze começou a suplantar o machado de pedra. Veja aquela grande trincheira no morro fronteiro. É a sua marca. Sim, o senhor encontrará na charneca alguns aspectos muito interessantes, dr. Watson. Oh, desculpe-me um instante. É certamente uma *Cyclopides*.”

Uma pequena mosca ou mariposa adejara pelo nosso caminho, e num

instante Stapleton estava se precipitando com extraordinária energia e velocidade em seu encalço. Para minha aflição, a criatura voou direto para o grande charco, mas meu conhecido não hesitou nem por um instante, saltando de moita em moita atrás dela, sua rede verde agitando-se no ar. Suas roupas cinzentas e seu progresso irregular, aos arrancos e em zigue-zague, o tornavam não muito diferente de uma gigantesca mariposa. Imóvel, eu observava essa perseguição com um misto de admiração por sua extraordinária energia e medo de que se perdesse no charco traiçoeiro, quando ouvi o som de passos e, virando-me, vi uma mulher perto de mim na trilha. Ela vinha da direção em que o penacho de fumaça indicava a Casa Merripit, mas a depressão da charneca me impedira de avistá-la até que chegasse bem perto.

Não pude duvidar de que fosse Miss Stapleton, de quem me haviam falado, pois senhoras de qualquer espécie deviam ser raras na charneca, e lembrei-me de que ouvira alguém descrevê-la como uma beldade. A mulher que se aproximava de mim certamente o era, e de um tipo extremamente incomum. Não teria podido haver maior contraste entre irmão e irmã, pois Stapleton tinha um colorido neutro, com cabelo claro e olhos cinza, enquanto ela era mais escura que qualquer morena que já vi na Inglaterra — esbelta, elegante e alta. Tinha uma expressão altiva e um rosto finamente talhado, tão regular que poderia parecer impassível, não fosse pela boca sensível e os lindos e irrequietos olhos escuros. Com seu talhe perfeito e vestido elegante, era, de fato, uma estranha aparição numa trilha erma da charneca. Seus olhos estavam fixados no irmão quando me virei, e eu estava prestes a dar alguma explicação quando suas próprias palavras impeliram todos os meus pensamentos para uma nova direção.

“Volte!” disse ela. “Volte direto para Londres imediatamente.”

Pude apenas fitá-la, em estúpida surpresa. Fuzilando-me com os olhos, ela bateu o pé no chão, impaciente.

“Por que eu deveria voltar?”

“Não posso explicar.” Falava num tom baixo e ansioso, com um curioso ceceio na sua pronúncia. “Mas pelo amor de Deus faça o que estou pedindo. Volte, e nunca mais ponha os pés na charneca.”

“Mas eu acabo de chegar.”

“Oh céus!” exclamou ela. “Não percebe quando um aviso é para seu próprio bem? Volte para Londres! Parta hoje à noite! Saia deste lugar a qualquer custo! Silêncio, meu irmão está vindo! Nem uma palavra do que eu disse. Incomoda-se de pegar para mim aquela orquídea entre os cavalinhos-d’água ali adiante? Temos uma profusão de orquídeas na charneca, embora, é claro, o senhor tenha

chegado muito tarde para ver as belezas do lugar.”

Stapleton abandonara a caça e voltava, ofegante e corado por seus esforços.

“Olá, Beryl”, saudou, num tom que não me pareceu de todo cordial.

“Como você está afogueado, Jack!”

“Sim, estava caçando uma *Cyclopides*. Ela é muito rara e dificilmente encontrada no final do outono. Que pena tê-la perdido!”

Falava num tom despreocupado, mas seus olhinhos claros relanceavam incessantemente da moça para mim.

“Já se apresentaram, pelo que vejo.”

“Sim. Eu estava dizendo a Sir Henry que está muito tarde para ele ver as verdadeiras belezas da charneca.”

“Ora, quem você pensa que ele é?”

“Imagino que seja Sir Henry Baskerville.”

“Não, não”, disse eu. “Apenas um humilde plebeu, mas amigo dele. Meu nome é dr. Watson.”

Um rubor de vexame perpassou pelo rosto expressivo da jovem.

“Estávamos tendo uma conversa confusa”, disse ela.

“Ora, não tiveram muito tempo para conversar”, observou seu irmão com os mesmos olhos inquisitivos.

“Falei como se o dr. Watson fosse um morador, e não um mero visitante”, disse ela. “Não pode ser muito importante para ele que seja tarde ou cedo para as orquídeas. Mas o senhor virá ver a Casa Merripit, não é?”

Uma curta caminhada levou-nos até lá, uma triste casa de charneca, a fazenda de algum criador de gado nos velhos tempos de prosperidade, mas agora reformada e transformada numa residência moderna. Era cercada por um pomar, mas as árvores, como é usual na charneca, eram mirradas e crestadas, e o aspecto geral do lugar era pobre e melancólico. Fomos recebidos por uma criada estranha, enrugada e metida num casaco cor de ferrugem que parecia combinar com a casa. Dentro, no entanto, havia aposentos amplos mobiliados com elegância em que tive a impressão de reconhecer o gosto da senhora. Ao olhar pela janela a interminável charneca salpicada de granito que ondulava ininterruptamente até o horizonte mais distante, não pude senão me admirar, pensando no que poderia ter trazido aquele homem altamente instruído e aquela bonita mulher para viver num tal lugar.

“Lugar esquisito para se escolher, não é?” disse ele, como se em resposta ao meu pensamento. “No entanto conseguimos viver razoavelmente felizes, não é,

Beryl?”

“Muito felizes”, disse ela, mas não senti convicção em suas palavras.

“Eu tive um colégio”, disse Stapleton. “Ficava no norte do país. O trabalho, para um homem com o meu temperamento, era mecânico e desinteressante, mas o privilégio de conviver com a mocidade, de moldar aquelas mentes jovens e influenciá-las com nosso próprio caráter e ideais me era muito caro. No entanto, o destino estava contra nós. Uma grave epidemia irrompeu no colégio e três dos meninos morreram. Nunca me recuperei do golpe, e grande parte de meu capital foi irrecuperavelmente engolido. Contudo, não fosse pela perda da encantadora companhia dos meninos, eu poderia me regozijar com meu infortúnio, pois, com minhas fortes inclinações por botânica e zoologia, encontro um campo de trabalho ilimitado aqui, e minha irmã é tão devotada à natureza quanto eu. Tudo isso, dr. Watson, foi suscitado pela expressão com que contemplou a charneca pela janela.”

“Certamente passou pela minha cabeça que isto poderia ser um pouco enfadonho… menos para o senhor, talvez, que para sua irmã.”

“Não, não, nunca me sinto entediada”, disse ela rapidamente.

“Temos livros, temos nossos estudos, e temos vizinhos interessantes. O dr. Mortimer é um homem muito culto na sua área. O pobre Sir Charles também era um companheiro admirável. Nós o conhecíamos bem, e sentimos mais falta dele do que posso expressar. Julgaria uma intromissão se eu fizesse uma visita hoje à tarde a Sir Henry para conhecê-lo?”

“Tenho certeza de que ele ficaria encantado.”

“Então talvez possa mencionar que pretendo fazer isso. À nossa maneira humilde, podemos fazer algo para tornar as coisas mais fáceis para ele até que se acostume com seu novo ambiente. Gostaria de subir, dr. Watson, e examinar minha coleção de *Lepidoptera*? Creio que é a mais completa no sudoeste da Inglaterra. Quando tiver acabado de examiná-las, o almoço estará quase pronto.”

Mas eu estava impaciente para voltar ao meu posto. A melancolia da charneca, a morte do infeliz pônei, o estranho som que havia sido associado à lenda soturna dos Baskerville — todas essas coisas davam um toque de tristeza aos meus pensamentos. Depois, coroando essas impressões mais ou menos vagas, viera o aviso claro e distinto de Miss Stapleton, dado com tanta seriedade que eu não podia duvidar que houvesse por trás dele uma razão grave e profunda. Resisti a todas as pressões para ficar para o almoço, e encetei imediatamente a caminhada de volta, tomando a trilha relvada por onde viéramos.

Parece, contudo, que devia haver algum atalho para os que a conheciam, pois antes de chegar à estrada avistei, para o meu pasmo, Miss Stapleton sentada numa pedra ao lado da vereda. Com o rosto lindamente corado pelo exercício, ela manteve a mão junto de si.

"Corri até aqui para interceptá-lo, dr. Watson", disse ela. "Não tive tempo nem de pôr o chapéu. Não posso parar, ou meu irmão daria pela minha falta. Queria lhe dizer o quanto lamento o erro estúpido que cometi pensando que fosse Sir Henry. Por favor esqueça as palavras que eu disse, que não se aplicam de maneira alguma ao senhor."

"Mas não posso esquecê-las, Miss Stapleton", respondi. "Sou amigo de Sir Henry, e o bem-estar dele me interessa profundamente. Diga-me por que estava tão ansiosa para que Sir Henry voltasse para Londres."

"Um capricho de mulher, dr. Watson. Quando me conhecer melhor, compreenderá que nem sempre posso dar razões para o que digo ou faço."

"Não, não. Lembro-me da emoção na sua voz. Lembro-me do seu olhar. Por favor, por favor, seja franca comigo, Miss Stapleton, porque desde que cheguei aqui tenho consciência de sombras à minha volta. A vida tornou-se como aquele grande charco de Grimpen, com pequenas manchas verdes em que podemos cair por toda parte e sem nenhum guia para apontar a trilha. Diga-me, então, o que tinha em mente, e prometo transmitir seu aviso a Sir Henry."

Uma expressão de indecisão passou por um instante por seu semblante, mas seus olhos haviam endurecido de novo quando me respondeu.

"Está dando demasiada importância a isso, dr. Watson", disse. "Meu irmão e eu ficamos extremamente chocados com a morte de Sir Charles. Nós o conhecíamos intimamente, pois sua caminhada favorita era pela charneca até a nossa casa. Ele era deveras impressionado pela maldição que pairava sobre sua família, e quando essa tragédia aconteceu senti naturalmente que devia haver algum fundamento para os temores que ele expressava. Fiquei aflita, portanto, quando outro membro da família veio morar aqui, e achei que ele devia ser advertido do perigo que estará correndo. Foi só isso que pretendi transmitir."

"Mas qual é o perigo?"

"Conhece a história do cão?"

"Não acredito nessa tolice."

"Mas eu acredito. Se o senhor tiver alguma influência junto a Sir Henry, leve-o embora de um lugar que foi sempre fatal para sua família. O mundo é grande. Por que desejaria ele viver no lugar perigoso?"

"Porque é o lugar perigoso. Essa é a natureza de Sir Henry. Temo que, a

menos que possa me dar alguma informação mais precisa que esta, vá ser impossível convencê-lo a se mudar.”



“Conhece a história do cão?”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1901]

“Não posso dizer nada de preciso, porque não sei nada de preciso.”

“Eu lhe faria mais uma pergunta, Miss Stapleton. Se não queria dizer nada além disso quando me falou pela primeira vez, por que não quis que seu irmão a ouvisse? Não é nada a que ele, ou qualquer outra pessoa, poderia objetar.”

“Meu irmão está muito ansioso para ver o Solar habitado, pois pensa que isso é bom para os pobres da charneca. Ficaria zangado se soubesse que eu havia dito alguma coisa capaz de induzir Sir Henry a ir embora. Mas já cumpri o meu dever, e não direi mais nada. Tenho de voltar, ou ele dará pela minha falta e desconfiará que estive com o senhor. Adeus!”

Ela se virou e em poucos minutos havia desaparecido entre os penedos dispersos, enquanto eu, a alma cheia de temores vagos, segui caminho para o Solar Baskerville.

VIII. PRIMEIRO RELATÓRIO DO DR. WATSON

DESTE PONTO EM DIANTE acompanharei os fatos transcrevendo minhas próprias cartas para Mr. Sherlock Holmes que se encontram diante de mim sobre a mesa. Falta uma página, mas afora isso elas estão exatamente como foram escritas e revelam meus sentimentos e desconfianças do momento mais exatamente do que minha memória desses eventos trágicos, por mais clara que seja, o poderia fazer.

Solar Baskerville, *13 de outubro*

Meu caro Holmes,

Minhas cartas e telegramas anteriores o mantiveram bastante a par de tudo que ocorreu neste canto do mundo tão esquecido por Deus. Quanto mais tempo passamos aqui, mais o espírito da charneca, sua vastidão, e também seu encanto soturno, penetra em nossa alma. Uma vez em seu seio, deixamos para trás todos os vestígios da moderna Inglaterra, mas por outro lado tomamos consciência em toda parte dos lares e do trabalho do povo pré-histórico. Por onde quer que andemos, vemos as casas dessa gente esquecida, com seus túmulos e os imensos monólitos que, segundo se pensa, caracterizaram seus templos. Ao contemplar suas cabanas de pedra cinzenta contra as encostas cheias de cicatrizes, deixamos nosso próprio tempo para trás, e se víssemos um homem peludo, trajando peles, rastejar para fora da porta baixa, sua presença ali nos pareceria mais natural que a nossa própria. O estranho é que tenham vivido em tão grande número no que deve ter sido sempre um solo extremamente estéril. Não sou um estudioso de coisas antigas, mas posso imaginar que eram um povo esbulhado e pacífico que foi obrigado a aceitar terras que ninguém mais ocuparia.

Tudo isso, entretanto, é alheio à missão que você me confiou, e provavelmente parecerá muito desinteressante à sua mente escrupulosamente prática. Ainda posso lembrar sua completa indiferença quanto a saber se o Sol gira em torno da Terra ou a Terra em torno do Sol. Deixe-me, portanto, retornar aos fatos relacionados a Sir Henry Baskerville.

Se não recebeu nenhum relatório nos últimos dias, foi porque até hoje não houve nada de importante para narrar. Depois ocorreu uma circunstância muito

surpreendente, que lhe contarei no devido tempo. Antes, porém, devo inteirá-lo de alguns outros fatores na situação.

Um deles, com relação ao qual pouco falei, é o prisioneiro fugitivo na charneca. Há fortes motivos agora para se acreditar que ele foi embora, o que é um considerável alívio para os chefes de família isolados desta região. Desde a sua fuga, passaram-se duas semanas durante as quais ele não foi visto e nada se ouviu a seu respeito. É certamente inconcebível que tenha resistido na charneca durante todo esse tempo. É claro que não teria tido absolutamente nenhuma dificuldade para se esconder. Qualquer uma dessas cabanas de pedra teria lhe proporcionado um esconderijo. Mas não há nada para comer, a menos que ele capturasse e abatesse um dos carneiros da charneca. Pensamos, portanto, que ele foi embora, com o que os donos das fazendas distantes têm dormido melhor.

Como nesta casa somos quatro homens robustos, podemos cuidar bem de nós mesmos, mas confesso que tive momentos de inquietação ao pensar nos Stapleton. Eles vivem a quilômetros de qualquer ajuda. Há uma criada e um velho empregado, irmã e irmão, este último um homem não muito forte. Eles se veriam impotentes nas mãos de um sujeito desesperado como esse criminoso de Notting Hill, caso o sujeito conseguisse entrar lá. Sir Henry e eu ficamos ambos preocupados com a situação deles, e sugeriu-se que Perkins, o cavalariço, fosse dormir lá, mas Stapleton não quis nem ouvir falar disso.

O fato é que nosso amigo o baronete começa a manifestar considerável interesse pela nossa linda vizinha. Não é de admirar, pois o tempo custa a passar num lugar solitário como este para um homem ativo como ele, e ela é uma mulher bonita e fascinante. Há nela algo de tropical e exótico que faz um contraste singular com seu frio e impassível irmão. No entanto ele também parece ocultar um temperamento inflamável. Com certeza exerce forte influência sobre ela, pois a vi olhar insistentemente para ele com o rabo do olho enquanto falava, como se procurando aprovação para o que dizia. Há um brilho seco nos olhos dele, e uma dureza em seus lábios finos, que condizem com uma natureza pragmática e possivelmente severa. Você o julgaria um estudo interessante.

Ele veio visitar Baskerville naquele primeiro dia, e já na manhã seguinte levou-nos ambos até o lugar onde, supostamente, a lenda do cruel Hugo teria se originado. Foi uma excursão de alguns quilômetros através da charneca até um lugar tão lúgubre que poderia ter sugerido a história. Encontramos um curto vale entre penhascos irregulares que levava a um espaço relvado aberto salpicado com o branco erióforo. No meio dele erguiam-se duas grandes pedras, tão gastas e aguçadas na extremidade superior que se assemelhavam às presas imensas e corroídas de um animal monstruoso. O lugar correspondia em todos os aspectos

à cena da antiga tragédia. Sir Henry, muito interessado, perguntou a Stapleton mais de uma vez se ele realmente acreditava na possibilidade da interferência do sobrenatural nos assuntos dos homens. Falava com indiferença, mas era evidente que não brincava. Stapleton foi reservado em suas respostas, mas era fácil ver que falava menos do que podia e que não queria expressar tudo que pensava em consideração aos sentimentos do baronete. Contou-nos casos similares, em que famílias haviam sofrido alguma influência maligna, e deixou-nos com a impressão de que partilhava a visão popular sobre o caso.



“Levou-nos até o lugar.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1901]

No caminho de volta paramos para almoçar na Casa Merripit, e foi ali que Sir Henry ficou conhecendo Miss Stapleton. Desde o momento em que a viu, pareceu fortemente atraído por ela e, ou muito me engano, o sentimento foi mútuo. Ele se referiu a ela muitas vezes em nossa caminhada de volta, e desde então mal se passou um dia em que não tenhamos visto o irmão ou a irmã. Eles virão jantar aqui esta noite, e fala-se que iremos jantar com eles semana que vem. Seria de imaginar que um casamento como esse fosse visto com muito bons olhos por Stapleton, no entanto captei mais de uma vez um olhar da mais profunda reprovação em sua fisionomia quando Sir Henry dava alguma atenção à irmã. Ele lhe é muito apegado, sem dúvida, e viveria uma vida solitária sem ela, mas pareceria o cúmulo do egoísmo se viesse a impedi-la de fazer um casamento tão brilhante. Estou certo de que ele não deseja que a intimidade dos dois se desenvolva em amor e observei várias vezes que se esforça para impedi-los de ficar *tête-à-tête*. A propósito, suas instruções para que eu nunca permita que Sir Henry saia sozinho se tornarão muito incômodas se um caso de amor

vier a se acrescentar às nossas outras dificuldades. A estima de que desfruto logo sofreria se eu levasse suas ordens ao pé da letra.

Outro dia — quinta-feira, para ser mais exato —, o dr. Mortimer almoçou conosco. Ele andou escavando um túmulo em Long Down e encontrou um crânio pré-histórico que o deixou imensamente feliz. Nunca houve um entusiasta tão obstinado como ele! Os Stapleton chegaram mais tarde, e o bondoso médico levou-nos a todos à Aleia de Teixos, a pedido de Sir Henry, para nos mostrar exatamente como tudo ocorreu naquela noite fatal. É uma alameda longa e desoladora, a Aleia de Teixos, entre dois altos muros de sebe, com uma estreita faixa de relva de cada lado. Na extremidade oposta há um velho chalé de verão em ruínas. A meio caminho fica o portão da charneca, onde o velho cavalheiro deixou a cinza de seu charuto. É um portão de madeira branca com um trinco. Do outro lado estende-se a ampla charneca. Lembrei-me da sua teoria sobre o caso e tentei imaginar tudo que acontecera. Quando estava parado ali, o velho viu alguma coisa se aproximando através da charneca, algo que o aterrorizou de tal maneira que ele perdeu o juízo e saiu correndo desabaladamente até morrer de puro horror e exaustão. Lá estava o longo e escuro corredor por onde ele fugiu. E de quê? De um cão pastor da charneca? Ou de um cão espectral, negro, silente e monstruoso? Teria havido interferência humana no caso? Saberia o pálido e atento Barrymore mais do que queria professar? Tudo era confuso e vago, mas a sombra escura do crime está sempre por trás.

Conheci um outro vizinho desde que lhe escrevi pela última vez. Trata-se de Mr. Frankland, do Solar Lafter, que mora cerca de seis quilômetros ao sul de nós. É um homem idoso, de rosto vermelho, cabelo branco, e colérico. Sua paixão é o direito inglês e gastou uma grande fortuna em litígios. Briga pelo mero prazer de brigar, e está igualmente pronto a adotar qualquer lado de uma questão, de modo que não admira que essa lhe tenha parecido uma custosa diversão. Às vezes ele fecha uma servidão de passagem e desafia a paróquia a forçá-lo a abri-la. Outras vezes, destrói com as próprias mãos o portão de outro homem e declara que ali existia um caminho desde tempos imemoriais, desafiando o dono a processá-lo por violação de propriedade. É versado em antigos direitos senhoriais e comunais, e aplica seus conhecimentos por vezes em favor dos aldeões de Fernworthy, por vezes contra eles, de modo que é periodicamente ou carregado em triunfo pela rua da aldeia ou queimado em efígie, segundo sua última façanha. Dizem que tem cerca de sete ações judiciais em mãos neste momento, o que provavelmente engolirá o resto de sua fortuna, arrancando-lhe assim o ferrão e deixando-o inofensivo para o futuro. Afora o direito, ele parece uma pessoa bondosa e afável, e só o menciono porque você insistiu que eu devia mandar

uma descrição das pessoas que nos cercam. Ele se dedica atualmente a uma atividade curiosa, pois, sendo astrônomo amador, possui um excelente telescópio, com o qual se instala no telhado de sua casa e varre a charneca o dia todo na esperança de ver de relance o prisioneiro fugitivo. Se limitasse suas energias a isso, tudo estaria bem, mas correm rumores de que pretende processar o dr. Mortimer por abrir uma sepultura sem o consentimento do parente mais próximo, porque desenterrou o crânio neolítico num túmulo em Long Down. Ele ajuda a impedir que nossas vidas se tornem monótonas e nos proporciona um pequeno e extremamente necessário lenitivo cômico.

E agora, depois de tê-lo informado sobre o prisioneiro fugitivo, os Stapleton, o dr. Mortimer e Frankland, do Solar Lafter, deixe-me terminar com o que é mais importante, e contar-lhe mais sobre os Barrymore, em especial sobre o surpreendente episódio de ontem à noite.

Em primeiro lugar, sobre o telegrama que você mandou de Londres como teste, para se certificar de que Barrymore estava realmente aqui. Já expliquei que o depoimento do agente do correio mostra que o teste foi inútil e que não temos nenhuma prova num ou noutro sentido. Eu disse a Sir Henry em que pé estavam as coisas e ele imediatamente, à sua maneira direta, mandou chamar Barrymore e lhe perguntou se havia recebido o telegrama pessoalmente. Barrymore disse que sim.

“O menino o entregou em suas próprias mãos?” perguntou Sir Henry.

Barrymore pareceu surpreso e pensou por um instante.

“Não”, respondeu. “Eu estava no quarto de guardados na hora e minha mulher o levou para mim.”

“Você mesmo o respondeu?”

“Não. Disse à minha mulher que o respondesse e ela desceu para redigir a resposta.”

À noite ele voltou ao assunto por iniciativa própria.

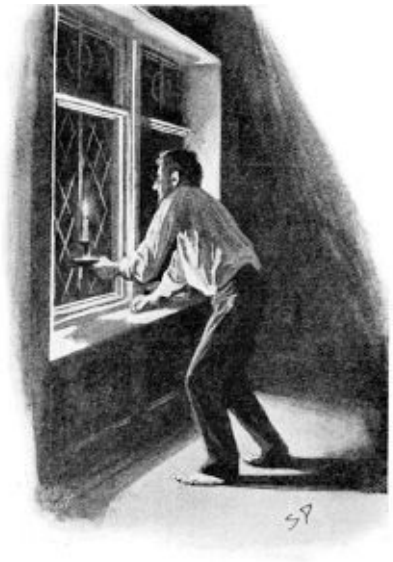
“Não entendi bem o objetivo de suas perguntas esta manhã, Sir Henry”, disse. “Quero crer que não signifiquem que fiz alguma coisa para perder sua confiança.”

Sir Henry teve de lhe garantir que não, e de tranquilizá-lo dando-lhe uma parte considerável de seu velho guarda-roupa, agora que todo o enxoval de Londres chegou.

Mrs. Barrymore me interessa. É uma pessoa pesadona, compacta, muito limitada, extremamente respeitável e propensa ao puritanismo. Seria difícil conceber alguém menos emotivo. No entanto, como lhe contei, na primeira noite

aqui eu a ouvi soluçar amargamente, e desde então observei mais de uma vez vestígios de lágrimas em seu rosto. Alguma dor profunda está sempre atormentando o seu coração. Às vezes me pergunto se a lembrança de alguma culpa a persegue, e às vezes desconfio que Barrymore é um tirano doméstico. Sempre tive a impressão de que havia algo singular e questionável no caráter desse homem, mas a aventura da noite passada exacerba todas as minhas suspeitas.

Isso pode parecer, contudo, um assunto pouco importante em si mesmo. Você sabe que não tenho o sono muito pesado, e desde que estou de guarda nesta casa meus cochilos têm sido mais leves que nunca. Na noite passada, por volta das duas horas da manhã, fui despertado por passos furtivos diante do meu quarto. Levantei-me, abri minha porta e espreitei. Uma longa sombra preta avançava pelo corredor. Era projetada por um homem que o percorria devagar com uma vela na mão. Ele estava de calça e camisa, sem nada nos pés. Pude ver apenas sua silhueta, mas a altura me revelou tratar-se de Barrymore. Andava de maneira muito lenta e circunspecta, e havia algo de indescritivelmente culpado e dissimulado em toda a sua aparência.



“Ele olhava fixamente a escuridão.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1901]

Contei-lhe que o corredor é interrompido pelo balcão que contorna o salão, mas continua do outro lado. Esperei até que ele sumisse de vista, depois o segui. Quando cheguei ao balcão ele atingira a extremidade do outro corredor, e pude ver pela luz fraca através de uma porta aberta que entrara num dos quartos. Ora, como todos esses quartos estão sem móveis e desocupados, aquela expedição

tornou-se mais misteriosa que nunca. A luz tinha um brilho estável, como se ele estivesse parado. Avancei furtivamente pelo corredor, tão silenciosamente quanto pude, e espiei pelo canto da porta.

Agachado junto à janela, Barrymore segurava a vela contra a vidraça. Eu podia entrever seu perfil, e seu rosto parecia rígido de expectativa enquanto ele olhava fixamente a escuridão da charneca. Por alguns minutos ficou olhando atentamente. Depois soltou um profundo gemido e, com um gesto impaciente, apagou a vela. No mesmo instante voltei para o meu quarto e logo depois ouvi mais uma vez os passos rápidos, em seu trajeto de volta. Muito tempo depois, quando eu tinha caído num sono leve, ouvi uma chave girando numa fechadura em algum lugar, mas não pude distinguir de onde vinha o som. Não consigo imaginar o que tudo isso significa, mas há alguma atividade secreta se desdobrando nesta casa soturna, a cujo cerne chegaremos mais cedo ou mais tarde. Não o perturbo com minhas teorias, pois você me pediu que lhe fornecesse apenas fatos. Tive uma longa conversa com Sir Henry esta manhã, e traçamos um plano de campanha baseado em minhas observações da noite passada. Não o exporei neste momento, mas ele deverá fazer de meu próximo relatório uma leitura interessante.

IX. SEGUNDO RELATÓRIO DO DR. WATSON

A luz na charneca

Solar Baskerville, *15 de outubro*

Meu caro Holmes,

Se me vi obrigado a deixá-lo sem muitas notícias durante os primeiros dias de minha missão, você há de convir que estou compensando o tempo perdido, e que agora os eventos se acumulam em abundância diante de nós. Terminei meu último relatório em seu clímax, com Barrymore à janela, e agora já tenho um verdadeiro sortimento que, ou muito me engano, ou irá surpreendê-lo consideravelmente. As coisas tomaram um rumo que eu não poderia ter previsto. Sob certos aspectos elas se tornaram mais claras nas últimas quarenta e oito horas, e sob outros se tornaram mais complicadas. Mas vou lhe contar tudo, e você julgará por si mesmo.

Na manhã seguinte à minha aventura, antes do desjejum, fui até o fim do corredor e examinei o quarto em que Barrymore estivera na noite anterior. Percebi que a janela oeste, pela qual ele olhava tão atentamente, tem uma peculiaridade que a distingue de todas as outras janelas da casa — domina a vista mais próxima da charneca. Uma abertura entre duas árvores permite que uma pessoa, desse ponto de vista, a contemple diretamente, ao passo que de todas as outras janelas só se pode entrevê-la a distância. Segue-se portanto que Barrymore, já que somente essa janela serviria a seu propósito, devia estar à procura de alguma coisa ou de alguém na charneca. Como a noite estava muito escura, é difícil imaginar que esperasse ver alguém. Ocorreu-me que talvez uma intriga amorosa estivesse em andamento. Isso teria explicado seus movimentos furtivos e também a inquietação de sua mulher. Sendo o homem um sujeito de excelente aparência, muito bem-dotado para roubar o coração de uma moça do campo, esta teoria pareceu ter algum embasamento. Aquela porta que ouvi se abrindo depois de voltar para o meu quarto poderia significar que ele saía para algum encontro clandestino. Assim pensei comigo mesmo de manhã, e conto-lhe a direção das minhas suspeitas, por mais que o resultado possa ter mostrado que

elas eram infundadas.

Mas, fosse qual fosse a verdadeira explicação dos movimentos de Barrymore, senti que a responsabilidade de guardá-los para mim até conseguir explicá-los era mais do que eu podia suportar. Tive uma entrevista com o baronete em seu gabinete depois do desjejum e lhe contei tudo que vira. Ele ficou menos surpreso do que eu esperava.

“Eu sabia que ele perambulava durante a noite e tive vontade de interpelá-lo sobre isso”, disse. “Ouvi seus passos no corredor duas ou três vezes, indo e vindo, exatamente na hora que você menciona.”

“Então talvez ele faça uma visita todas as noites àquela janela particular”, sugeri.

“Talvez. Nesse caso, poderíamos segui-lo e descobrir o que procura. Gostaria de saber o que seu amigo Holmes faria se estivesse aqui.”

“Acredito que faria exatamente o que sugere”, disse eu. “Seguiria Barrymore e veria o que faz.”

“Então faremos isso juntos.”

“Mas certamente ele nos ouvirá.”

“O homem é um tanto surdo, e de todo modo temos de nos arriscar. Ficaremos em meu quarto esta noite e esperaremos até que ele passe.” Sir Henry esfregou as mãos com prazer, e era evidente que se alegrava com a aventura como um alívio para sua vida um tanto modorrenta na charneca.

O baronete entrou em contato com o arquiteto que preparou os projetos para Sir Charles e com um empreiteiro de Londres, de modo que podemos esperar que grandes mudanças comecem em breve. Estiveram aqui decoradores e vendedores de móveis de Plymouth, e é evidente que nosso amigo tem grandes ideias e não pretende poupar esforços nem despesas para restaurar a grandeza de sua família. Quando a casa estiver reformada e redecorada, ele precisará apenas de uma esposa para torná-la completa. Cá entre nós, há sinais bastante claros de que isso não faltará se a dama estiver disposta, pois raramente vi um homem mais apaixonado por uma mulher do que ele por nossa bela vizinha, Miss Stapleton. Entretanto, o curso do verdadeiro amor não é tão suave como se poderia esperar nas circunstâncias. Hoje, por exemplo, sua superfície foi quebrada por uma ondulação muito inesperada, que causou ao nosso amigo considerável perplexidade e aborrecimento.

Depois da conversa que citei sobre Barrymore, Sir Henry pôs o chapéu e se preparou para sair. Evidentemente, fiz o mesmo.

“Ora, *você* vem, Watson?” perguntou ele, olhando-me de uma maneira

curiosa.

“Caso você vá para a charneca”, respondi.

“Sim, vou.”

“Bem, você sabe as instruções que recebi. Lamento me impor, mas ouviu a seriedade com que Holmes insistiu que eu não o deixasse, e especialmente que você não devia ir à charneca sozinho.”

Sir Henry pôs a mão no meu ombro com um sorriso agradável.

“Meu caro amigo”, disse. “Holmes, com toda a sua sabedoria, não previu certas coisas que aconteceram desde que estou na charneca. Você me compreende? Tenho certeza de que você é o último homem no mundo que desejaria ser um desmancha-prazeres. Preciso ir sozinho.”

Isso me deixou numa posição extremamente incômoda. Não sabia o que dizer ou fazer, e antes que eu tivesse tomado uma decisão, ele pegou sua bengala e saiu.

Quando refleti sobre o assunto, porém, minha consciência me censurou severamente por ter, sob qualquer pretexto, permitido que ele sumisse da minha vista. Imaginei quais seriam meus sentimentos se tivesse de voltar a você e confessar que algum infortúnio havia ocorrido por causa de minha desatenção às suas instruções. Garanto-lhe que minhas faces se ruborizaram só de pensar nisso. Pensando que talvez ainda não estivesse atrasado demais para alcançá-lo, parti imediatamente na direção da Casa Merripit.

Corri pela estrada, tão depressa quanto podia, sem ver nem sinal de Sir Henry, até que cheguei à bifurcação em que a trilha da charneca se inicia. Ali, temendo ter, afinal, vindo na direção errada, subi numa colina de onde podia ter uma ampla vista — a mesma colina cortada pela pedreira escura. Dali eu o vi imediatamente. Estava na trilha da charneca, a cerca de quatrocentos metros de distância, tendo a seu lado uma dama que só podia ser Miss Stapleton. Era claro que já havia algum entendimento entre eles e que haviam marcado aquele encontro. Caminhavam lentamente, muito entretidos na conversa, e eu a vi fazer gestos pequenos e rápidos com as mãos, como se falasse muito a sério, enquanto ele ouvia com atenção, sacudindo uma ou duas vezes a cabeça em forte discordância. Fiquei entre as rochas observando-os, dando tratos à bola quanto ao que fazer em seguida. Segui-los e interromper sua conversa íntima parecia uma afronta, mas meu dever era claramente não perdê-lo de vista por um só instante. Agir como o espião de um amigo era uma tarefa odiosa. Apesar disso, não me ocorria alternativa melhor que observá-lo da colina, e depois limpar minha consciência confessando-lhe o que fizera. É verdade que se algum perigo

súbito o ameaçasse eu estava longe demais para ser útil, mas você há de concordar que era uma situação muito difícil, não havendo mais nada que eu pudesse fazer.

Nosso amigo Sir Henry e a dama haviam parado na trilha, e estavam de pé, profundamente absorvidos em sua conversa, quando percebi de repente que não era a única testemunha de sua entrevista. Um farrapo verde flutuando no ar atraiu minha atenção e uma outra olhada revelou que ele estava preso a uma vara carregada por um homem que se movia pelo terreno acidentado. Era Stapleton com sua rede para borboletas. Estava muito mais perto do casal do que eu, e parecia mover-se em sua direção. Nesse instante, Sir Henry puxou subitamente Miss Stapleton para junto de si. Seu braço a envolveu, mas tive a impressão de que ela tentava se desvencilhar dele e desviava o rosto. Ele inclinou seu rosto sobre o dela e ela ergueu a mão, como se protestando. No momento seguinte vi-os se separarem de supetão e se virarem às pressas. Stapleton fora a causa da interrupção. Ele corria desabaladamente na direção deles, sua rede absurda balançando atrás de si. Gesticulou e quase dançou, tal o seu alvoroço, diante dos namorados. Não consegui imaginar o que significava aquela cena, mas tive a impressão de que Stapleton ofendia Sir Henry enquanto este oferecia explicações, as quais iam se tornando mais exaltadas à medida que o outro se recusava a aceitá-las. A dama permanecia ao lado num silêncio altivo. Finalmente Stapleton deu meia-volta e acenou de uma maneira peremptória para a irmã, que, depois de um olhar indeciso para Sir Henry, se afastou ao lado do irmão. Os gestos irritados do naturalista mostraram que também a dama o desagradara. O baronete ficou parado por um minuto, olhando para eles, e depois foi embora devagar pelo caminho pelo qual viera, a cabeça caída, a própria imagem da tristeza.



“Sir Henry puxou subitamente Miss Stapleton para junto de si.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1901]

Eu não conseguia imaginar o que tudo aquilo significava, mas estava profundamente envergonhado por ter testemunhado cena tão íntima sem o conhecimento do meu amigo. Assim, desci o morro correndo e me encontrei com o baronete ao seu pé. Ele tinha as faces coradas de raiva e as sobrancelhas enrugadas, como alguém que não tem a menor ideia do que fazer.

“Olá, Watson! De onde você caiu?” disse. “Não venha me dizer que veio atrás de mim apesar de tudo!”

Expliquei-lhe toda a situação: como me parecera impossível ficar para trás, como o seguira e como havia testemunhado tudo que ocorrera. Por um instante ele me fuzilou com os olhos, mas minha franqueza desarmou sua raiva e por fim ele acabou dando uma risada um tanto arrependida.

“Tudo levaria a crer que o meio dessa pradaria fosse um lugar bastante seguro para um homem gozar de intimidade”, disse ele, “mas, com os diabos, parece que a região inteira saiu para vir me ver fazendo a minha corte — e uma corte tão pífia! Onde você tinha reservado um lugar?”

“Eu estava naquele morro.”

“Na última fila, hã? Mas o irmão dela estava bem na frente. Você o viu surgir na nossa frente?”

“Sim, vi.”

“Alguma vez ele lhe deu a impressão de ser louco… esse irmão dela?”

“Não posso dizer que deu.”

“Certamente não. Eu sempre o julguei bastante são de espírito até hoje, mas ouça o que estou dizendo, ele ou eu devia estar numa camisa de força. Que há de errado comigo, afinal? Você vive perto de mim há algumas semanas, Watson. Agora diga-me honestamente! Alguma coisa me impediria de ser um bom marido para uma mulher que eu amasse?”

“Eu diria que não.”

“Como ele não pode ter objeções à minha posição social, deve ser de mim mesmo que sente rancor. Que tem contra mim? Nunca fiz mal a um homem ou mulher em minha vida, que eu saiba. No entanto ele não me permitiria sequer tocar as pontas dos dedos dela.”

“Ele disse isso?”

“Isso e muito mais. Vou lhe dizer, Watson, faz apenas poucas semanas que a conheço, mas desde o princípio senti realmente que ela foi feita para mim, e ela

também… ela se sentia feliz quando estava comigo, isso eu posso jurar. Há uma luz nos olhos de uma mulher que fala mais alto que palavras. Mas ele nunca permitiu que nos aproximássemos, e só hoje, pela primeira vez, vi uma oportunidade de trocar algumas palavras a sós com ela. Ela estava contente por me encontrar, mas, quando chegou, não era de amor que queria falar, e não teria me deixado falar também, se tivesse podido impedir. Ficou repetindo que este era um lugar perigoso, e que nunca se sentiria feliz até que eu partisse. Respondi que, tendo-a visto, não tinha nenhuma pressa de partir, e que se ela realmente quisesse que eu me fosse, a única maneira de conseguir isso seria se preparar para ir comigo. Com isto me ofereci com todas as palavras para me casar com ela, mas antes que ela pudesse responder apareceu aquele seu irmão, correndo para nós com cara de louco. Estava simplesmente branco de raiva e aqueles seus olhos claros chamejavam de fúria. O que estava eu fazendo com a senhorita? Como ousava dispensar-lhe atenções que lhe eram desagradáveis? Será que eu pensava que por ser um baronete podia fazer o que quisesse? Se ele não fosse irmão dela, eu teria tido uma resposta melhor para lhe dar. De qualquer forma, disse-lhe que meus sentimentos por sua irmã eram tais que não me envergonhava deles, e que esperava que ela pudesse me dar a honra de se tornar minha esposa. Como isso pareceu não melhorar em nada a situação, perdi as estribeiras também e lhe respondi de maneira mais acalorada que devia, talvez, considerando-se que ela estava ali ao lado. De modo que a coisa acabou com ele indo embora com ela, como você viu, e cá estou mais perplexo que qualquer homem nesta região. Diga-me o que significa tudo isso, Watson, e ficarei lhe devendo mais do que jamais poderei esperar lhe pagar.”

Tentei uma ou duas explicações, mas, na verdade, eu mesmo estava completamente atônito. O título de nosso amigo, sua fortuna, sua idade, seu caráter e sua aparência, tudo estava a seu favor, e eu não sabia de nada que o desabonasse, a menos que fosse aquele destino macabro que pesa sobre sua família. Que suas investidas devam ser rejeitadas tão bruscamente sem nenhuma consideração pelos anseios da própria dama, e que esta aceite a situação sem protesto, é assombroso. Nossas conjecturas, porém, foram aquietadas por uma visita do próprio Stapleton naquela mesma tarde. Ele viera pedir desculpas por sua grosseria da manhã, e depois de uma longa entrevista privada com Sir Henry em seu gabinete, o desentendimento foi inteiramente sanado e ficou combinado que deveríamos ir jantar na Casa Merripit na sexta-feira seguinte em sinal disso.

“Não digo agora que ele não é louco”, disse Sir Henry; “não posso esquecer a expressão de seus olhos quando correu para mim esta manhã, mas devo admitir que nenhum homem poderia se desculpar com mais elegância.”

“Deu alguma explicação para a sua conduta?”

“A irmã é tudo em sua vida, diz ele. Isso é bastante natural, e fico feliz por ele reconhecer o valor dela. Eles sempre estiveram juntos, e segundo seu relato ele tem sido um homem muito solitário, tendo apenas a ela como companheira, de modo que a ideia de perdê-la foi realmente terrível. Ele não havia compreendido, disse-me, que eu estava me afeiçoando a ela, mas quando viu com os próprios olhos que isso realmente estava acontecendo, e que ela poderia lhe ser tomada, isso lhe causou tamanho choque que por algum tempo ele não foi responsável pelo que dizia ou fazia. Sentia muito por tudo que se passara, e reconhecia como era tolo e egoísta que imaginasse poder manter uma mulher bonita como a irmã a seu lado a vida toda. Se ela tinha de deixá-lo, era melhor que fosse com um vizinho como eu que com qualquer outra pessoa. Mas, de todo modo, aquilo era um golpe para ele, e precisaria de algum tempo para ser capaz de enfrentá-lo. Ele retiraria toda a oposição de sua parte se eu lhe prometesse deixar o assunto de lado durante três meses e me contentasse, durante esse tempo, em cultivar a amizade da dama sem reivindicar seu amor. Prometi-lhe isso e o caso ficou nesse pé.”

Um de nossos pequenos mistérios está, portanto, elucidado. É alguma coisa ter tocado o fundo em alguma parte neste pântano em que nos debatemos. Sabemos agora por que Stapleton olhava com maus olhos o pretendente da irmã — mesmo sendo esse pretendente um homem tão aceitável como Sir Henry. Passo agora para um outro fio da meada que consegui deslindar, o mistério dos soluços à noite, da face manchada de lágrimas de Mrs. Barrymore, da incursão secreta do mordomo à janela de treliça oeste. Congratule-me, meu caro Holmes, e diga-me que não o desapontei como agente — que não se arrepende da confiança que depositou em mim quando me enviou para cá. Todas essas coisas foram esclarecidas com o trabalho de uma noite.

Eu disse “com o trabalho de uma noite”, mas, na verdade, foi com o trabalho de duas noites, pois na primeira não conseguimos absolutamente nada. Fiquei acordado com Sir Henry no quarto dele até perto das três horas da manhã, mas não ouvimos nenhum tipo de som, exceto o relógio de carrilhão junto à escada. Foi uma vigília extremamente melancólica, e terminamos os dois por adormecer em nossas cadeiras. Felizmente não desanimamos, e decidimos tentar novamente. Na noite seguinte reduzimos a luz da lâmpada e ficamos fumando cigarros, sem fazer o menor ruído. Foi incrível a lentidão com que as horas se arrastaram, e no entanto éramos estimulados a persistir pelo mesmo tipo de interesse paciente que o caçador deve sentir quando vigia a armadilha em que espera que a caça possa cair. Uma badalada, duas, e tínhamos quase desistido

pela segunda vez, desesperançados, quando num instante ambos nos retesamos em nossas cadeiras, todos os nossos sentidos fatigados vivamente alertas novamente. Tínhamos ouvido um rangido de passos no corredor.

Nós o ouvimos passar muito furtivamente até desaparecer a distância. Então o baronete abriu suavemente a sua porta, e partimos em perseguição. Nosso homem já contornara a galeria, e o corredor estava mergulhado na escuridão. Avançamos de mansinho até passar à outra ala. Chegamos exatamente a tempo de ver de relance a figura alta, de barba preta e ombros caídos que percorria o corredor na ponta dos pés. Em seguida ele entrou pela mesma porta que antes, e a luz da vela a emoldurou na escuridão e lançou um único raio amarelo através do corredor sombrio. Arrastamos os pés cautelosamente em direção a ela, experimentando cada tábua antes de ousar pôr todo o nosso peso sobre ela. Havíamos tomado a precaução de deixar nossas botinas para trás, mas, mesmo assim, as velhas tábuas estalavam e rangiam sob nossos passos. Por vezes parecia impossível que ele não percebesse nossa aproximação. No entanto, felizmente o homem é bastante surdo e estava todo concentrado no que fazia. Quando por fim chegamos à porta e espiamos, vimos que ele estava agachado junto à janela, vela na mão, o rosto atento comprimido contra a vidraça, exatamente como eu o vira duas noites antes.

Não havíamos traçado nenhum plano de campanha, mas o baronete é um homem para quem o caminho mais direto é sempre o mais natural. Entrou pelo quarto, diante do que Barrymore saltou da janela com um suspiro agudo e parou, lívido e trêmulo, diante de nós. Seus olhos escuros, brilhando na máscara branca de seu rosto, estavam cheios de horror e espanto enquanto olhava de Sir Henry para mim.

“O que faz aqui, Barrymore?”

“Nada, senhor.” Seu nervosismo era tão grande que mal conseguia falar, e as sombras saltavam para cima e para baixo com o tremor de sua vela. “Foi a janela, senhor. Passo à noite para ver se estão trancadas.”

“No segundo andar?”

“Sim, senhor, todas as janelas.”

“Ouça, Barrymore”, disse Sir Henry severamente, “estamos decididos a lhe arrancar a verdade, de modo que evitará problemas confessando o quanto antes. Vamos! Nada de mentiras. O que fazia nessa janela?”

O sujeito nos lançou um olhar impotente, torcendo as mãos como alguém que se encontra no mais alto grau de dúvida e aflição.



“O que faz aqui, Barrymore?”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1901]

“Não fazia nada de mal, senhor. Apenas segurava a vela junto da janela.”

“E por que segurava uma vela junto da janela?”

“Não me pergunte, Sir Henry… não me pergunte! Dou-lhe minha palavra, senhor, de que esse segredo não me pertence, e que não posso revelá-lo. Se dissesse respeito apenas a mim, eu não tentaria ocultá-lo do senhor.”

Tendo uma ideia súbita, peguei a vela no peitoril da janela onde o mordomo a pousara.

“Certamente ele a segurava como um sinal”, disse eu. “Vejamos se há alguma resposta.”

Segurei-a como ele o fazia, e espreitei a escuridão da noite. Pude discernir vagamente a barreira escura das árvores e a vastidão mais clara da charneca, pois a lua estava atrás das nuvens. Soltei então um grito exultante, pois um minúsculo ponto de luz amarela havia subitamente trespassado o véu escuro, brilhando firmemente no centro do quadrado negro emoldurado pela janela.

“Lá está!” exclamei.

“Não, não, senhor, isso não é nada… absolutamente nada”, interrompeu-me o mordomo; “eu lhe asseguro, senhor…”

“Mova sua luz através da janela, Watson!” exclamou o baronete. “Veja, a outra se move também! E agora, seu velhaco, nega que isso seja um sinal? Vamos, fale! Quem é seu aliado lá adiante, e que conspiração é essa?”

O semblante do homem tornou-se claramente desafiador. “É um assunto meu, não seu. Não vou falar.”

“Então deixe este emprego imediatamente.”

“Muito bem, senhor. Se assim tem de ser, será.”

“E sairá em desgraça. Com os diabos, você deve se envergonhar de si mesmo. Sua família conviveu com a minha por mais de uma centena de anos debaixo deste teto, e eu o encontro aqui envolvido numa trama secreta contra mim.”

“Não, não! Não contra o senhor!”

Era uma voz de mulher, e Mrs. Barrymore, mais pálida e mais horrorizada que o marido, estava parada à porta. Sua figura corpulenta metida numa saia e enrolada num xale teria sido cômica, não fosse a intensidade da emoção em sua fisionomia.

“Temos de ir embora, Eliza. Isto é o fim de tudo. Pode arrumar as nossas coisas”, disse o mordomo.

“Oh, John, John, fui eu que o levei a isso? A culpa é minha, Sir Henry… toda minha. Tudo que ele fez foi por mim, e porque eu lhe pedi.”

“Fale claramente, então! O que significa isso?”

“Meu pobre irmão está morrendo de fome na charneca. Não podemos deixá-lo morrer junto de nosso próprio portão. A luz é um sinal para lhe comunicar que há comida pronta para ele, e a luz dele lá longe mostra aonde ela deve ser levada.”

“Então seu irmão é…”

“O prisioneiro que fugiu, senhor… Selden, o criminoso.”

“É verdade, senhor”, disse Barrymore. “Disse que não era um segredo meu, e que não podia revelá-lo. Mas agora o senhor o ouviu e pode ver que, se havia uma trama, não era contra o senhor.”

Esta era, portanto, a explicação das expedições furtivas à noite e da luz à janela. Sir Henry e eu fitamos a mulher assombrados. Seria possível que aquela pessoa impassivelmente respeitável fosse do mesmo sangue que um dos mais famigerados criminosos do país?

“Sim, senhor, meu sobrenome de solteira era Selden, e ele é meu irmão caçula. Nós o mimamos demais quando era garoto, e fizemos suas vontades em tudo, até que ele passou a pensar que o mundo fora feito para seu prazer e que nele podia fazer o que bem entendesse. Depois, quando ficou mais velho, encontrou companheiros perversos e o demônio se apossou dele, até que ele partiu o coração da minha mãe e arrastou nosso nome na lama. Desceu cada vez mais baixo, de crime em crime, até que só a misericórdia de Deus o livrou do

cadafalso; mas para mim, senhor, ele foi sempre o garotinho de cabelo cacheado que eu embalara, com quem eu brincara, como faz uma irmã mais velha. Foi por isso que ele fugiu da prisão, senhor. Sabia que eu estava aqui, e que não poderíamos lhe recusar ajuda. Quando se arrastou até aqui uma noite, exausto e faminto, com os guardas nos seus calcanhares, que podíamos fazer? Nós o acolhemos, o alimentamos, cuidamos dele. Depois o senhor voltou, patrão, e meu irmão achou que estaria mais seguro na charneca que em qualquer outro lugar até que o clamor público amainasse, e assim escondeu-se ali. Mas a cada duas noites verificávamos se ele continuava lá pondo uma luz na janela, e se houvesse uma resposta meu marido lhe levava um pouco de pão e carne. A cada dia tínhamos esperança de que tivesse ido embora, mas enquanto permanecesse ali não podíamos abandoná-lo. Esta é toda a verdade, pois sou uma cristã honrada, e o senhor verá que, se há culpa nesta história, ela não é do meu marido, mas minha, pois foi por mim que ele fez tudo que fez."

As palavras da mulher transmitiam uma sinceridade tão intensa que as tornavam convincentes.

"Isso é verdade, Barrymore?"

"Sim, senhor. Palavra por palavra."

"Não posso censurá-lo por ficar do lado de sua mulher. Esqueça o que eu disse. Vão para o seu quarto, os dois, e voltaremos ao assunto de manhã."

Depois que eles saíram olhamos de novo pela janela. Sir Henry a abrira, e o vento frio da noite fustigava nossos rostos. Ao longe, na distância negra, aquele único pontinho de luz amarela ainda brilhava.

"Admira-me que se atreva."

"Deve estar localizado de tal maneira que só é visível daqui."

"Muito provavelmente. A que distância supõe que esteja?"

"Lá perto do pico da Fenda, suponho."

"A apenas uns dois quilômetros daqui."

"Se tanto."

"Bem, não pode ser longe se Barrymore tinha de levar a comida até lá. E ele está esperando, esse canalha, junto da vela. Com os diabos, Watson, vou sair para apanhar esse homem!"

O mesmo pensamento me cruzara a mente. Não se podia dizer que os Barrymore nos tinham feito uma confidência. Seu segredo lhes fora arrancado. O homem era um perigo para a comunidade, um rematado canalha para quem não havia piedade nem desculpa. Estávamos apenas cumprindo nosso dever ao

aproveitar essa chance de pô-lo de volta onde não podia fazer nenhum mal. Com sua natureza brutal e violenta, outros teriam de pagar o preço se nos abstivéssemos. Uma noite qualquer, por exemplo, nossos vizinhos, os Stapleton, poderiam ser atacados por ele, e talvez tenha sido esse pensamento que deixou Sir Henry tão ávido pela aventura.

“Irei também”, disse eu.

“Então pegue seu revólver e calce as suas botas. Quanto mais cedo partirmos, melhor, pois o sujeito pode apagar sua luz e ir embora.”

Em cinco minutos havíamos saído da casa, começando nossa expedição. Passamos depressa pelos arbustos escuros, em meio ao gemido surdo do vento de outono e o farfalhar das folhas caídas. O ar da noite estava carregado com um cheiro de umidade e podridão. Volta e meia a lua espreitava por um instante, mas as nuvens se moviam depressa pelo céu e exatamente quando saímos na charneca uma chuva fina começou a cair. A luz continuava brilhando firmemente adiante.

“Você está armado?” perguntei.

“Tenho um chicote de caça.”

“Temos de nos aproximar dele rapidamente, pois dizem que é um sujeito desatinado. Nós o pegaremos de surpresa e o teremos à nossa mercê antes que possa resistir.”

“E então, Watson”, disse o baronete, “que diria Holmes disso? E quanto a esta hora escura em que a força do mal está exaltada?”

Como se em resposta às suas palavras, elevou-se subitamente da vasta escuridão da charneca aquele estranho grito que eu já ouvira nas margens do grande charco de Grimpen. Ele veio com o vento através do silêncio da noite, um murmúrio longo e profundo, depois um uivo cada vez mais alto e por fim o gemido triste em que se extinguiu pouco a pouco. Soou muitas vezes, todo o ar palpitando com ele, estridente, selvagem e ameaçador. O baronete agarrou minha manga e seu rosto pálido brilhou através da escuridão.

“Meu Deus, o que é isso, Watson?”

“Não sei. É um som que eles têm na charneca. Já o ouvi uma vez antes.”

Ele desapareceu, e um silêncio absoluto nos envolveu. Aguçamos os ouvidos, mas em vão.

“Watson”, disse o baronete, “foi o uivo de um cão.”

Meu sangue gelou em minhas veias, pois havia uma alteração na sua voz que revelava o súbito horror que se apoderara dele.

“Como eles chamam esse som?” perguntou ele.

“Quem?”

“As pessoas da região.”

“Oh, são gente ignorante. Por que deveria se importar com o nome que lhe dão?”

“Diga-me, Watson. O que dizem sobre isso?”

Hesitei, mas não pude escapar da pergunta.

“Dizem que é o uivo do Cão dos Baskerville.”

Ele gemeu e ficou em silêncio por alguns instantes.

“Era um cão”, disse por fim, “mas parecia vir de muitos quilômetros de distância, creio.”

“Difícil dizer de onde vinha.”

“Ele surgiu e se extinguiu com o vento. Aquela não é a direção do charco de Grimpen?”

“Sim, é.”

“Bem, foi dali. Mas vamos, Watson, você também não acha que foi o uivo de um cão? Não sou uma criança. Não precisa ter medo de dizer a verdade.”

“Stapleton estava comigo quando o ouvi da outra vez. Disse que podia ser o chamado de uma ave estranha.”

“Não, não, era um cão. Meu Deus, será que pode haver alguma verdade em todas essas histórias? Será possível que estou realmente em perigo por uma razão tão misteriosa? Você não acredita nisso, não é, Watson?”

“Não, não.”

“No entanto uma coisa é rir disso em Londres, e outra estar aqui exposto na escuridão da charneca e ouvir um grito como esse. E meu tio! Havia uma pegada do cão junto do lugar onde ele caiu. Tudo se encaixa. Não me considero um covarde, Watson, mas esse som pareceu congelar meu sangue. Sinta a minha mão.”

Estava fria como um bloco de mármore.

“Você estará bem amanhã.”

“Acho que não vou conseguir tirar esse grito da cabeça. O que sugere que façamos agora?”

“Devemos voltar?”

“Não, diabos; saímos para pegar nosso homem e é o que vamos fazer. Estamos atrás do prisioneiro e um cão do inferno, provavelmente, está atrás de

nós. Vamos, Watson. Vamos até o fim, ainda que todos os demônios do inferno estejam soltos na charneca.”

Avançamos devagar e aos tropeços pela escuridão, com o vulto negro dos morros íngremes à nossa volta, e o pontinho amarelo de luz brilhando firmemente diante de nós. Nada tão enganoso quanto a distância de uma luz numa noite escura como breu, ora o lampejo parecia estar muito longe no horizonte, ora a poucos metros de nós. Mas finalmente percebemos de onde ele vinha, e soubemos então que estava de fato muito próximo. Uma vela se derretia na fenda de rochas que a flanqueavam de cada lado, de modo a evitar o vento e também a impedir que fosse visível, exceto da direção do Solar Baskerville. Uma grande pedra de granito ocultou nossa aproximação, e agachados atrás dela fitamos o sinal luminoso. Era estranho ver aquela única vela ardendo ali no meio da charneca, sem nenhum sinal de vida nas proximidades — apenas uma chama ereta, amarela, e o brilho da pedra de cada lado dela.

“O que faremos agora?” sussurrou Sir Henry.

“Espere aqui. Ele deve estar perto da luz. Vamos ver se conseguimos avistá-lo.”

Essas palavras mal haviam saído da minha boca quando nós dois o vimos. Sobre as pedras em cuja fenda a vela ardia, projetava-se uma face amarela, maldosa, uma face terrível e bestial, marcada pelas paixões mais vis. Suja de lama, com uma barba eriçada e o cabelo desgrenhado, poderia ter pertencido a um daqueles selvagens que moravam outrora em tocas nas encostas. A luz sob ele se refletia em seus olhinhos astutos, que perscrutavam ferozmente à direita e à esquerda através da escuridão, como um animal matreiro e selvagem que tivesse ouvido os passos dos caçadores.



“Sobre as pedras projetava-se uma face amarela, maldosa.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1901]

Evidentemente alguma coisa despertara suas suspeitas. Talvez Barrymore tivesse algum sinal privado que deixáramos de dar, ou o sujeito tivesse alguma outra razão para pensar que nem tudo estava bem, mas pude perceber o medo em sua face perversa. A qualquer instante ele poderia apagar a vela e desaparecer na escuridão. Assim, dei um salto adiante e Sir Henry fez o mesmo. De pronto o prisioneiro soltou uma praga e arremessou uma pedra que se estilhaçou contra o penedo que nos abrigava. Vi de relance sua figura baixa, atarracada, de compleição forte quando ele saltou em pé e se virou para correr. No mesmo instante, por um golpe de sorte, a lua despontou entre as nuvens. Corremos pela crista do morro, e lá estava o nosso homem descendo em grande velocidade pelo outro lado, saltando sobre as pedras com a agilidade de um cabrito-montês. Um tiro certeiro do meu revólver poderia tê-lo aleijado, mas eu só o trouxera para me defender se atacado, não para atirar num homem desarmado que fugia.



“Dei um salto adiante e Sir Henry fez o mesmo.”
[Richard Gutschmidt, *Der Hund von Baskerville*, Stuttgart: Robert Lutz Verlag, 1903]

Éramos ambos corredores velozes e estávamos numa forma razoavelmente boa, mas logo constatamos que não tínhamos nenhuma chance de alcançá-lo. Pudemos vê-lo por um longo tempo ao luar, até que tornou-se apenas um pontinho movendo-se rapidamente entre as pedras na encosta de um morro distante. Corremos até ficar completamente exaustos, mas a distância entre nós ficava cada vez maior. Finalmente paramos e sentamos ofegantes sobre duas pedras, enquanto o víamos desaparecer na distância.

E foi nesse momento que aconteceu algo estranhíssimo e inesperado. Tínhamos nos levantado de nossas pedras e estávamos nos virando para voltar para casa, tendo abandonado a caçada inútil. A lua estava baixa à direita e o cume denteado de um penhasco de granito erguia-se contra a curva inferior de seu disco de prata. Ali, numa silhueta tão negra quanto uma estátua de ébano contra aquele pano de fundo brilhante, vi a figura de um homem no cume. Não pense que foi uma ilusão, Holmes. Asseguro-lhe que nunca em minha vida vi algo com tanta clareza. Até onde pude julgar, o vulto era de um homem alto e magro. Estava de pé com as pernas um pouco apartadas, os braços cruzados, a cabeça baixa, como se cismasse sobre aquele enorme deserto de turfa e granito que se estendia à sua frente. Poderia ter sido o próprio espírito daquele lugar terrível. Não era o prisioneiro. Estava longe do lugar onde este desaparecera. Ademais, era um homem muito mais alto. Com um grito de surpresa, mostrei-o para o baronete, mas no instante em que me virava para lhe agarrar o braço o homem desapareceu. Lá estava o pináculo agudo de granito ainda cortando a borda inferior da lua, mas nele não se via nenhum vestígio daquele vulto silencioso e imóvel.

Quis ir naquela direção e procurar o penhasco, mas ele estava a alguma distância. Com os nervos ainda palpitando com aquele uivo, que lembrava a tétrica história de sua família, o baronete não estava com disposição para novas aventuras. Não tinha visto aquele homem solitário sobre o penhasco, e não podia sentir o frêmito que sua estranha presença e sua atitude dominadora me haviam causado. “Um guarda, sem dúvida”, disse ele. “A charneca está cheia deles desde que esse sujeito fugiu.” Bem, talvez sua explicação fosse a correta, mas eu gostaria de ter mais alguma prova disso. Hoje pretendemos comunicar ao pessoal de Princetown onde o homem desaparecido devia ser procurado, mas foi um azar não termos tido realmente o triunfo de levá-lo de volta como nosso prisioneiro. Estas foram as aventuras da última noite, e você deve reconhecer, meu caro Holmes, que lhe fiz um excelente relatório. Muito do que lhe conto é sem dúvida um tanto irrelevante, mas ainda penso ser melhor transmitir-lhe todos os fatos e deixá-lo escolher por si mesmo os que lhe serão mais úteis, ajudando-o em suas conclusões. Estamos certamente fazendo algum progresso. No que diz respeito aos Barrymore, descobrimos o motivo de suas ações, e isso esclareceu bastante a situação. Mas a charneca com seus mistérios e seus estranhos habitantes permanece tão inescrutável como sempre. Talvez em meu próximo relatório eu seja capaz de lançar alguma luz sobre isso também. O melhor seria que você pudesse vir se juntar a nós. Em todo caso, você voltará a ter notícias minhas nos próximos dias.

X. EXTRATO DO DIÁRIO DO DR. WATSON

ATÉ AQUI PUDE CITAR os relatórios que enviei nesses primeiros dias a Sherlock Holmes. Agora, contudo, cheguei a um ponto em minha narrativa em que sou obrigado a abandonar este método e mais uma vez confiar em minhas lembranças, auxiliado pelo diário que mantive na época. Alguns trechos deste último me transportarão para aquelas cenas que estão indelevelmente gravadas em todos os detalhes na minha memória. Continuo, portanto, a partir da manhã que se seguiu à nossa perseguição malograda ao prisioneiro e às nossas outras estranhas peripécias na charneca.

16 de outubro. — Um dia nublado e nevoento, com um chuvisco. A casa está envolta em rolos de nuvens, que vez por outra se dissipam para mostrar as curvas monótonas da charneca, com finas veias de prata sobre as encostas dos morros e os penedos distantes lampejando onde a luz incide sobre suas faces molhadas. A melancolia reina fora e dentro. O baronete está deprimido depois das emoções da noite. Eu mesmo sinto um peso no coração e uma sensação de perigo iminente — um perigo onipresente, ainda mais terrível porque sou incapaz de defini-lo.

E não tenho motivo para tal sensação? Consideremos a longa série de incidentes que apontaram todos para a ação de alguma influência sinistra à nossa volta. Houve a morte do último ocupante do Solar, preenchendo tão exatamente as condições da lenda da família, e houve os repetidos relatos dos camponeses sobre a aparição de uma criatura estranha na charneca. Duas vezes ouvi com meus próprios ouvidos o som que se assemelhava ao latido distante de um cão. É incrível, impossível, que isso escape realmente às leis ordinárias da natureza. Um cão espectral que deixa pegadas materiais e enche o ar com seu uivo certamente não é concebível. Stapleton pode incidir em semelhante superstição e Mortimer também; mas se eu tenho uma qualidade neste mundo é bom senso, e nada me convencerá a crer em tal coisa. Fazê-lo seria descer ao nível desses pobres camponeses que não se contentam com um mero cão diabólico, mas precisam descrevê-lo como vomitando o fogo do inferno pela boca e os olhos. Holmes não daria ouvidos a essas fantasias, e eu sou seu agente. Mas fatos são

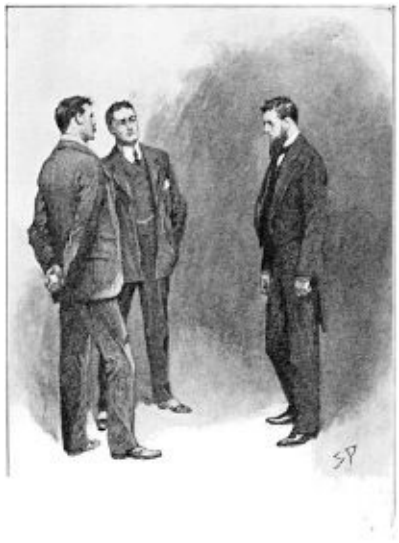
fatos, e por duas vezes ouvi esse uivo na charneca. Suponhamos que haja realmente um enorme cão solto ali; isso explicaria quase tudo. Mas onde semelhante cão poderia se esconder, onde obteria seu alimento, de onde viria, como se explicaria que ninguém o tenha visto durante o dia? Devo confessar que a explicação natural oferece quase tantas dificuldades quanto a outra. E sempre, afora o cão, há o fato da ação humana em Londres, o homem no carro de aluguel e a carta que prevenia Sir Henry contra a charneca. Isso pelo menos era real, mas poderia ter sido obra de um amigo protetor tão facilmente quanto de um inimigo. Onde estava esse amigo ou inimigo agora? Tinha ficado em Londres, ou nos seguira até ali? Poderia ele… poderia ele ser o estranho que eu vira sobre o penhasco?

É verdade que o vi apenas de relance, no entanto há algumas coisas que estou pronto a jurar. Ele não é alguém que eu tenha visto cá embaixo, e a esta altura já conheço todos os vizinhos. O vulto era muito mais alto que Stapleton, muito mais magro que Frankland. Poderia ter sido Barrymore, mas nós o havíamos deixado em casa, e tenho certeza de que não poderia ter nos seguido. Um estranho, portanto, continua nos seguindo, exatamente como em Londres. Nunca conseguimos nos desvencilhar dele. Se eu conseguisse pôr as mãos nesse homem, poderíamos finalmente nos livrar de todas as nossas dificuldades. É a este único propósito que devo devotar agora todas as minhas energias.

Meu primeiro impulso foi contar a Sir Henry todos os meus planos. O segundo e mais sensato é jogar meu próprio jogo e falar o menos possível a quem quer que seja. Ele está silencioso e distraído. Seus nervos foram estranhamente abalados por aquele som na charneca. Não direi nada para aumentar suas ansiedades, mas darei meus próprios passos para alcançar meu objetivo.

Tivemos uma pequena cena esta manhã após o desjejum. Barrymore pediu para falar com Sir Henry, e eles passaram algum tempo fechados no gabinete. Sentado na sala de bilhar, ouvi mais de uma vez o som das vozes se elevar e pude ter uma ideia bastante boa do ponto que estava em discussão. Passado algum tempo o baronete abriu a porta e me chamou.

“Barrymore está descontente”, disse ele. “Acha que foi injusto de nossa parte perseguir seu cunhado quando ele, de livre e espontânea vontade, nos contara o segredo.”



“O mordomo estava de pé, muito pálido, mas muito controlado, diante de nós.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1901]

O mordomo estava de pé, muito pálido, mas muito controlado, diante de nós.

“Talvez eu tenha falado muito acaloradamente, senhor”, disse ele, “e se o fiz certamente lhe peço perdão. Ao mesmo tempo, fiquei muito surpreso quando ouvi os senhores voltarem esta manhã e fiquei sabendo que tinham estado perseguindo Selden. O pobre sujeito já tem muito o que enfrentar sem que eu ponha mais gente no seu encalço.”

“Se você nos tivesse contado de livre e espontânea vontade teria sido uma coisa diferente”, disse o baronete. “Você só nos contou, ou melhor, sua mulher só nos contou quando se viu obrigada a isso, e você não o pôde evitar.”

“Não pensei que o senhor fosse tirar proveito disso, Sir Henry… realmente não.”

“O homem é um perigo público. Há casas isoladas espalhadas pela charneca, e ele é um sujeito que não hesitaria diante de nada. Basta vislumbrar seu rosto para ver isso. Veja a casa de Mr. Stapleton, por exemplo, sem ninguém exceto ele para defendê-la. Não há segurança para ninguém até que ele esteja sob sete chaves.”

“Ele não invadirá a casa de ninguém, senhor. Dou-lhe minha palavra de honra. E nunca voltará a perturbar ninguém nesta região. Eu lhe asseguro, Sir Henry, que dentro de bem poucos dias as providências necessárias terão sido tomadas e ele estará a caminho da América do Sul. Pelo amor de Deus, senhor, peço-lhe que não conte à polícia que ele está na charneca. Desistiram de caçá-lo ali, e ele ficará quieto até que o navio esteja acertado. Não poderá denunciá-lo

sem colocar a mim e à minha mulher em apuros. Eu lhe peço, senhor, para não dizer nada à polícia."

"Que diz você, Watson?"

Encolhi os ombros. "Se ele estivesse com certeza fora do país, o contribuinte estaria livre de um fardo."

"Mas e quanto à possibilidade de ele assaltar alguém antes de partir?"

"Ele não cometeria uma loucura dessas. Nós lhe fornecemos tudo de que pode precisar. Cometer um crime seria revelar onde está se escondendo."

"Isso é verdade", disse Sir Henry. "Bem, Barrymore…"

"Deus o abençoe, senhor, e muito obrigado de coração! Se ele fosse preso de novo isso mataria a minha mulher."

"Creio que estamos ajudando e incitando um crime, não, Watson? Mas, depois do que ouvimos, não me parece que possamos entregar o homem, portanto a questão está encerrada. Está certo, Barrymore, você pode ir."

Gaguejando algumas palavras de gratidão, o homem se virou, mas teve uma hesitação e voltou.

"Foi tão bom para nós que, em retribuição, gostaria de agir da melhor maneira possível com o senhor. Sei de uma coisa, Sir Henry, e talvez devesse tê-la contado antes, mas só a descobri muito depois do inquérito. Nunca disse uma palavra a respeito para qualquer mortal. É sobre a morte do pobre Sir Charles."

O baronete e eu nos tínhamos levantado.

"Sabe como ele morreu?"

"Não, senhor, isso eu não sei."

"Que é, então?"

"Sei por que razão ele estava no portão àquela hora. Era para encontrar uma mulher."

"Encontrar uma mulher? Ele?"

"Sim, senhor."

"E o nome da mulher?"

"Não posso lhe dar o nome, senhor, mas posso lhe dar as iniciais. Suas iniciais eram L.L."

"Como sabe disso, Barrymore?"

"Bem, Sir Henry, seu tio recebeu uma carta naquela manhã. Ele costumava receber muitas cartas, pois era um homem público e muito conhecido por sua bondade, de modo que todos que estavam em dificuldades gostavam de recorrer

a ele. Mas naquela manhã, por acaso, chegou apenas essa única carta, de modo que reparei mais nela. Vinha de Coombe Tracey, e estava sobrescritada com letra de mulher.”

“E daí?”

“Bem, senhor, não pensei mais sobre o assunto, e nunca o teria feito não tivesse sido a minha mulher. Apenas algumas semanas atrás ela estava limpando o gabinete de Sir Charles — que nunca fora tocado desde a morte dele —, e encontrou as cinzas de uma carta queimada no fundo da lareira. A maior parte dela estava carbonizada, mas uma pequena tira, o fim de uma página, ficara inteira, e a escrita ainda podia ser lida, embora em cinza contra um fundo preto. Pareceu-nos ser um pós-escrito no fim da carta, e dizia: ‘Por favor, por favor, como é um cavalheiro, queime esta carta, e esteja no portão às dez horas.’ Abaixo vinham as iniciais L.L.”

“Tem essa tira?”

“Não, senhor, ela se esfacelou toda depois que a removemos.”

“Sir Charles já havia recebido outras cartas com a mesma letra?”

“Bem, senhor, eu não prestava especial atenção às suas cartas. Não teria notado essa, caso não tivesse chegado sozinha.”

“E você não tem ideia de quem seja L.L.?”

“Não senhor, nenhuma ideia. Mas creio que se pudéssemos pôr as mãos nessa senhora saberíamos mais sobre a morte de Sir Charles.”

“Não consigo entender, Barrymore, como pôde ocultar essa importante informação.”

“Bem, senhor, foi imediatamente após termos sido vítimas de nosso próprio infortúnio. Além disso, nós dois gostávamos muito de Sir Charles, como não podia deixar de ser, considerando tudo que havia feito por nós. Trazer isso à luz não podia ajudar nosso pobre patrão, e convém agir com cuidado quando há uma dama no caso. Até os melhores de nós…”

“Pensou que isso poderia conspurcar a reputação dele?”

“Bem, senhor, pensei que nada de bom poderia sair daí. Mas agora, que foi tão bondoso conosco, eu teria a impressão de estar sendo injusto com o senhor se não lhe dissesse tudo que sei sobre o assunto.”

“Muito bem, Barrymore; pode ir.”

Depois que o mordomo nos deixou, Sir Henry se virou para mim. “Bem, Watson, que pensa desta nova luz?”

“Ela parece deixar a escuridão mais negra que antes.”

“É o que penso. Mas se pudéssemos pelo menos localizar L.L. isso elucidaria todo o caso. Tivemos esse ganho. Sabemos que há alguém que detém os fatos, oxalá possamos encontrá-la. Que pensa que deveríamos fazer?”

“Informar Holmes de tudo isso imediatamente. Isso lhe dará a pista que vem procurando. Ou muito me engano, ou isso o trará para cá.”

Fui no mesmo instante para o meu quarto e redigi o relatório da conversa da manhã para Holmes. Era evidente para mim que ele andava muito ocupado ultimamente, porque os bilhetes que eu recebera de Baker Street haviam sido poucos e curtos, sem nenhum comentário sobre a informação que eu havia fornecido e praticamente nenhuma referência à minha missão. Sem dúvida seu caso de chantagem deve estar absorvendo todas as suas faculdades. Gostaria que ele estivesse aqui.

17 de outubro. — A chuva caiu o dia todo, fazendo a hera farfalhar e pingando dos beirais. Pensei no prisioneiro na triste, fria e desabrigada charneca. Pobre sujeito! Fossem quais fossem seus crimes, ele havia sofrido um pouco para expiá-los. Depois pensei naquele outro — o rosto no carro de aluguel, o vulto contra a lua. Estaria ele também lá fora naquele dilúvio — o vigia invisível, o homem das trevas? À tarde pus meu impermeável e fiz uma longa caminhada pela charneca encharcada, cheio de ideias sombrias, a chuva batendo no meu rosto e o vento assobiando nos meus ouvidos. Deus ajude os que vagam pelo grande charco agora, pois até os terrenos elevados estão se tornando um pântano. Encontrei o pico Negro sobre o qual vira o vigia solitário, e de seu topo íngreme contemplei eu mesmo o terreno ondulado e melancólico. Rajadas de chuva açoitavam sua face castanho-avermelhada, e nuvens pesadas, cor de ardósia, pendiam baixas sobre a paisagem, arrastando-se em espirais cinzentas pelas encostas dos morros fantásticos. Na depressão distante à esquerda, semiescondida pela neblina, as duas torres finas do Solar Baskerville elevavam-se acima das árvores. Eram o único sinal de vida humana que eu podia ver, com exceção apenas daquelas cabanas pré-históricas que se aglomeravam nas encostas dos morros. Em parte alguma havia o menor vestígio daquele homem solitário que eu vira ali mesmo duas noites antes.

Quando fazia o caminho de volta fui alcançado pelo dr. Mortimer, que dirigia seu *dog-cart* por uma acidentada trilha da charneca que levava à distante casa de fazenda de Foulmire. Ele tem sido muito atencioso conosco, e dificilmente se passam dois dias sem que tenha visitado o Solar para ver como estamos passando. Insistiu para que eu subisse em seu *dog-cart* e me levou até em casa. Pareceu-me muito perturbado com o desaparecimento de seu pequeno spaniel. Fugira para a charneca e nunca mais voltara. Consolei-o como pude, mas pensei

no pônei no charco de Grimpen e não imagino que ele verá seu cãozinho de novo.



“De seu topo íngreme contemplei eu mesmo o terreno ondulado e melancólico.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1902]

“A propósito, Mortimer”, disse eu, enquanto sacolejávamos pela estrada irregular, “deve haver poucas pessoas morando por estas bandas que você não conheça, não é?”

“Provavelmente nenhuma.”

“Poderia me dizer, então, o nome de alguma mulher cujas iniciais sejam L.L.?”

Ele pensou por alguns minutos. “Não”, respondeu. “Há algumas ciganas e trabalhadoras pelas quais não posso responder, mas entre os fazendeiros ou a pequena nobreza não há nenhuma cujas iniciais sejam essas. Mas espere um pouco”, acrescentou após uma pausa. “Há Laura Lyons — suas iniciais são L.L. —, mas ela mora em Coombe Tracey.”

“Quem é ela?” perguntei.

“É filha de Frankland.”

“Quê? Do velho Frankland, o excêntrico?”

“Exatamente. Ela se casou com um artista chamado Lyons que veio desenhar na charneca. Ele se provou um patife e a abandonou. A culpa, pelo que ouço falar, talvez não estivesse de um lado só. O pai não quis mais saber dela, porque havia se casado sem o seu consentimento, e talvez por mais uma ou duas razões também. Assim, entre o velho e o jovem pecador, a moça passou um mau pedaço.”

“Como ela vive?”

“Imagino que o velho Frankland lhe dá uma ninharia, mas não pode ser mais, porque os negócios dele próprio estão bastante complicados. Seja o que for que ela tenha merecido, não se poderia permitir que seguisse irremediavelmente pelo mau caminho. Sua história se espalhou, e várias pessoas aqui fizeram alguma coisa para lhe permitir ganhar a vida honestamente. Stapleton foi uma delas, e Sir Charles outra. Eu mesmo dei uma bagatela. Era para estabelecê-la num negócio de datilografia.”

Ele quis saber o objetivo de minhas indagações, mas consegui satisfazer sua curiosidade sem lhe contar demais, pois não há razão alguma para revelarmos nosso segredo a alguém. Amanhã de manhã tratarei de ir a Coombe Tracey, e se puder ver essa Mrs. Laura Lyons, de reputação equívoca, um grande passo terá sido dado rumo à elucidação de um incidente nesta cadeia de mistérios. Estou certamente desenvolvendo a astúcia de uma serpente, pois quando Mortimer levou suas perguntas longe demais, perguntei-lhe casualmente a que tipo pertencia o crânio de Frankland, e assim não ouvi falar de nada senão craniologia pelo resto da nossa viagem. Não morei anos com Sherlock Holmes para nada.

Tenho apenas um outro incidente para registrar neste dia tempestuoso e melancólico. Foi minha conversa com Barrymore agora há pouco, a qual me dá mais um trunfo que poderei jogar no devido tempo.

Mortimer havia ficado para jantar, e ele e o baronete jogaram *écarté* depois. O mordomo levou meu café na biblioteca, e aproveitei a oportunidade para lhe fazer algumas perguntas.

“Bem”, disse eu, “esse precioso parente de vocês foi embora ou ainda está se emboscando lá longe?”

“Não sei, senhor. Espero em Deus que ele tenha partido, pois não nos trouxe nada senão atribulação! Não ouço falar dele desde que lhe deixei comida pela última vez, e isso foi três dias atrás.”

“Você o viu nessa ocasião?”

“Não, senhor; mas a comida havia desaparecido quando passei por aquele caminho outra vez.”

“Então ele estava certamente lá?”

“Eu diria que sim, senhor, a menos que o outro homem a tenha pegado.”

Parei com a xícara de café a meio caminho dos lábios e arregalei os olhos para Barrymore.

“Então você sabe que há um outro homem?”

“Sim, senhor; há um outro homem na charneca.”

“Você o viu?”

“Não, senhor.”

“Então como sabe dele?”

“Selden me falou dele, senhor, há uma semana ou mais. Ele está se escondendo também, mas não é um prisioneiro, até onde posso concluir. Isso não me agrada, dr. Watson… Digo-lhe honestamente que isso não me agrada”, falou com súbita veemência.

“Ouça-me, Barrymore! Não tenho nenhum interesse nesse assunto além do de seu patrão. Vim para cá sem nenhum objetivo exceto ajudá-lo. Diga-me francamente o que é que o desagrada.”

Barrymore hesitou por um momento, como se estivesse arrependido de seu ímpeto, ou achasse difícil expressar seus próprios sentimentos em palavras.

“São todas essas coisas estranhas, senhor”, exclamou ele por fim, acenando a mão para a janela fustigada pela chuva que dava para a charneca. “Há uma perfídia em algum lugar, uma vileza sinistra se preparando, isso eu posso jurar! Eu ficaria muito contente, senhor, vendo Sir Henry de volta a Londres novamente!”

“Mas que é que o assusta?”



“Então você sabe que há um outro homem?”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1902]

“Veja a morte de Sir Charles! Aquilo foi bastante ruim, apesar de tudo que o investigador disse. Veja os ruídos na charneca à noite. Nenhum homem ousaria atravessá-la depois do pôr do sol, nem que lhe pagassem. Veja esse estranho se

escondendo lá longe, e observando e esperando. O que está esperando? O que significa isso? Não significa nada de bom para ninguém com o nome Baskerville, e ficarei muito satisfeito por deixar tudo isto no dia em que os novos criados de Sir Henry estiverem prontos para tomar conta do Solar."

"Mas sobre esse forasteiro", disse eu. "Pode me dizer alguma coisa sobre ele? Que disse Selden? Ele descobriu onde o homem se escondia ou que estava fazendo?"

"Ele o viu uma ou duas vezes, mas o sujeito é muito astuto e não dá nada a perceber. A princípio pensou que era da polícia, mas logo descobriu que ele tinha um objetivo próprio. Era uma espécie de cavalheiro, pelo que pôde ver, mas o que estava fazendo Selden não conseguiu discernir."

"E onde disse que ele morava?"

"Entre as casas velhas na encosta do morro — as cabanas de pedra em que o povo antigo vivia."

"Mas e quanto à sua comida?"

"Selden descobriu que ele tem um menino a seu serviço, que lhe leva tudo de que precisa. Suponho que vai buscar o que quer em Coombe Tracey."

"Muito bem, Barrymore. Podemos falar mais sobre isso em outra ocasião."

Depois que o mordomo saiu, fui até a janela escura e olhei através de uma vidraça embaçada para as nuvens rápidas e para a silhueta agitada das árvores açoitadas pelo vento. Era uma noite tenebrosa dentro de casa, e como devia ser numa cabana de pedra na charneca? Que ódio apaixonado pode ser esse que impele um homem a se esconder num lugar assim com um tempo destes? E que objetivo profundo e importante pode ter que exija tamanha provação? Lá, naquela cabana na charneca, parece residir o próprio cerne desse problema que tanto me atormenta. Juro que não se passará nem mais um dia sem que eu faça tudo que é humanamente possível para chegar ao âmago do mistério.

XI. O HOMEM SOBRE O PENHASCO

O TRECHO DE MEU DIÁRIO privado que forma o último capítulo trouxe minha narrativa ao dia 18 de outubro, data em que esses estranhos eventos começaram a avançar rapidamente para seu terrível desfecho. Os incidentes dos dias seguintes estão indelevelmente gravados na minha lembrança e posso contá-los sem me referir às anotações feitas na época. Começo, portanto, no dia seguinte àquele em que eu havia estabelecido dois fatos de grande importância: primeiro, que Mrs. Laura Lyons de Coombe Tracey havia escrito a Sir Charles Baskerville e marcado um encontro com ele no mesmo lugar e hora em que ele encontrou a morte, e segundo, que o homem que se escondia na charneca poderia ser encontrado entre as cabanas de pedra da encosta. De posse desses dois fatos, senti que ou minha inteligência ou minha coragem deviam ser deficientes se eu não conseguisse lançar mais alguma luz sobre esses lugares misteriosos.

Não tive oportunidade de contar ao baronete o que ficara sabendo a respeito de Mrs. Lyons na noite anterior, porque ele ficou jogando cartas com o dr. Mortimer até muito tarde. No desjejum, porém, informei-o de minha descoberta e perguntei-lhe se gostaria de me acompanhar a Coombe Tracey. De início ele se mostrou muito ansioso por ir, mas, pensando bem, pareceu-nos a ambos que se eu fosse sozinho os resultados poderiam ser melhores. Quanto mais formal tornássemos a visita, menos informação poderíamos obter. Assim, deixei Sir Henry para trás, não sem algum remorso, e parti de trole para minha investigação.

Chegando a Coombe Tracey, disse a Perkins para guardar os cavalos e fiz indagações acerca da senhora a quem fora interrogar. Não tive nenhuma dificuldade em descobrir sua morada, que era central e bem-mobiliada. Uma criada recebeu-me sem cerimônia, e quando entrei na sala uma senhora que estava sentada diante de uma máquina de escrever Remington pôs-se de pé de um salto com um agradável sorriso de boas-vindas. Ficou desapontada, porém, quando viu que eu era um desconhecido, e, sentando-se de novo, perguntou qual era o objetivo da minha visita.

A primeira impressão que tive de Mrs. Lyon foi de extrema beleza. Seus

olhos e cabelo tinham a mesma intensa cor de avelã, e suas faces, embora bastante sardentas, eram coradas pelo viço delicado das morenas, o rosado suave que se esconde no coração da rosa sulfúrica. A admiração foi, repito, a primeira impressão. Mas a segunda foi desaprovação. Havia algo de sutilmente errado em seu rosto, certa vulgaridade de expressão, alguma dureza, talvez, do olhar, alguma frouxidão dos lábios que comprometiam sua beleza perfeita. Mas estas, é claro, são reflexões posteriores. No momento tive consciência simplesmente de estar na presença de uma mulher muito bonita, e de que ela perguntava as razões de minha visita. Não compreendera até aquele instante como minha missão era delicada.

"Tive o prazer", disse eu, "de conhecer seu pai."

Foi uma apresentação canhestra, e a dama me fez sentir isso.

"Não há nada em comum entre meu pai e eu", disse ela. "Não lhe devo nada, e seus amigos não são meus amigos. Não tivesse sido pelo finado Sir Charles Baskerville e alguns outros corações bondosos, eu poderia ter morrido à míngua e meu pai pouco teria se importado."

"É a respeito do finado Sir Charles Baskerville que venho vê-la."

As sardas sobressaíram no rosto da dama.

"Que posso lhe dizer sobre ele?" perguntou ela, seus dedos brincando nervosamente sobre as teclas da máquina de escrever.

"A senhora o conhecia, não é?"

"Já disse que devo muito à bondade dele. Se tenho condições de me sustentar é grande parte graças ao interesse que ele demonstrou por minha infeliz situação."

"A senhora se correspondia com ele?"

A dama olhou rapidamente para mim, com um brilho de irritação nos olhos cor de avelã.

"Qual é o objetivo dessas perguntas?" perguntou rispidamente.

"O objetivo é evitar escândalo público. É melhor que eu as faça aqui do que vermos o assunto escapar ao nosso controle."

Ela ficou em silêncio, com o semblante muito pálido. Por fim levantou os olhos, com algo de afoito e desafiante em suas maneiras.

"Bem, vou responder", disse. "Quais são as suas perguntas?"

"A senhora se correspondia com Sir Charles?"

"Certamente lhe escrevi uma ou duas vezes para agradecer sua delicadeza e generosidade."

“Tem as datas dessas cartas?”

“Não.”

“Encontrou-se com ele alguma vez?”

“Sim, uma ou duas vezes, quando ele veio a Coombe Tracey. Ele era um homem muito recluso, e preferia fazer o bem sub-repticiamente.”

“Mas se o via tão raramente e lhe escrevia tão raramente, como ele sabia o suficiente sobre seus problemas para ajudá-la, como diz que fez?”

Ela enfrentou minha objeção com a máxima presteza.

“Vários cavalheiros sabiam de minha triste história e se uniram para me ajudar. Um foi Mr. Stapleton, um vizinho e amigo íntimo de Sir Charles. Ele foi extremamente bondoso, e foi através dele que Sir Charles soube de meus problemas.”

Como eu já sabia que Sir Charles Baskerville fizera de Stapleton seu esmoler em diversas ocasiões, a afirmação da dama soou verdadeira.

“Alguma vez escreveu a Sir Charles pedindo que fosse ao seu encontro?” continuei.

Mrs. Lyon corou de raiva novamente.

“Realmente, senhor, esta é uma pergunta muito inusitada.”

“Lamento, madame, mas devo repeti-la.”

“Então eu respondo… certamente não.”

“Nem no próprio dia da morte de Sir Charles?”



“Realmente, senhor, esta é uma pergunta muito inusitada.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1902]

O rubor se desvanecera num instante, e uma face mortalmente pálida estava diante de mim. Seus lábios secos não conseguiram pronunciar o “Não” que mais vi que ouvi.

“Com certeza está sendo traída pela memória”, disse eu. “Eu poderia até citar uma passagem de sua carta. Ela dizia: ‘Por favor, por favor, como é um cavalheiro, queime esta carta, e esteja no portão às dez horas.’”

Pensei que ela tinha desmaiado, mas recobrou-se mediante um esforço supremo.

“Então não existem cavalheiros?” perguntou, arfante.

“A senhora está fazendo uma injustiça a Sir Charles. Ele *queimou* a carta. Mas por vezes uma carta pode ser legível mesmo queimada. Reconhece agora que a escreveu?”

“Sim, eu a escrevi”, exclamou ela, extravasando sua alma numa torrente de palavras. “Eu a escrevi. Por que o negaria? Não tenho motivo para me envergonhar disso. Queria que ele me ajudasse. Acreditava que se tivéssemos uma conversa eu poderia obter sua ajuda, e assim pedi que fosse ao meu encontro.”

“Mas por que numa hora como aquela?”

“Porque eu acabara de ficar sabendo que ele estava de partida para Londres no dia seguinte e poderia passar meses fora. Havia razões que me impediam de chegar lá mais cedo.”

“Mas por que um encontro no jardim em vez de uma visita à casa?”

“Supõe que uma mulher poderia ir sozinha àquela hora à casa de um homem solteiro?”

“Bem, que aconteceu quando chegou lá?”

“Não fui.”

“Mrs. Lyons!”

“Não, eu lhe juro por tudo que me é mais sagrado. Não fui. Algo interveio para me impedir de ir.”

“Que foi?”

“Isso é um assunto privado. Não o posso revelar.”

“Admite, então, que marcou um encontro com Sir Charles exatamente na hora e lugar em que ele encontrou a morte, mas nega ter ido a esse encontro?”

“Essa é a verdade.”

Interroguei-a muitas vezes, mas não obtive nada além disso.

“Mrs. Lyons”, disse eu, ao me levantar depois dessa longa e inconclusiva entrevista, “a senhora está assumindo uma enorme responsabilidade e se pondo numa posição muito falsa ao não confessar minuciosamente tudo que sabe. Se eu tiver de pedir a ajuda da polícia, verá como está seriamente comprometida. Se é inocente, por que começou por negar ter escrito para Sir Charles naquela data?”

“Porque temi que alguma conclusão falsa pudesse ser tirada disso, e que eu pudesse me ver envolvida num escândalo.”

“E por que insistiu tanto com Sir Charles para que destruísse a carta?”

“Se leu a carta, sabe.”

“Não disse que li toda a carta.”

“Citou parte dela.”

“Citei o pós-escrito. A carta, como eu disse, havia sido queimada e não era toda legível. Volto a lhe perguntar: por que insistiu tanto para que Sir Charles destruísse essa carta que recebeu no dia de sua morte?”

“É um assunto muito particular.”

“Maior razão para a senhora evitar uma investigação pública.”

“Então vou lhe contar. Se ouviu alguma coisa de minha infeliz história, sabe que fiz um casamento temerário e tive razões para lamentá-lo.”

“Isso eu soube.”

“Minha vida tem sido uma incessante perseguição por parte de um marido que abomino. A lei está do lado dele, e todos os dias enfrento a possibilidade de que ele possa me obrigar a viver consigo. Na ocasião em que escrevi essa carta para Sir Charles eu soubera que tinha chances de recuperar minha liberdade se pudesse arcar com certas despesas. Isso significava tudo para mim — paz de espírito, felicidade, autorrespeito —, tudo. Eu conhecia a generosidade de Sir Charles, e pensei que se ele ouvisse a história de meus próprios lábios, iria me ajudar.”

“Então por que não foi?”

“Porque nesse meio-tempo recebi ajuda de uma outra fonte.”

“Por que, então, não escreveu a Sir Charles explicando isso?”

“Era o que eu teria feito, se não tivesse sabido de sua morte pelo jornal na manhã seguinte.”

A história da mulher era coerente, e todas as minhas perguntas foram incapazes de abalá-la. Eu só poderia verificá-la descobrindo se ela havia de fato movido uma ação de divórcio no momento da tragédia ou por volta dele.

Era improvável que ela se atrevesse a dizer que não estivera no Solar

Baskerville se de fato tivesse estado, pois certamente teria precisado de uma charrete para levá-la lá e não poderia ter voltado para Coomber Tracey antes das primeiras horas da manhã. Uma excursão como essa não poderia ser mantida em segredo. Tudo indicava, portanto, que dizia a verdade, ou, pelo menos, parte da verdade. Saí de lá frustrado e desanimado. Mais uma vez chegara àquele beco sem saída em que parecia terminar cada caminho pelo qual eu tentava chegar ao objetivo de minha missão. No entanto, quanto mais eu pensava no semblante e nas maneiras da dama, mais sentia que alguma coisa me estava sendo escondida. Por que empalidecera tanto? Por que tentara lutar contra cada confissão, até que ela lhe fosse imposta? Por que teria sido tão reticente por ocasião da tragédia? Sem dúvida a explicação de tudo isso não podia ser tão inocente quanto ela gostaria de me fazer acreditar. Naquele momento eu não podia ir mais longe naquela direção, era hora de retornar àquela outra pista que devia ser procurada entre as cabanas de pedra da charneca.

E essa era uma direção muito vaga. Dei-me conta disso na viagem de volta, e notei como morro após morro mostrava vestígios do povo antigo. A única indicação de Barrymore fora que o estranho vivia numa dessas cabanas abandonadas, e muitas centenas delas espalhavam-se por toda a extensão da charneca. Mas eu tinha minha experiência como guia, já que vira o homem postado sozinho no alto do pico Negro. Aquele, portanto, deveria ser o centro de minha busca. A partir dali eu deveria explorar cada cabana da charneca até encontrar a certa. Se esse homem estivesse dentro dela eu deveria ouvir de seus próprios lábios, apontando o revólver se necessário, quem era ele e por que nos perseguira por tanto tempo. Ele podia ter nos escapado em meio à multidão de Regent Street, mas isso não lhe seria tão fácil na charneca deserta. Por outro lado, se eu encontrasse a cabana, e seu morador não estivesse dentro dela, eu devia ficar ali, por mais que a vigília fosse longa, até ele voltar. Holmes o deixara escapar em Londres. Seria realmente um triunfo para mim se conseguisse capturá-lo quando meu mestre fracassara.

A sorte estivera contra nós muitas e muitas vezes nessa investigação, mas agora por fim ela veio em minha ajuda. E o mensageiro da boa sorte não foi outro senão Mr. Frankland, que estava de pé, suíças grisalhas e rosto vermelho, do lado de fora do portão de seu jardim, que abria para a estrada pela qual eu viajava.

“Bom dia, dr. Watson”, exclamou ele, com desusado bom humor, “o senhor precisa realmente dar um descanso para os cavalos e entrar para tomar um copo de vinho e me congratular.”

Meus sentimentos em relação a ele estavam longe de ser amistosos depois do

que ouvira falar sobre o tratamento que dera à filha, mas estava ansioso para mandar Perkins e o trole de volta para casa, e a oportunidade me convinha. Desci e pedi ao cocheiro que comunicasse a Sir Henry que eu voltaria a pé a tempo para o jantar. Feito isto, acompanhei Frankland até sua sala de jantar.

“Este é um grande dia para mim, senhor — um dos mais memoráveis de minha vida!” exclamou ele em meio a muitas risadinhas. “Promovi um duplo evento. Quero ensinar a todos nestas bandas que lei é lei, e que há um homem aqui que não tem medo de invocá-la. Estabeleci uma servidão pelo centro do parque do velho Middleton, bem no meio dele, a menos de cem metros de sua própria porta da frente. Que pensa disso? Vou ensinar a esses magnatas que eles não podem atropelar os direitos dos plebeus, com a breca! E fechei o bosque onde o pessoal de Fernworthy costumava fazer piquenique. Essa gente infernal pensa que não existem direitos de propriedade, e que eles podem invadir o lugar em grande número, com seus papéis e garrafas. Ambos os casos foram decididos, dr. Watson, e ambos a meu favor. Não tenho um dia como este desde que consegui a condenação de Sir John Morland por violação da propriedade alheia por ele ter atirado em sua própria coutada.”



“‘Este é um grande dia para mim, senhor — um dos mais memoráveis de minha vida!’, exclamou ele em meio a muitas risadinhas.”
[Richard Gutschmidt, *Der Hund von Baskerville*, Stuttgart: Robert Lutz Verlag, 1903]

“Mas por que diabos fez isso?”

“Consulte os autos, senhor. Vale a pena ler *Frankland versus Morland*, Tribunal Superior de Justiça. Custou-me duzentas libras, mas consegui meu veredicto.”

“Isso lhe trouxe algum benefício?”

“Nenhum, senhor, nenhum. Orgulho-me em dizer que não tinha nenhum interesse na matéria. Ajo movido exclusivamente pelo senso de dever público. Não tenho nenhuma dúvida, por exemplo, de que o povo de Fernworthy me queimará em efígie esta noite. Da última vez que fizeram isso, eu disse à polícia que ela devia pôr fim a essas exibições vergonhosas. A polícia do condado está num estado escandaloso, senhor, e não me proporcionou a proteção a que tenho direito. O caso *Frankland versus Regina* levará o assunto à atenção do público. Eu lhes disse que teriam oportunidade de se arrepender do modo como me trataram, e minhas palavras já se tornaram realidade.”

“Como assim?” perguntei.

O velho assumiu uma expressão muito astuta.

“Porque eu poderia lhes contar o que estão loucos para saber; mas nada vai me induzir a ajudar esses velhacos, pode apostar.”

Eu estivera procurando uma desculpa que me permitisse escapar daqueles mexericos, mas nesse instante comecei a querer ouvir mais. Já tinha visto o bastante da natureza caprichosa do velho pecador para compreender que qualquer forte sinal de interesse seria a maneira mais segura de sustar suas confidências.

“Algum caso de invasão de propriedade, certamente?” perguntei, aparentando indiferença.

“Ah, meu rapaz, um assunto muito mais importante que esse! Que me diz do prisioneiro na charneca?”

Tive um sobressalto. “Não está querendo dizer que sabe onde está, não é?” perguntei.

“Posso não saber exatamente onde está, mas tenho certeza de que poderia ajudar a polícia a pôr as mãos nele. Nunca lhe ocorreu que a maneira de pegar esse homem seria descobrir onde ele consegue sua comida, e assim segui-la até ele?”

Ele parecia por certo estar chegando incomodamente perto da verdade. “Sem dúvida”, disse eu; “mas como sabe que ele está em algum lugar na charneca?”

“Sei porque vi com meus próprios olhos o mensageiro que lhe leva comida.”

Senti imensa pena de Barrymore. Era uma coisa séria cair em poder desse abelhudo rancoroso. Mas sua observação seguinte me tirou um peso do coração.

“O senhor ficará surpreso ao saber que sua comida lhe é levada por uma criança. Eu a vejo todo dia com meu telescópio em cima do telhado. Ela passa pelo mesmo caminho à mesma hora, e com quem iria se encontrar, senão o prisioneiro?”

Aquele era realmente um golpe de sorte! Reprimi, contudo, qualquer manifestação de interesse. Uma criança! Barrymore dissera que nosso desconhecido era abastecido por um menino. Fora com a pista deste, não com a do prisioneiro, que Frankland topara. Inteirando-me do que ele sabia eu poderia ser poupado de uma longa e tediosa caçada. Mas incredulidade e indiferença eram evidentemente minhas cartas mais fortes.

“Eu diria que é muito mais provável que seja o filho de algum pastor da charneca levando o almoço do pai.”

A menor aparência de oposição punha o velho autocrata em polvorosa. Lançou-me um olhar maligno e suas suíças grisalhas se eriçaram como as de um gato irritado.

“Ora, senhor!” exclamou, apontando para a vasta charneca. “Vê aquele pico negro lá longe? Bem, vê a colina baixa adiante, com um espinheiro em cima? Aquela é a parte mais pedregosa de toda a charneca. Que pastor se instalaria num lugar assim? Sua sugestão me parece extremamente absurda.”

Respondi simplesmente que falara sem conhecer todos os fatos. Minha submissão o agradou e o levou a mais confidências.

“Pode ter certeza, senhor, de que tenho fundamentos muito bons antes de chegar a uma opinião. Vi o menino muitas vezes com sua trouxa. Todo os dias, e às vezes duas vezes por dia, pude… mas espere um pouco, dr. Watson. Meus olhos estão me enganando ou há algo se movendo agora mesmo naquela encosta?”

Estávamos a quilômetros de distância, mas pude ver distintamente um pontinho preto contra o verde e o cinza foscos.

“Venha, senhor, venha!” gritou Frankland, correndo para o andar superior. “Verá com os próprios olhos e julgará por si mesmo.”

O telescópio, um instrumento formidável montado sobre um tripé, ficava sobre as folhas de chumbo do telhado. Frankland grudou o olho nele e soltou um grito de satisfação.

“Rápido, dr. Watson, rápido, antes que ele passe para o outro lado do morro!”

Lá estava ele, sem dúvida alguma, um garotinho com uma pequena trouxa no ombro, subindo penosamente o morro. Quando atingiu a crista vi a figura andrajosa, desajeitada, delineada por um instante contra o frio céu azul. Ele olhou à sua volta, com um ar furtivo, como alguém que teme ser seguido. Em seguida desapareceu do outro lado do morro.

“E então? Estou certo?”

“Sem dúvida há um menino que parece ter uma missão secreta.”

“E que missão é essa, até um guarda do condado poderia adivinhar. Mas eles não vão ouvir nem uma palavra de mim, e quero que se comprometa a guardar segredo também, dr. Watson. Nem uma palavra, entendeu?”

“Como queira.”

“Eles me trataram de maneira vergonhosa — vergonhosa. Quando os fatos vierem à luz em *Frankland versus Regina*, ouso pensar que uma onda de indignação sacudirá o país. De toda forma, nada me induziria a ajudar a polícia. Eles não teriam dado a mínima se eu mesmo, em vez de minha efígie, tivesse sido queimado na fogueira por esses patifes. Mas o senhor certamente não está indo embora! Vai me ajudar a esvaziar o *decanter* em honra a esta grande ocasião!”

Mas resisti a todos os seus apelos e consegui dissuadi-lo da anunciada intenção de me acompanhar até em casa. Mantive-me na estrada enquanto ele ficou de olho em mim, e depois enveredei pela charneca e rumei para o morro pedregoso sobre o qual o menino havia desaparecido. Tudo trabalhava a meu favor, e jurei que não seria por falta de energia ou perseverança que eu deixaria escapar a chance que a Fortuna lançara em meu caminho.

O sol já se punha quando cheguei ao topo do morro, e as longas encostas a meus pés eram de um verde-dourado de um lado e estavam mergulhadas na sombra do outro. Uma névoa se estendia a baixa altitude sobre a linha do horizonte mais distante, da qual se projetavam as formas fantásticas dos picos Belliver e Vixen. Em toda aquela vastidão não havia nenhum som ou movimento. Uma grande ave cinzenta, uma gaivota ou um maçarico, pairava no céu azul. Ela e eu parecíamos ser os únicos seres vivos entre a imensa abóbada do céu e o deserto sob ela. A cena estéril, a sensação de solidão, o mistério e a urgência de minha missão, tudo isso me enregelava o coração. O menino não podia ser visto em parte alguma. Bem abaixo de mim, porém, numa fenda entre os morros, havia um círculo das velhas cabanas de pedra, e no meio delas uma que conservava um teto suficiente para proteger contra as intempéries. Meu coração saltou dentro do meu peito quando a vi. Aquela devia ser a toca em que o estranho se escondia. Finalmente eu tinha o pé na soleira de seu esconderijo… seu segredo estava ao meu alcance.

Ao me acercar da cabana, caminhando tão cautelosamente quanto Stapleton se aproximaria, a rede pronta, da borboleta pousada, certifiquei-me de que o lugar havia de fato sido usado como moradia. Uma vaga trilha entre os penedos levava à abertura dilapidada que servia de porta. Tudo estava em silêncio lá dentro. O desconhecido podia estar escondido ali, ou andando a esmo pela charneca. Meus nervos formigaram com a sensação de aventura. Jogando fora

meu cigarro, apertei a mão contra o cabo do meu revólver e, andando depressa até a porta, olhei o interior. O lugar estava vazio.

Havia, porém, amplos sinais de que eu não estava numa pista falsa. Era certamente ali que o homem morava. Algumas mantas enroladas numa capa impermeável podiam ser vistas sobre a mesma laje de pedra sobre a qual o homem neolítico dormira outrora. As cinzas de um fogo acumulavam-se numa grelha rústica. Ao lado estavam alguns utensílios de cozinha e um balde com água pela metade. Um amontoado de latas vazias mostrava que o lugar estava ocupado havia algum tempo, e, quando meus olhos se habituaram à obscuridade, vi uma canequinha e uma garrafa semicheia de aguardente num canto. No meio da cabana uma pedra chata fazia as vezes de mesa, e sobre ela estava uma trouxinha de pano — a mesma, sem dúvida, que eu vira através do telescópio no ombro do menino. Ela continha um pão, uma língua em lata e duas latas de pêssegos em conserva. Quando fui pousá-la de novo, depois de tê-la examinado, meu coração deu um pulo ao ver que debaixo dela havia uma folha de papel com algo escrito. Peguei-a, e isto foi o que li, toscamente rabiscado a lápis:

O dr. Watson foi a Coombe Tracey.

Por um minuto fiquei ali com o papel na mão, matutando sobre o sentido dessa breve mensagem. Era eu, portanto, e não Sir Henry, quem estava sendo seguido por esse homem misterioso. Ele não me seguira pessoalmente, mas pusera um agente — o menino — no meu rastro, e esse era o seu relatório. Possivelmente eu não tinha dado um passo, desde que chegara à charneca, que não tivesse sido observado e relatado. Eu tinha sempre aquela sensação de uma força invisível, uma rede fina lançada sobre nós com infinita habilidade e delicadeza, envolvendo-nos tão sutilmente que somente em momentos extremos nos dávamos conta de estar emaranhados em suas malhas.

Se havia um relatório, poderia haver outros; assim, revistei a cabana à procura deles. Mas não havia nada do gênero, e tampouco pude descobrir qualquer sinal que pudesse indicar o caráter ou as intenções do homem que vivia nesse lugar singular, a não ser que devia ter hábitos espartanos e dar pouca importância aos confortos da vida. Quando me lembrei das chuvas torrenciais e olhei o teto escancarado, compreendi como devia ser forte e imutável o objetivo que o mantivera naquela inóspita morada. Era ele o nosso inimigo malévolo, ou seria por acaso o nosso anjo da guarda? Jurei não sair da cabana até descobrir.

Lá fora o sol se punha e o poente resplandecia, vermelho e dourado. Seu reflexo era lançado de volta em manchas avermelhadas pelas lagoas distantes,

espalhadas pelo grande charco de Grimpen. Lá estavam as duas torres do Solar Baskerville, e mais além um distante borrão de fumaça que assinalava a aldeia de Grimpen. Entre os dois, atrás do morro, ficava a casa dos Stapleton. Tudo era encantador, suave e pacífico à luz dourada da tarde, no entanto ao olhar para aquilo minha alma, longe de partilhar a paz da natureza, estremecia diante da incerteza e do terror daquele encontro a cada instante mais próximo. Com os nervos à flor da pele, mas resoluto, sentei-me no escuro recesso da cabana e esperei com melancólica paciência a chegada do seu morador.

E então, finalmente, ouvi-o. De longe chegou-me o ruído brusco da batida de uma bota contra uma pedra. Depois outro e mais outro, aproximando-se cada vez mais. Encolhi-me no canto mais escuro e engatilhei a pistola no bolso, decidido a não me mostrar até ter a oportunidade de ver alguma coisa do estranho. Houve uma longa pausa, que mostrou que ele tinha parado. Depois os passos voltaram a se aproximar e uma sombra atravessou a abertura da cabana.



“Com os nervos à flor da pele, mas resoluto, sentei-me no escuro recesso da cabana.”
[Richard Gutschmidt, *Der Hund von Baskerville*, Stuttgart: Robert Lutz Verlag, 1903]

“Está uma tarde linda, meu caro Watson”, disse uma voz muito conhecida. “Tenho certeza de que você se sentirá mais à vontade cá fora do que aí dentro.”

XII. MORTE NA CHARNECA

POR UM MOMENTO fiquei sem fôlego, mal podendo acreditar em meus ouvidos. Depois recobrei o juízo e a voz, ao mesmo tempo que um peso esmagador de responsabilidade parecia ser tirado num átimo de meus ombros. Aquela voz fria, incisiva, irônica só podia pertencer a um homem em todo o mundo.

"Holmes!" exclamei. "Holmes!"

"Saia", disse ele, "e por favor tenha cuidado com o revólver."

Abaixei-me sob o rude lintel e dei com ele lá fora, sentado numa pedra, seus olhos cinza dançando divertidos ao bater em meu semblante assombrado. Estava magro, exausto, mas lúcido e alerta, seu rosto arguto bronzeado pelo sol e maltratado pelo vento. Num terno de *tweed* e chapéu de pano, parecia um turista a mais na charneca, e havia conseguido, com aquele amor felino pela limpeza pessoal que era uma de suas características, manter o queixo tão liso e a roupa branca tão impecável como se estivesse em Baker Street.

"Nunca na minha vida fiquei mais contente em ver alguém", disse eu, apertando-lhe a mão.

"Nem mais espantado, hem?"

"Bem, devo confessar que sim."

"O espanto não esteve todo de um lado só, eu lhe asseguro. Não fazia ideia de que você descobrira meu abrigo ocasional, muito menos de que estava dentro dele, até chegar a vinte passos da porta.

"Minhas pegadas, presumo?"

"Não, Watson; acho que não seria capaz de reconhecer suas pegadas entre todas as outras do mundo. Se você quiser mesmo me enganar, tem de mudar de charuteiro; pois quando vejo a ponta de um cigarro marcada Bradley, Oxford Street, sei que meu amigo Watson está nas vizinhanças. Ela está ali, ao lado da trilha. Você a jogou no chão, sem dúvida, naquele momento supremo em que tomou de assalto a cabana vazia."

"Exatamente."

"Foi o que pensei… e conhecendo sua admirável tenacidade, fiquei

convencido de que você estava de tocaia, uma arma ao alcance da mão, esperando que o morador retornasse. Então realmente pensou que eu era o criminoso?”

“Não sabia quem você era, mas estava decidido a descobrir.”

“Excelente, Watson! E como me localizou? Viu-me, talvez, na noite da caçada ao prisioneiro, quando fui imprudente a ponto de deixar que a lua surgisse atrás de mim?”

“Sim, eu o vi naquele momento.”

“E sem dúvida revistou todas as cabanas até chegar a esta?”

“Não, seu menino havia sido observado, e isso me indicou onde procurar.”

“O velho cavalheiro com o telescópio, sem dúvida. Não consegui entender o que era quando vi a luz brilhando na lente pela primeira vez.” Levantou-se e deu uma espiada na cabana. “Ah, vejo que Cartwright trouxe algumas provisões. Que papel é este? Então esteve em Coombe Tracey?”

“Estive.”

“Para ver Mrs. Laura Lyons?”

“Exatamente.”

“Muito bem! É evidente que nossas pesquisas estiveram se desenvolvendo em linhas paralelas, e quando unirmos os nossos resultados, espero que cheguemos a um conhecimento bastante completo do caso.”

“Bem, sinto-me realmente feliz por você estar aqui, pois de fato a responsabilidade e o mistério estavam ambos se tornando excessivos para os meus nervos. Mas por que cargas-d’água veio parar aqui, e que anda fazendo? Pensei que estava em Baker Street, desvendando aquele caso de chantagem.”

“Era isso que eu queria que pensasse.”

“Então você me usa, mas mesmo assim não confia em mim!” exclamei, com algum rancor. “Acho que mereço coisa melhor de você, Holmes.”

“Meu caro amigo, você foi inestimável para mim neste e em muitos outros casos, e peço-lhe que me perdoe se pareci lhe pregar uma peça. Na verdade, foi em parte em seu benefício que o fiz, e foi minha avaliação do perigo que você corria que me fez vir examinar o caso por mim mesmo. Se eu estivesse com Sir Henry e com você, é evidente que meu ponto de vista seria igual ao seu, e minha presença teria induzido nossos temíveis adversários a ficarem em estado de alerta. Como as coisas estão, pude andar por aí como possivelmente não teria podido fazer se estivesse morando no Solar, e continuo sendo um fator surpresa no caso, pronto a entrar nele de cheio num momento crítico.”

“Mas por que me manter na ignorância?”

“O fato de você saber não teria podido nos ajudar, e possivelmente teria revelado minha presença. Você teria desejado me contar alguma coisa, ou, em sua bondade, teria vindo me trazer um outro alento, e assim correríamos um risco desnecessário. Trouxe Cartwright comigo — você se lembra do rapaz da agência de mensageiros — e ele cuidou de minhas necessidades básicas: um pão e um colarinho limpo. Que mais quer um homem? Ele me proporcionou um par de olhos extra sobre um par de pés muito ativo, e ambos foram inestimáveis.”

“Então meus relatórios foram todos inúteis!” Minha voz tremeu quando me lembrei dos esforços e do orgulho com que os compusera.

Holmes puxou um maço de papéis do bolso.

“Aqui estão seus relatórios, meu caro amigo, e muito manuseados, eu lhe garanto. Tomei providências excelentes, e eles só se atrasaram um dia em seu caminho. Devo cumprimentá-lo calorosamente pelo zelo e inteligência que demonstrou num caso extraordinariamente difícil.”

Eu ainda estava muito magoado com a decepção que me fora causada, mas o ardor do elogio de Holmes afastou a raiva da minha mente. Senti também em meu coração que ele tinha razão no que dizia, e que fora realmente melhor para nossa finalidade que eu não soubesse de sua presença na charneca.

“Assim está melhor”, disse ele, vendo a sombra se dissipar em meu rosto. “Agora conte-me o resultado de sua visita a Mrs. Laura Lyons — não me foi difícil adivinhar que foi para vê-la que você tinha ido, pois já sei que ela é a única pessoa em Coombe Tracey que poderia nos ser útil no assunto. De fato, se você não tivesse ido hoje, seria extremamente provável que eu fosse amanhã.”

O sol se pusera e o crepúsculo caía sobre a charneca. O ar esfriara, e nos refugiamos na cabana em busca de calor. Ali, sentados juntos na penumbra, contei a Holmes minha conversa com a dama. Ele ficou tão interessado que tive de repetir parte dela duas vezes antes que ficasse satisfeito.

“Isso é extremamente importante”, disse ele depois que concluí. “Preenche uma lacuna que fui incapaz de transpor neste caso tão complexo. Você tem conhecimento, talvez, de que existe uma estreita intimidade entre essa senhora e aquele Stapleton?”

“Não sabia de uma estreita intimidade.”

“Não pode haver dúvida quanto a isso. Eles se encontram, se escrevem, há um completo entendimento entre os dois. Ora, esse fato põe uma arma muito poderosa em nossas mãos. Se eu pudesse pelo menos usá-la para desvencilhar a mulher dele…”

“A mulher dele?”

“Estou lhe dando uma informação agora, em troca de todas as que me deu. A senhora que se passou aqui por Miss Stapleton é na verdade esposa dele…”

“Valha-me Deus, Holmes! Tem certeza do que está dizendo? Como ele pôde permitir que Sir Henry se apaixonasse por ela?”

“O fato de Sir Henry se apaixonar não podia fazer nenhum mal a ninguém, exceto ao próprio Sir Henry. Stapleton tomou especial cuidado para evitar que ele a cortejasse, como você mesmo observou. Repito que a dama é mulher dele, não irmã.”

“Mas por que esse embuste elaborado?”

“Porque ele previu que ela lhe seria muito útil na condição de uma mulher livre.”

Todos os meus instintos não formulados, minhas vagas desconfianças, tomaram forma de repente e se centraram no naturalista. Naquele homem impassível, sem cor, com seu chapéu de palha e sua rede para borboletas, tive a impressão de ver algo terrível — uma criatura de infinita paciência e astúcia, com uma face sorridente e um coração assassino.

“É ele, então, que é o nosso inimigo — foi ele que nos seguiu em Londres?”

“É assim que interpreto o enigma.”

“E o aviso… deve ter vindo dela!”

“Exatamente.”

A forma de uma vilania monstruosa, pressentida, quase adivinhada, assomou através da escuridão que me circundara por tanto tempo.

“Mas tem certeza disso, Holmes? Como sabe que essa mulher é a esposa dele?”

“Porque ele se distraiu a ponto de lhe contar um trecho verdadeiro de sua autobiografia por ocasião de seu primeiro encontro com você, e suponho que muitas vezes se arrependeu disso desde então. Ele *foi* outrora diretor de um colégio no norte da Inglaterra. Ora, nada é mais fácil que seguir o rastro de um diretor de colégio. Há agências escolares através das quais podemos identificar qualquer homem que tenha exercido a profissão. Uma pequena investigação mostrou-me que um colégio fechou as portas em circunstâncias atrozes, e que seu proprietário — o nome era diferente — havia desaparecido com a mulher. As descrições se encaixavam. Quando fiquei sabendo que o homem desaparecido era devotado à entomologia, a identificação se completou.”

A escuridão se dissipava, mas ainda havia muita coisa escondida pelas

sombras.

“Se essa mulher é realmente a esposa dele, onde entra Mrs. Laura Lyons?” perguntei.

“Esse é um dos pontos sobre os quais suas pesquisas lançaram luz. Sua entrevista com a dama elucidou amplamente a situação. Eu não tinha conhecimento de que ela e o marido pretendiam se divorciar. Nesse caso, vendo Stapleton como um homem solteiro, ela contava sem dúvida tornar-se sua esposa.”

“E quando ela se desiludir?”

“Ora, então poderá vir a nos ser útil. Nossa primeira tarefa será ir vê-la — nós dois — amanhã. Não acha, Watson, que já passou muito tempo longe de seu protegido? Seu lugar deveria ser no Solar Baskerville.”

As últimas riscas vermelhas haviam se desvanecido no poente e a noite se instalara sobre a charneca. Algumas estrelas pálidas brilhavam num céu violeta.

“Uma última pergunta, Holmes”, disse eu ao me levantar. “Certamente não há nenhuma necessidade de segredo entre você e mim. Qual é o sentido de tudo isto? Que quer ele?”

Holmes baixou a voz ao responder: “É assassinato, Watson, assassinato refinado, a sangue-frio, deliberado. Não me peça detalhes. Minhas redes estão se fechando sobre ele, assim como as dele sobre Sir Henry, e com sua ajuda ele está quase em minhas mãos. Um único perigo pode nos ameaçar. É que ele ataque antes que estejamos prontos para fazê-lo. Mais um dia — dois, no máximo — e terei meu caso completo, mas até lá cuide de seu protegido com o mesmo desvelo com que uma mãe extremosa vela o filho doente. Sua missão hoje se justificou, apesar disso, eu quase teria preferido que não tivesse saído do lado dele… Ouça!”

Um grito terrível — um prolongado uivo de horror e angústia irrompeu do silêncio da charneca. Esse berro horroroso gelou o sangue em minhas veias.

“Oh, meu Deus!” arquejei. “Que é isso? Que significa?”

Holmes pusera-se de pé num salto e vi sua silhueta escura, atlética, no vão da porta da cabana, os ombros curvando-se, a cabeça projetada para a frente, o rosto perscrutando a escuridão.

“Silêncio!” sussurrou ele. “Silêncio!”

O grito fora sonoro em razão de sua veemência, mas fora emitido em algum lugar muito distante da planície escura. Agora feria nossos ouvidos, mais perto, mais alto, mais urgente que antes.

“Onde é isso?” sussurrou Holmes; e soube pela emoção em sua voz que ele, o homem de ferro, estava abalado até a alma. “Onde é isso, Watson?”

“Ali, eu acho”, apontei para a escuridão.

“Não, ali!”

Novamente o grito angustiado varreu a noite silenciosa, mais alto e mais perto que nunca. E um novo som misturou-se com ele, um ribombo profundo, murmurante, musical, mas apesar disso ameaçador, aumentando e diminuindo como o murmúrio baixo e constante do mar.

“O cão!” exclamou Holmes. “Venha, Watson, venha! Deus queira que não cheguemos tarde!”

Ele começara a correr a toda pela charneca, e eu nos seus calcanhares. Agora, porém, de algum lugar no terreno acidentado imediatamente à nossa frente veio um último grito desesperado, depois um baque surdo, pesado. Paramos e escutamos. Nenhum outro som quebrou o silêncio pesado da noite sem vento.

Vi Holmes levar a mão à testa, como um homem perturbado. Bateu o pé no chão.

“Ele nos venceu, Watson. Estamos atrasados.”

“Não, não, com certeza não!”

“Como fui tolo em me conter! E você, Watson, veja no que dá abandonar seu protegido! Mas, por Deus, se o pior tiver acontecido, nós o vingaremos!”

Corremos cegamente pela escuridão, topando em penedos, abrindo caminho por entre moitas de tojo, ofegando morros acima e correndo encostas abaixo, sempre na direção de onde aqueles sons pavorosos tinham vindo. Em cada elevação Holmes olhava ansioso à sua volta, mas a escuridão era densa sobre a charneca e nada se movia em sua face árida.

“Consegue ver alguma coisa?”

“Nada.”

“Mas ouça, o que é isso?”

Um gemido baixo chegara aos nossos ouvidos. Lá estava novamente, à nossa esquerda! Nesse lado uma cadeia de rochedos terminava num penhasco escarpado, que dominava uma encosta pedregosa. Sobre sua face recortada estendia-se um objeto escuro, irregular. Enquanto corríamos em direção a ele o contorno vago assumiu uma forma definida. Era um homem prostrado de bruços no chão, a cabeça enfiada sob o corpo num ângulo horrível, os ombros encolhidos e o corpo agachado como se no ato de dar um salto-mortal. Era uma

postura tão grotesca que por um instante não pude me dar conta de que aquele gemido fora o passamento de sua alma. Nem um sussurro, nem um farfalhar se erguiam agora da figura escura sobre a qual nos debruçávamos. Holmes pousou a mão sobre ela e levantou-a de novo, com uma exclamação de horror. A chama débil do fósforo que acendeu brilhou sobre seus dedos melados e a poça horripilante que se alargava lentamente a partir do crânio esmagado da vítima. E brilhou sobre mais alguma coisa que nos revirou as vísceras — o corpo de Sir Henry Baskerville!

Nenhum de nós jamais teria esquecido aquele peculiar terno de *tweed* avermelhado — o mesmo que ele usara naquela primeira manhã em que o víramos em Baker Street. Pudemos vê-lo de relance claramente, antes que a chama do fósforo tremesse e se apagasse, no momento em que a esperança abandonava as nossas almas. Holmes gemeu e seu rosto pálido brilhou na escuridão.

"O animal! O animal!" gritei, as mãos cerradas. "Oh, Holmes, nunca me perdoarei por tê-lo abandonado à própria sorte."

"A culpa é mais minha que sua, Watson. Para ter meu caso bem amarrado e completo, joguei fora a vida de meu cliente. É o maior golpe que sofri em minha carreira. Mas como eu *poderia* saber… como poderia saber… que ele arriscaria a vida saindo sozinho pela charneca apesar de todas as minhas advertências?"

"Pensar que ouvimos seus gritos — meu Deus, aqueles gritos! — e no entanto fomos incapazes de salvá-lo! Onde estará esse pérfido cão que o impeliu à morte? Talvez escondido entre essas pedras enquanto falamos. E Stapleton, onde está ele? Haverá de responder pelo seu ato."

"Sim. Cuidaremos disso. Tio e sobrinho foram assassinados — um horrorizado até a morte pela simples visão de um animal, que pensou ser sobrenatural, o outro impelido para seu fim numa fuga desatinada para escapar dele. Mas agora temos de provar a conexão entre o homem e o animal. Exceto pelo que ouvimos, não podemos nem jurar pela existência deste último, já que Sir Henry evidentemente morreu da queda. Mas, por Deus, por mais ardiloso que seja, o sujeito estará em meu poder antes que se passe mais um dia!"

Com o coração dilacerado, esmagados por esse súbito e irrevogável desastre que punha fim de maneira tão lastimável a todos os nossos longos e cansativos esforços, postamo-nos de cada lado do corpo desfigurado. Depois, quando a lua surgiu, subimos até o topo dos rochedos de onde nosso pobre amigo caíra, e do cume contemplamos a charneca sombria, entre prateada e escura. Muito longe, a quilômetros de distância, na direção de Grimpen, brilhava uma única luz, amarela e firme. Ela só podia vir da casa isolada dos Stapleton. Soltando uma

praga raivosa, sacudi meu punho para ela enquanto a fitava.

“Por que não o agarramos imediatamente?”

“Nosso caso não está encerrado. O sujeito é cauteloso e esperto no mais elevado grau. Não se trata do que sabemos, mas do que podemos provar. Se dermos um passo em falso, o patife ainda poderá nos escapar.”

“Que podemos fazer?”

“Não nos faltará o que fazer amanhã. Hoje podemos apenas executar os últimos ofícios para nosso pobre amigo.”

Descemos juntos a encosta íngreme e nos aproximamos do corpo, negro e nítido contra as pedras prateadas. A agonia daqueles membros contorcidos causou-me um espasmo de dor e toldou-me os olhos de lágrimas.

“Temos de pedir ajuda, Holmes! Não podemos carregá-lo até o Solar. Meu Deus, você está louco?”

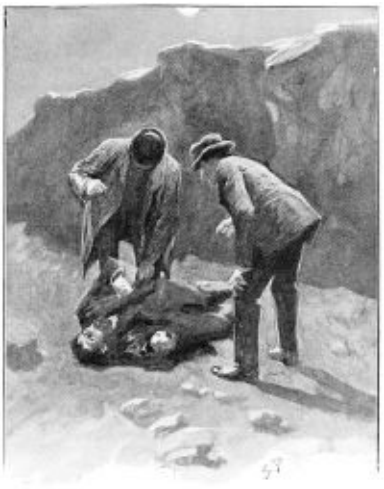
Ele tinha soltado um grito e se inclinado sobre o corpo. Agora dançava, ria e apertava a minha mão. Podia esse ser meu severo e reservado amigo? Essa era uma face oculta, realmente!

“Uma barba! Uma barba! O homem tem barba!”

“Barba?”

“Não é o baronete… é… ora, é o meu vizinho, o prisioneiro!”

Viramos o corpo com uma pressa febril, e aquela barba encharcada apontou para a lua fria e clara. Não restava dúvida quanto à testa saliente, os olhos fundos, animais. Era, de fato, o mesmo rosto que brilhara sobre mim à luz da vela de cima da pedra — o rosto de Selden, o criminoso. Um instante depois tudo ficou claro para mim. Lembrei-me de que o baronete me contara que dera seu velho guarda-roupa para Barrymore. Este o passara adiante para ajudar Selden em sua fuga. Botinas, camisa, boné… era tudo de Sir Henry. A tragédia ainda era suficientemente lúgubre, mas esse homem havia pelo menos merecido a morte pelas leis de seu país. Contei a Holmes o que acontecera, meu coração transbordando de gratidão e alegria.



“Era o rosto de Selden, o criminoso.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1902]

“Então as roupas foram a perdição do pobre-diabo”, disse ele. “Está bastante claro que deram algum pertence de Sir Henry para o cão cheirar — muito provavelmente a botina furtada no hotel —, e assim ele partiu em perseguição a este homem. Há algo de muito singular, entretanto: como Selden pôde saber, no escuro, que o cão estava no seu encalço?”

“Ele o ouviu.”

“Ouvir um cão na charneca não lançaria um homem rijo como este prisioneiro num tal paroxismo de terror que ele se arriscasse a ser recapturado gritando desvairadamente por socorro. Pelos seus gritos, deve ter corrido uma longa distância depois de saber que o animal estava na sua cola. Como sabia?”

“Um mistério ainda maior para mim é por que esse cão, presumindo que todas as nossas conjecturas estejam corretas…”

“Eu não presumo nada.”

“Bem, então por que esse cão estaria solto esta noite? Suponho que ele não corra sempre solto pela charneca. Stapleton não o deixaria sair a menos que tivesse razões para pensar que Sir Henry estaria lá.”

“Minha dificuldade aqui é a maior das duas, pois penso que muito em breve teremos uma explicação para a sua, enquanto a minha poderá permanecer um mistério para sempre. A questão agora é: que devemos fazer com o corpo deste pobre infeliz? Não podemos deixá-lo aqui para as raposas e os corvos.”

“Sugiro que o deixemos numa das cabanas até que possamos nos comunicar com a polícia.”

“Exatamente. Não tenho dúvida de que você e eu conseguiremos carregá-lo

até lá. Mas quem vem lá, Watson? É o homem em pessoa, por mais assombroso e atrevido que isso pareça! Nem uma palavra que mostre suas desconfianças… nem uma palavra, ou meus planos irão por água abaixo.”

Um vulto se aproximava de nós pela charneca, e vi o fulgor vermelho e fosco de um charuto. A lua brilhava sobre ele, e pude distinguir a forma garbosa e o andar lépido do naturalista. Quando nos viu ele parou, depois voltou a se aproximar.

“Ora, dr. Watson, é mesmo o senhor? É o último homem que eu esperaria ver na charneca a esta hora da noite. Mas, meu Deus, o que é isso? Alguém ferido? Não… não me diga que é nosso amigo Sir Henry!”

Passou depressa por mim e inclinou-se sobre o homem morto. Ouvi uma inspiração forte e o charuto lhe caiu dos dedos.

“Quem… quem é este?” gaguejou.

“É Selden, o homem que fugiu de Princetown.”

Ele virou para nós um rosto lívido, mas por um supremo esforço havia dominado seu pasmo e desapontamento. Lançou um olhar penetrante de Holmes para mim.

“Meu Deus! Que caso mais chocante! Como ele morreu?”

“Parece que quebrou o pescoço ao cair desses rochedos. Meu amigo e eu passeávamos pela charneca quando ouvimos um grito.”

“Ouvi um grito também. Foi o que me trouxe aqui. Eu estava preocupado com Sir Henry.”

“Por que com Sir Henry em particular?” não pude deixar de perguntar.

“Porque sugeri que viesse nos ver. Quando não apareceu, fiquei surpreso, e naturalmente senti-me alarmado por sua segurança quando ouvi gritos na charneca. A propósito” — seus olhos voaram de novo do meu rosto para o de Holmes —, “ouviram alguma coisa além de um grito?”

“Não”, disse Holmes; “o senhor ouviu?”

“Não.”



“Passou depressa por mim e inclinou-se sobre o homem morto.”
[Richard Gutschmidt, *Der Hund von Baskerville*, Stuttgart: Robert Lutz Verlag, 1903]

“A que se refere, então?”

“Oh, os senhores conhecem as histórias que os camponeses contam sobre um cão fantasma, e assim por diante. Dizem que o ouvem à noite na charneca. Estava pensando se teria havido algum indício desse som hoje à noite.”

“Não ouvimos nada dessa espécie”, disse eu.

“E qual é sua teoria sobre a morte deste pobre homem?”

“Não tenho dúvida de que a ansiedade e a exposição às intempéries o deixaram louco. Ele correu pela charneca, ensandecido, e acabou caindo aqui e quebrando o pescoço.”

“Parece a teoria mais sensata”, disse Stapleton, e deu um suspiro que, a meu ver, indicava seu alívio. “Que pensa sobre isso, Mr. Sherlock Holmes?”

Meu amigo curvou-se, num cumprimento.

“O senhor é rápido na identificação”, disse.

“Estamos à sua espera por aqui desde que o dr. Watson chegou. Veio a tempo de ver uma tragédia.”

“Sim, de fato. Não tenho dúvida de que a explicação de meu amigo dá conta dos fatos. Levarei comigo uma lembrança desagradável para Londres amanhã.”

“Oh, voltará amanhã?”

“É a minha intenção.”

“Espero que sua visita lance alguma luz sobre essas ocorrências que nos deixaram perplexos.”

Holmes deu de ombros. “Nem sempre podemos ter o sucesso que desejamos. Um investigador precisa de fatos, não de lendas e rumores. Não foi um caso satisfatório.”

Meu amigo falava da sua maneira mais franca e indiferente. Stapleton ainda olhava intensamente para ele. Depois se virou para mim.

“Eu sugeriria que carregássemos este pobre homem para a minha casa, mas isso causaria tamanho horror à minha irmã que não me sinto no direito de fazê-lo. Acho que se cobrirmos seu rosto com alguma coisa ele ficará em segurança até de manhã.”

Assim foi feito. Resistindo à oferta de hospitalidade de Stapleton, Holmes e eu partimos para o Solar Baskerville, deixando o naturalista voltar sozinho. Olhando para trás, vimos seu vulto afastar-se lentamente pela vasta charneca, e atrás dele aquela única mancha preta na encosta prateada que mostrava onde jazia o homem que chegara tão horrivelmente a seu fim.

“Finalmente estamos perto de agarrá-lo”, disse Holmes, enquanto caminhávamos juntos pela charneca. “Que nervos tem esse sujeito! Como recobrou o autocontrole diante do que deve ter sido um choque paralisante, ao descobrir que o homem errado fora vitimado por sua trama. Eu lhe disse em Londres, Watson, e volto a dizer agora: nunca tivemos um adversário mais digno de nossa espada.”

“Lamento que ele o tenha visto.”

“Também lamentei a princípio. Mas não havia escapatória.”

“Que efeito pensa que terá sobre os planos dele o conhecimento de que você está aqui?”

“Isso poderá levá-lo a ser mais cauteloso, ou impeli-lo a tomar medidas desesperadas de imediato. Como a maioria dos criminosos inteligentes, ele pode confiar demais na própria astúcia e imaginar que nos enganou por completo.”

“Por que não o prendemos imediatamente?”

“Meu caro Watson, você nasceu para ser um homem de ação. Seu instinto é sempre tomar uma atitude enérgica. Mas supondo, para efeito de raciocínio, que o prendêssemos esta noite, de que nos valeria isso? Não poderíamos provar nada contra ele. Essa é a esperteza diabólica da coisa! Se ele estivesse agindo através de um agente humano, poderíamos obter algumas evidências, mas se arrastássemos esse enorme cão para a luz do dia, isso não nos ajudaria a enfiar uma corda no pescoço de seu dono.”

“Sem dúvida temos base para um processo.”

“Nem por sombra — apenas suposição e conjectura. Seríamos expulsos do

tribunal às risadas se chegássemos com semelhante história e semelhantes evidências.”

“Há a morte de Sir Charles.”

“Encontrado morto sem uma só marca sobre si. Você e eu sabemos que ele morreu de puro pavor, e sabemos também o que o apavorou; mas como convencer disso doze impassíveis jurados? Que sinais há de um cão? Onde estão as marcas de seus caninos? Sabemos, é claro, que um cão não morde um cadáver, e que Sir Charles estava morto antes que o animal o alcançasse. Mas temos de *provar* tudo isso, e não temos condições de fazê-lo.”

“Mas e esta noite?”

“Não estamos em situação muito melhor hoje à noite. Novamente, não há nenhuma conexão direta entre o cão e a morte do homem. Nunca vimos o cão. Nós o ouvimos; mas não poderíamos provar que ele estava correndo no encalço desse homem. Há uma completa ausência de motivo. Não, meu caro amigo; temos de nos conformar com o fato de que não temos nenhuma causa no momento, e de que vale a pena corrermos qualquer risco para estabelecer uma.”

“E como pretende fazer isso?”

“Tenho grandes esperanças no que Mrs. Laura Lyons poderá fazer por nós quando a situação ficar clara para ela. E tenho meus próprios planos também. Para o dia de amanhã, basta o seu mal; mas espero, antes de o dia terminar, levar finalmente a melhor.”

Não pude arrancar mais nada dele, e caminhamos, perdidos em pensamentos, até os portões de Baskerville.

“Vai entrar?”

“Sim; não vejo razão para continuar me escondendo. Mas uma última palavra, Watson. Não diga nada sobre o cão a Sir Henry. Deixe-o pensar que a morte de Selden foi como Stapleton gostaria que acreditássemos. Ele terá mais coragem para a provação que terá de enfrentar amanhã, quando deverá, se me lembro bem do seu relatório, ir jantar com essas pessoas.

“E eu também.”

“Nesse caso, você deve se desculpar e deixar que ele vá sozinho. Isso será facilmente arranjado. E agora, se estamos atrasados para o jantar, acredito estarmos ambos prontos para nossas ceias.”

XIII. ARMANDO AS REDES

SIR HENRY FICOU MAIS SATISFEITO que surpreso ao ver Sherlock Holmes, pois esperava havia alguns dias que os eventos recentes o trouxessem de Londres. Ergueu as sobrancelhas, porém, ao descobrir que meu amigo não tinha nenhuma bagagem e nenhuma explicação para a sua ausência. Entre nós, logo atendemos às suas necessidades, e depois, durante uma ceia tardia, explicamos ao baronete o que parecia desejável que ele soubesse da nossa experiência. Antes, porém, coube-me o desagradável dever de comunicar a morte de Selden a Barrymore e sua mulher. Para ele, pode ter sido um alívio completo, mas ela chorou amargamente em seu avental. Aos olhos do mundo todo aquele era um homem violento, meio animal e meio demônio; para ela, porém, continuara sendo sempre o garotinho voluntarioso de sua própria infância, a criança agarrada à sua mão.

Desgraçado é o homem que não tem nenhuma mulher para pranteá-lo.

“Passei o dia todo vadiando pela casa desde que Watson saiu de manhã”, disse o baronete. “Acho que mereço um elogio, pois cumpri minha promessa. Se não tivesse jurado não sair sozinho, poderia ter passado uma noite mais animada, pois recebi um recado de Stapleton pedindo-me para ir até lá.”

“Não tenho a menor dúvida que teria passado uma noite mais animada”, disse Holmes secamente. “A propósito, suponho que não gostaria que nós o estivéssemos pranteando por causa de um pescoço quebrado.”

Sir Henry arregalou os olhos. “Como assim?”

“Esse pobre infeliz estava vestido com as suas roupas. Temo que o criado que as deu para ele possa se ver em apuros com a polícia.”

“Isso é improvável. Não havia nenhuma marca em nenhuma delas, pelo que sei.”

“Sorte dele… na verdade, sorte de todos vocês, porque estão todos contra a lei nessa questão. Não estou certo de que, como um detetive consciencioso, meu primeiro dever não seria prender a casa inteira. Os relatórios de Watson são documentos extremamente incriminadores.”

“Mas e quanto ao caso?” perguntou o baronete. “Conseguiu deslindar alguma coisa do emaranhado? Tenho a impressão de que Watson e eu não descobrimos praticamente nada desde que chegamos aqui.”

“Creio que em breve terei condições de tornar a situação muito mais clara a seus olhos. Foi um caso extremamente difícil e complicado. Há vários pontos que ainda precisamos esclarecer — mas isso acontecerá, mesmo assim.”

“Tivemos uma experiência, como Watson sem dúvida lhe contou. Ouvimos o cão na charneca, de modo que posso jurar que nem tudo é uma superstição vazia. Lidei um pouco com cachorros quando estava no Oeste, e sei quando ouço um. Se você conseguir amordaçar e acorrentar esse, estarei pronto a jurar que é o maior detetive de todos os tempos.”

“Acho que vou amordaçá-lo e acorrentá-lo muito bem se me der a sua ajuda.”

“Farei qualquer coisa que mande.”

“Ótimo; e vou lhe pedir que o faça cegamente, sem perguntar o motivo.”

“Como queira.”

“Se o fizer, creio que teremos chance de resolver nosso probleminha em breve. Não tenho dúvida…”

Parou de repente, os olhos fixos no ar por sobre a minha cabeça. A luz batia sobre seu rosto e este estava tão atento que poderia ter sido o de uma estátua clássica bem-delineada, uma personificação da vigilância e da expectativa.

“Que foi?” exclamamos os dois.

Pude ver, quando baixou os olhos, que reprimia uma forte emoção. Seus traços ainda estavam controlados, mas seus olhos brilhavam com divertido júbilo.

“Desculpem a admiração de um *connaisseur*”, disse ele, apontando a linha de retratos que cobria a parede oposta. “Watson não admite que eu conheça nada de arte, mas isso é puro ciúme, porque nossos gostos sobre o assunto diferem. Ora, essa é realmente uma belíssima série de retratos.”

“Bem, alegra-me ouvi-lo dizer isso”, disse Sir Henry, olhando de relance para meu amigo, com certa surpresa. “Não pretendo saber muito sobre essas coisas, e saberia julgar melhor um cavalo ou um bezerro que uma pintura. Não sabia que encontrava tempo para essas coisas.”

“Sei o que é bom quando vejo, e estou vendo agora. Aquele é um Kneller, posso jurar, a dama com vestido de seda azul lá adiante, e o cavalheiro robusto de peruca deve ser um Reynolds. São todos retratos de família, presumo.”

“Todos.”

“Sabe os nomes?”

“Barrymore andou me instruindo sobre eles, e acho que posso recitar minhas lições bastante bem.”

“Quem é o cavalheiro com a luneta?”

“Aquele é o contra-almirante Baskerville, que serviu sob Rodney nas Índias Ocidentais. O homem de paletó azul e com o rolo de papel é Sir William Baskerville, que foi presidente das sessões conjuntas da Câmara dos Comuns sob Pitt.”

“E esse *Cavalier* em frente a mim — aquele com o veludo preto e o rufo?”

“Ah, você tem o direito de saber sobre ele. Essa é a causa de todo o mal, o perverso Hugo, que provocou o surgimento do Cão dos Baskerville. Provavelmente não o esqueceremos.”

Contemplei o retrato com interesse e alguma surpresa.

“Meu Deus!” disse Holmes. “Parece um homem tranquilo, de maneiras sossegadas, mas creio que havia um demônio escondido em seus olhos. Eu o imaginava um sujeito mais robusto, valentão.”

“Não há nenhuma dúvida quanto à autenticidade, pois o nome e a data, 1647, estão atrás da tela.”

Holmes pouco falou além disso, mas a pintura do velho fanfarrão parecia exercer um fascínio sobre ele, e seus olhos a fixaram continuamente durante a ceia. Só mais tarde, quando Sir Henry fora para seu quarto, pude seguir o fio de seus pensamentos. Ele me levou de volta ao salão de banquetes, vela na mão, e segurou-a contra o retrato manchado pelo tempo na parede.

“Vê alguma coisa ali?”

Olhei para o chapelão emplumado, os apliques encaracolados, a gola de renda branca, emoldurando um semblante honesto e severo. Não era uma expressão brutal, mas afetada, dura e austera, com uma boca decidida, de lábios finos, e um olhar friamente intolerante.

“Parece com alguém que você conhece?”

“Há alguma coisa de Sir Henry no queixo.”

“Só uma sugestão, talvez. Mas espere um instante!”

Subiu numa cadeira e, segurando a vela na mão esquerda, dobrou o braço direito sobre o amplo chapéu e em torno dos compridos cachos.

“Valha-me Deus!” exclamei, espantado.

O rosto de Stapleton havia saltado da tela.

“Ah, agora você percebe. Meus olhos foram treinados para examinar rostos, não seus atavios. A primeira qualidade de um investigador criminal é ser capaz de ver através de um disfarce.”

“Mas isso é maravilhoso. Poderia ser o retrato dele.”

“Sim, é um interessante caso de atavismo, que parece ser tanto físico quanto espiritual. Um estudo de retratos de família é suficiente para converter um homem à doutrina da reencarnação. O sujeito é um Baskerville… isso é evidente.”

“Com interesses na sucessão.”

“Exatamente. Este acaso da pintura nos fornece um de nossos mais óbvios elos perdidos. Ele está em nossas mãos, Watson, em nossas mãos, e juro que antes da noite de amanhã estará se debatendo em nossa rede, tão impotente quanto uma de suas borboletas. Um alfinete, uma rolha e um cartão, e nós o acrescentaremos à coleção de Baker Street!”



“‘Valha-me Deus!’ exclamei, espantado.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1902]

Ao se desviar da pintura, explodiu num de seus raros acessos de riso. Não o ouvi rir muitas vezes, e isso era sempre de mau agouro para alguém.

Acordei em boa hora de manhã, mas Holmes se levantara ainda mais cedo, pois o vi vestido subindo pelo caminho.

“Sim, teremos um dia cheio hoje”, observou ele, e esfregou as mãos com a alegria da ação. “As redes estão todas em posição e o arrastão está prestes a começar. Antes que o dia termine saberemos se pegamos nosso grande lúcio de queixo pequeno, ou se ele conseguiu escapar por entre as malhas.”

“Já esteve na charneca?”

“Enviei um relatório de Grimpen para Princetown sobre a morte de Selden. Acho que posso prometer que nenhum de vocês dois será incomodado em razão desse assunto. E comuniquei-me também com meu fiel Cartwright, que certamente teria se consumido na porta de minha cabana, como um cão no túmulo do dono, se eu não o tivesse tranquilizado quanto à minha segurança.”

“Qual é o próximo passo?”

“Ver Sir Henry. Ah, cá está ele!”

“Bom dia, Holmes”, disse o baronete. “Você parece um general planejando uma batalha com o chefe do seu estado-maior.”

“Essa é exatamente a situação. Watson estava pedindo minhas ordens.”

“O mesmo faço eu.”

“Muito bem. Você prometeu, pelo que sei, jantar com nossos amigos, os Stapleton, esta noite.”

“Espero que vá também. São pessoas muito hospitaleiras e tenho certeza de que gostariam de vê-lo.”

“Infelizmente Watson e eu devemos ir para Londres.”

“Para Londres?”

“Sim, creio que poderíamos ser mais úteis lá na atual conjuntura.”

O baronete ficou visivelmente decepcionado. “Eu esperava que fossem me ajudar a levar a cabo este caso. O Solar e a charneca não são lugares muito agradáveis quando se está sozinho.”

“Meu caro amigo, deve confiar tacitamente em mim e seguir à risca as minhas instruções. Pode dizer aos seus amigos que teríamos ficado felizes em acompanhá-lo, mas negócios urgentes exigiram nossa presença na cidade. Esperamos voltar muito em breve a Devonshire. Vai se lembrar de lhes dar este recado?”

“Se insiste nisso.”

“Não há alternativa, eu lhe garanto.”

Pela testa anuviada do baronete, percebi que ele estava profundamente magoado pelo que via como nossa deserção.

“Quando deseja ir?” perguntou friamente.

“Imediatamente após o desjejum. Iremos de carro até Coombe Tracey, mas Watson deixará suas coisas como garantia de que voltará. Watson, você enviará um bilhete para Stapleton dizendo que lamenta não poder ir.”

“Gostaria muito de ir para Londres com vocês”, disse o baronete. “Por que devo ficar aqui sozinho?”

“Porque este é o seu posto. Porque me deu sua palavra de que faria o que eu mandasse, e eu lhe digo que fique.”

“Então está bem, ficarei.”

“Mais uma instrução! Quero que vá de charrete à Casa Merripit. Mas mande-a de volta, e deixe-os saber que pretende voltar a pé para casa.”

“Caminhar pela charneca?”

“Sim.”

“Mas é exatamente o que me aconselhou tantas vezes a não fazer!”

“Desta vez pode fazê-lo em segurança. Se eu não tivesse plena confiança em sua fibra e coragem, não sugeriria isto, mas é essencial que o faça.”

“Então farei.”

“E se dá valor à sua vida, não ande pela charneca em nenhuma direção exceto ao longo da trilha reta que leva da Casa Merripit à estrada de Grimpen e é seu caminho natural para casa.”

“Farei exatamente o que diz.”

“Ótimo. Gostaria de partir assim que possível após o desjejum, de modo a chegar a Londres à tarde.”

Eu estava estarrecido com esse programa, embora me lembrasse de que Holmes dissera a Stapleton na noite anterior que sua visita terminaria no dia seguinte. Não me passara pela cabeça, porém, que iria querer que eu fosse com ele, nem podia entender como poderíamos estar ambos ausentes num momento que ele mesmo declarara crítico. Não havia nada a fazer, contudo, senão obedecer tacitamente; assim, dissemos adeus ao nosso pesaroso amigo e um par de horas depois estávamos na estação de Coombe Tracey e havíamos mandado a charrete de volta. Um garotinho estava à nossa espera na plataforma.

“Alguma ordem, senhor?”

“Você tomará este trem para a cidade, Cartwright. Assim que chegar, mandará um telegrama para Sir Henry Baskerville, em meu nome, para dizer que, caso encontre a carteira que deixei cair, deve enviá-la, registrada, para Baker Street.”

“Sim, senhor.”

“E pergunte no escritório da estação se há alguma mensagem para mim.”

O menino voltou com um telegrama que Holmes me entregou. Ele dizia:

Telegrama recebido. Vou com mandado não assinado. Chego cinco e

cinquenta.

LESTRADE

“É uma resposta ao que enviei esta manhã. Ele é o melhor dos profissionais, acredito, e podemos precisar de sua ajuda. Agora, Watson, penso que não podemos dar melhor emprego ao nosso tempo que fazendo uma visita à sua conhecida, Mrs. Laura Lyons.”

Seu plano de campanha começava a ficar evidente. Ele usaria o baronete para convencer os Stapleton de que realmente partíramos, ao passo que na verdade retornaríamos assim que pudéssemos ser necessários. Aquele telegrama de Londres, se mencionado por Sir Henry aos Stapleton, deveria eliminar as últimas suspeitas de suas mentes. Eu já tinha a impressão de ver nossas redes se apertando em torno daquele lúcio de queixo pequeno.

Mrs. Laura Lyons estava em seu escritório, e Sherlock Holmes abriu sua entrevista com uma franqueza e objetividade que a espantaram consideravelmente.

“Estou investigando as circunstâncias da morte do finado Sir Charles Baskerville”, disse ele. “Meu amigo aqui, dr. Watson, informou-me do que a senhora lhe comunicou, e também do que escondeu em relação ao assunto.”

“Que foi que escondi?” perguntou ela desafiadoramente.

“A senhora lhe confessou que pediu a Sir Charles para estar no portão às dez horas. Sabemos que foram o lugar e a hora de sua morte. A senhora escondeu a relação existente entre esses dois eventos.”

“Não há relação nenhuma.”

“Nesse caso, tratou-se realmente de uma coincidência extraordinária. Mas acho que, afinal de contas, conseguiremos estabelecer uma relação. Desejo ser inteiramente franco com a senhora, Mrs. Lyons. A nosso ver, esse foi um caso de assassinato, e as evidências podem implicar não apenas seu amigo, Mr. Stapleton, mas a mulher dele também.”

A dama deu um pulo da cadeira. “A mulher dele!” exclamou.

“O fato não é mais um segredo. A pessoa que se passou por irmã dele é de fato sua mulher.”

Mrs. Lyons voltara a se sentar. Suas mãos agarravam os braços da cadeira e vi que as unhas rosadas haviam se tornado brancas com a pressão de seus dedos.

“A mulher dele!” repetiu ela. “A mulher dele! Ele não era um homem

casado.”

Sherlock Holmes deu de ombros.

“Prove-me isso! Prove-me isso! E se conseguir…!” O brilho feroz de seus olhos diziam mais que quaisquer palavras.

“Vim preparado para isso”, disse Holmes, tirando vários papéis do bolso. “Aqui está uma fotografia do casal tirada em York há quatro anos. Atrás está escrito ‘Mr. e Mrs. Vandeleur’, mas a senhora não terá nenhuma dificuldade em reconhecê-lo, e tampouco a ela, se a conhece de vista. Aqui estão três descrições por escrito de testemunhas confiáveis que conheceram Mr. e Mrs. Vandeleur, que nessa época dirigiam o colégio particular St. Oliver. Leia-as e veja se pode duvidar da identidade dessas pessoas.”

Ela passou os olhos nos papéis e depois olhou para nós com o semblante resoluto, rígido, de uma mulher desesperada.



“A dama deu um pulo da cadeira.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1902]

“Mr. Holmes”, disse, “esse homem ofereceu-se para casar comigo com a condição de que eu me divorciasse de meu marido. Ele mentiu para mim, o canalha, de todas as maneiras concebíveis. Jamais me disse uma palavra verdadeira. E por quê… por quê? Imaginei que era tudo por amor a mim. Mas agora vejo que nunca passei de um instrumento em suas mãos. Por que eu deveria continuar fiel a ele, que nunca foi fiel a mim? Por que deveria tentar protegê-lo das consequências de suas próprias crueldades? Pergunte-me o que quiser, e não ocultarei nada. Uma coisa eu lhe juro, quando escrevi aquela carta, sequer sonhava em fazer algum mal ao velho cavalheiro que fora meu mais bondoso amigo.”

“Acredito inteiramente na senhora, madame”, disse Sherlock Holmes. A narrativa desses eventos lhe deve ser muito penosa, e talvez seja facilitada se eu lhe contar o que aconteceu; a senhora poderá me corrigir se eu cometer algum erro importante. O envio dessa carta lhe foi sugerido por Stapleton?”

“Ele a ditou.”

“Presumo que a razão que deu foi que a senhora receberia ajuda de Sir Charles pelas despesas legais relativas a seu divórcio?”

“Exatamente.”

“E então, depois que a senhora havia enviado a carta, dissuadiu-a de comparecer ao encontro?”

“Disse-me que ofenderia seu amor-próprio que um outro homem fornecesse o dinheiro para esse objetivo, e que, embora ele mesmo fosse pobre, daria seu último *penny* para remover os obstáculos que nos separavam.”

“Ele parece ter um caráter muito firme. E depois não soube de nada até ler as notícias da morte no jornal?”

“Não.”

“E ele a fez jurar não dizer nada sobre o encontro que marcara com Sir Charles?”

“Sim. Disse que foi uma morte muito misteriosa e que eu certamente seria suspeita se os fatos viessem à luz. Atemorizou-me para que ficasse em silêncio.”

“Naturalmente. Mas a senhora teve suas desconfianças?”

Ela hesitou e olhou para baixo. “Eu o conhecia”, disse. “Mas se ele tivesse se mantido fiel a mim, eu teria sido sempre fiel a ele.”

“Penso que, no geral, a senhora se saiu muito bem”, disse Sherlock Holmes. “Teve-o em suas mãos, e ele sabia disso, e no entanto está viva. Durante alguns meses esteve andando à beira de um precipício. Agora devemos lhe desejar um bom dia, Mrs. Lyons, e é provável que volte a ter notícias nossas dentro de muito pouco tempo.”

“Nosso caso está se completando, e as dificuldades se dissipam, uma após outra, diante de nós”, disse Holmes, quando esperávamos que o expresso chegasse da cidade. “Logo estarei em condições de pôr numa única narrativa coerente um dos crimes mais singulares e sensacionais dos tempos modernos. Os estudiosos da criminologia se lembrarão dos incidentes análogos em Grodno, na Pequena Rússia, no ano de 1866, e há, é claro, os assassinatos de Anderson na Carolina do Norte, mas este caso possui algumas características inteiramente peculiares. Até agora não temos bases claras para acusar esse espertíssimo

homem. Mas ficarei muito surpreso se elas não estiverem suficientemente claras antes de irmos para a cama esta noite.”

O expresso de Londres chegou rugindo à estação, e um homenzinho vigoroso, com cara de buldogue, saltou de um vagão de primeira classe. Nós três nos apertamos as mãos e vi de imediato, pela maneira reverente como olhava para meu companheiro, que Lestrade havia aprendido muito desde os dias em que haviam trabalhado juntos pela primeira vez. Podia lembrar o desdém que as teorias do intelectual costumavam despertar no homem prático.

“Alguma coisa boa?” perguntou ele.

“A maior em anos”, disse Holmes. “Temos duas horas antes de precisar pensar em partir. Creio que poderíamos empregá-las jantando, e depois, Lestrade, vamos tirar a névoa suja de Londres de sua garganta, fazendo-o respirar o ar puro da noite de Dartmoor. Nunca esteve lá? Ah, creio que não esquecerá sua primeira visita.”

XIV. O CÃO DOS BASKERVILLE

UM DOS DEFEITOS DE SHERLOCK HOLMES — se é que podemos de fato chamá-lo de defeito — era sua extrema relutância em comunicar a totalidade de seus planos a qualquer outra pessoa até o instante de executá-los. Isso vinha em parte, sem dúvida, de sua natureza autoritária, que gostava de dominar e surpreender os que o cercavam. Em parte, também, de sua prudência profissional, que o impelia a nunca correr quaisquer riscos. O resultado, contudo, era exasperante para aqueles que atuavam como seus agentes e assistentes. Muitas vezes sofri com isso, porém nunca tanto quanto durante aquela longa viagem de trole na escuridão. A grande provação estava diante de nós; finalmente estávamos prestes a fazer nosso esforço final, mas Holmes não dizia nada, e eu podia apenas conjecturar como se desdobraria sua ação. Meus nervos latejavam de ansiedade quando por fim o vento frio em nossos rostos e os espaços escuros e vazios dos dois lados da estrada estreita me fizeram saber que estávamos de volta à charneca novamente. Cada passo dos cavalos e cada giro das rodas nos levava para mais perto de nossa suprema aventura.

Nossa conversa foi estorvada pela presença do cocheiro do trole alugado, de modo que fomos obrigados a conversar sobre trivialidades quando nossos nervos estavam tensos de emoção e expectativa. Foi um alívio para mim, depois daquela restrição forçada, quando finalmente passamos pela casa de Frankland e eu soube que nos aproximávamos do Solar e do cenário da ação. Não fomos de carro até a porta, apeando perto do portão da alameda. O trole foi pago e recebeu ordem de voltar a Coombe Tracey imediatamente, enquanto nos púnhamos a caminho da Casa Merripit.

“Está armado, Lestrade?”

O pequeno detetive sorriu. “Enquanto eu tiver minhas calças, terei um bolso traseiro, e enquanto tiver um bolso traseiro, terei alguma coisa dentro dele.”

“Ótimo! Meu amigo e eu também estamos preparados para emergências.”

“O senhor está muito fechado com relação a este caso, Mr. Holmes. Qual é o jogo desta vez?”

“Um jogo de espera.”

“Palavra, este não parece ser um lugar muito alegre”, disse o detetive com um arrepio, olhando, à sua volta, as encostas escuras do morro e o imenso lago de neblina que pairava sobre o charco de Grimpen. “Vejo as luzes de uma casa em frente a nós.”

“É a Casa Merripit e o fim de nossa viagem. Devo lhes pedir que andem na ponta dos pés e falem sussurrando.”

Avançamos cautelosamente pela trilha como se fôssemos para a casa, mas Holmes nos fez parar a cerca de duzentos metros dela.

“Aqui está bem”, disse. “Essas pedras à direita farão um anteparo admirável.”

“Devemos esperar aqui?”

“Sim, faremos nossa pequena emboscada aqui. Entre nesse buraco, Lestrade. Você esteve dentro da casa, não foi, Watson? Pode nos dizer a posição dos cômodos? A que cômodo pertencem aquelas janelas com treliça naquela extremidade?”

“Acho que são as janelas da cozinha.”

“E aquela outra mais além, tão iluminada?”

“Aquela é certamente da sala de jantar.”

“As persianas estão levantadas. Você conhece melhor a disposição do terreno. Aproxime-se sem fazer barulho e veja o que estão fazendo — mas pelo amor de Deus, não os deixe perceber que estão sendo observados!”

Avancei na ponta dos pés pela trilha e me agachei atrás do muro baixo que cercava o mirrado pomar. Insinuando-me em sua sombra, cheguei a um ponto do qual podia olhar diretamente através da janela aberta.

Havia apenas dois homens na sala, Sir Henry e Stapleton. Estavam sentados, de perfil para mim, dos dois lados da mesa redonda. Ambos fumavam charuto, e havia café e vinho diante deles. Stapleton falava com animação, mas o baronete parecia pálido e desatento. Talvez a ideia da longa caminhada através daquela charneca agourenta o oprimisse.

Enquanto eu os observava, Stapleton se levantou e saiu da sala, enquanto Sir Henry enchia novamente o seu copo e se recostava em sua cadeira, tirando baforadas de seu charuto. Ouvi o rangido de uma porta e o som nítido de botinas sobre o cascalho. Os passos ressoaram ao longo da trilha do outro lado do muro sob o qual eu me agachava. Olhando por cima, vi o naturalista parar à porta de uma casinhola num canto do pomar. Uma chave girou num cadeado e quando ele entrou ouvi um curioso rumor de discussão vindo de dentro. Ele ficou apenas cerca de um minuto lá dentro, depois ouvi a chave girar novamente, e ele passou

por mim e entrou outra vez na casa. Vi-o reunir-se a seu convidado, e rastejei de volta silenciosamente até onde meus companheiros esperavam para lhes contar o que vira.

“Está dizendo, Watson, que a senhora não está lá?” perguntou Holmes quando terminei meu relato.

“Não.”

“Onde pode estar, se não há luz em nenhum outro cômodo, exceto na cozinha?”

“Não faço ideia.”

Eu disse que sobre o grande charco de Grimpen pairava uma neblina densa e branca. Ela estava derivando lentamente na nossa direção, e se acumulava como um muro daquele lado de nós, baixa, mas espessa e bem-definida. A lua brilhava sobre ela, que parecia um grande e bruxuleante campo de gelo, com os picos dos penhascos distantes parecendo rochas que afloravam em sua superfície.

“Ela está se movendo em direção a nós, Watson.”

“Isso é sério?”

“Muito sério, realmente… a única coisa na face da Terra que poderia perturbar meus planos. Não pode faltar muito tempo agora. Já são dez horas. Nosso sucesso e até a vida dele podem depender de que saia antes que a neblina cubra a trilha.”

A noite estava clara e bela acima de nós. As estrelas brilhavam frias e vívidas, uma meia-lua banhava toda a cena com uma luz suave e incerta. Diante de nós erguia-se o volume escuro da casa, seu telhado serreado e chaminés eriçadas delineadas contra o céu prateado e cintilante. Largas barras de luz dourada das janelas mais baixas estendiam-se pelo pomar e a charneca. Uma delas apagou-se de repente. Os criados haviam deixado a cozinha. Restava apenas a luz da sala de jantar, onde os dois homens, o anfitrião assassino e o convidado ingênuo, ainda conversavam, fumando seus charutos.

A cada minuto aquela planície branca e lanosa que cobria metade da charneca se aproximava mais da casa. Os primeiros farrapos finos dela já espiralavam através do quadrado dourado da janela iluminada. O muro do outro lado do pomar já estava invisível, e as árvores sobressaíam de um turbilhão de vapor branco. Enquanto observávamos, as espirais de neblina se aproximaram rastejando de ambos os cantos da casa, e rolaram lentamente para formar um banco denso, sobre o qual o andar superior e o telhado flutuavam como uma estranha embarcação num mar sombrio. Holmes socou a pedra à nossa frente, furioso, e bateu o pé em sua impaciência.

“Se ele não sair dentro de um quarto de hora, a trilha estará coberta. Em meia hora não seremos capazes de ver nossas mãos à nossa frente.”

“Devemos recuar para um terreno mais elevado?”

“Sim, acho que seria melhor.”

Assim, à medida que o banco de neblina se alastrava, nós recuávamos à frente dele, até que estávamos a oitocentos metros da casa, e aquele denso mar branco, com a lua prateando sua borda superior, avançava lenta e inexoravelmente.

“Estamos nos afastando demais”, disse Holmes. “Não podemos correr o risco de deixá-lo ser alcançado antes de conseguir chegar até nós. Temos de continuar onde estamos a todo custo.” Ajoelhou-se e colou o ouvido ao chão. “Graças a Deus, acho que ouço seus passos se aproximando.”

Um som de passos rápidos rompeu o silêncio da charneca. Agachados entre as pedras, perscrutávamos atentamente a barreira orlada de prata à nossa frente. Os passos ficaram mais audíveis, e através da neblina, como se através de uma cortina, apareceu o homem que esperávamos. Ele olhou à sua volta, surpreso, ao emergir na noite clara e estrelada. Em seguida avançou rapidamente pela trilha, passou perto do lugar em que estávamos e continuou subindo a longa encosta atrás de nós. Enquanto caminhava, olhava continuamente por sobre os dois ombros, revelando-se intranquilo.

“Psiu!” exclamou Holmes, e ouvi o estalo brusco de uma pistola sendo engatilhada. “Atenção! Ele está vindo!”

Ouviu-se um ruído de passos fraco, firme e contínuo vindo de algum lugar no coração daquele banco rastejante. A nuvem estava a cinquenta metros de onde nos encontrávamos, e nós a fixamos, todos os três, sem saber ao certo que horror iria irromper do seu meio. Eu estava ao lado de Holmes, e olhei de relance para seu rosto. Estava pálido e exultante, os olhos brilhando intensamente ao luar. Subitamente, porém, seu olhar tornou-se rígido, fixo, e os lábios se abriram de espanto. No mesmo instante Lestrade soltou um grito de terror e se jogou de bruços no chão. Levantei-me de um salto, a mão inerte agarrando a pistola, a mente paralisada pela forma pavorosa que surgira diante de nós, saída das sombras da neblina. Era um cão, um enorme cão negro como carvão, mas não um cão como olhos mortais já tivessem visto. Sua boca aberta cuspia fogo, os olhos fulguravam como brasas vivas, o focinho, os pelos eréteis do pescoço e a papada eram delineados por chamas bruxuleantes. Nem o sonho delirante de um cérebro perturbado poderia jamais ter concebido algo mais selvagem, mais aterrador, mais diabólico que aquela forma escura que se

precipitou do muro de neblina.



“Ele olhou à sua volta, surpreso.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1902]

Com longos saltos, o enorme animal negro percorria a trilha, seguindo de perto as pegadas de nosso amigo. Ficamos tão paralisados pela aparição, que permitimos que passasse antes de recobrar o sangue-frio. Em seguida Holmes e eu atiramos os dois ao mesmo tempo, e o animal soltou um uivo hediondo que mostrou que pelo menos um de nós o acertara. Em vez de parar, porém, ele saltou adiante. Bem longe na trilha, vimos Sir Henry olhar para trás, seu rosto branco ao luar, as mãos erguidas em horror, olhando impotente para a coisa horrorosa que o perseguia.

Mas aquele grito de dor do cão dissipara todos os nossos medos. Se ele era vulnerável, era mortal, e se podíamos feri-lo, podíamos matá-lo. Nunca vi um homem correr como Holmes naquela noite. Sou reconhecidamente veloz, mas ele me ultrapassou tanto quanto eu ultrapassei a figura miúda de Lestrade. Diante de nós, à medida que voávamos pela trilha, ouvíamos grito após grito de Sir Henry e o rugido profundo do cão. Cheguei a tempo de ver o animal saltar sobre sua vítima, arremessá-la no chão e investir contra a sua garganta. Mas no instante seguinte Holmes havia esvaziado cinco canos de seu revólver sobre o flanco do animal. Com um último uivo de agonia e uma feroz dentada no ar, ele rolou sobre suas costas, quatro patas se debatendo furiosamente, e depois caiu de lado, inerte. Inclinei-me, ofegante, e apertei minha pistola contra a cabeça pavorosa, bruxuleante, mas era inútil apertar o gatilho. O cão gigantesco estava morto.

Sir Henry jazia sem sentidos onde caíra. Rasgamos seu colarinho, e Holmes murmurou uma prece de agradecimento quando viu que não havia nenhum sinal de ferimento e que o socorro chegara a tempo. As pálpebras de nosso amigo já fremiam e ele fez um débil esforço para se mover. Lestrade enfiou seu frasco de conhaque entre os dentes do baronete, e dois olhos apavorados se ergueram para nós. “Meu Deus!” sussurrou ele. “Que foi isso? Em nome de Deus, que foi isso?”

“Está morto, o que quer que fosse”, disse Holmes. “Derrubamos o fantasma da família de uma vez por todas.”

Só pelo tamanho e a força, era um animal terrível que estava estendido diante de nós. Não era um cão de caça puro, nem um mastim puro; parecia uma combinação dos dois — macilento, selvagem e tão grande quanto uma leoa jovem. Mesmo agora, na imobilidade da morte, os enormes maxilares pareciam gotejar uma chama azulada e os olhos pequenos, fundos e cruéis estavam rodeados de fogo. Pus a mão sobre o focinho fulgurante e, quando os ergui, meus dedos brilhavam como brasas na escuridão.

“Fósforo”, disse eu.

“Uma preparação habilidosa dele”, disse Holmes, cheirando o animal morto. “Não há nenhum cheiro que poderia ter interferido em seu faro. Nós lhe devemos sentidas desculpas, Sir Henry, por tê-lo exposto a esse pavor. Eu esperava um cão, mas não uma criatura como esta. E a neblina nos deu pouco tempo para recebê-lo.”

“O senhor salvou a minha vida.”

“Depois de tê-la posto em perigo. Sente-se forte o bastante para ficar de pé?”

“Dê-me mais um gole daquele conhaque, e estarei pronto para qualquer coisa. Assim! Agora, se quiser me ajudar a levantar. Que pretende fazer?”



“Holmes havia esvaziado cinco canos de seu revólver sobre o flanco do animal.”

[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1902]

“Deixá-lo aqui. Não parece em condições para mais aventuras esta noite. Se quiser esperar, um de nós voltará com o senhor para o Solar.”

Ele tentou se equilibrar de pé, mas ainda estava mortalmente pálido e tremia da cabeça aos pés. Nós o ajudamos a chegar a uma pedra, em que se sentou tiritando, a cabeça enterrada nas mãos.

“Agora temos de deixá-lo”, disse Holmes. “O resto de nosso trabalho precisa ser feito, e cada minuto é importante. Temos o nosso caso, e agora só precisamos do nosso homem.”

“A probabilidade de não o encontrarmos em casa é de mil contra um”, continuou ele, enquanto refazia nossos passos rapidamente pela trilha. “Aqueles tiros certamente o informaram de que o jogo terminou.”

“Estávamos a alguma distância da casa, e essa neblina pode tê-los abafado.”

“Ele seguiu o cão para chamá-lo de volta… podem ter certeza disso. Não, não, a esta altura já foi embora! Mas vamos revistar a casa e nos assegurar.”

Como a porta da frente estava aberta, entramos às pressas e corremos de cômodo em cômodo, para espanto de um velho e trôpego empregado que nos encontrou no corredor. Não havia luz exceto na sala de jantar, mas Holmes pegou o lampião e não deixou um canto da casa inexplorado. Não conseguimos encontrar um sinal sequer do homem que procurávamos. No andar superior, porém, a porta de um dos quartos estava trancada.

“Há alguém aí dentro!” exclamou Lestrade. “Posso ouvir um movimento. Abra esta porta!”

Um débil gemido e um farfalhar vieram de dentro. Holmes golpeou a porta logo acima da fechadura com a sola do pé, e ela se abriu. Pistola na mão, precipitamo-nos os três no quarto.

Mas não havia nele nenhum sinal do patife desesperado e desafiador que esperávamos ver. Em vez disso, deparamo-nos com um objeto tão estranho e inesperado que por um instante ficamos olhando para ele embasbacados.

O quarto estava arrumado à maneira de um pequeno museu, as paredes tomadas por uma grande quantidade de caixas com tampo de vidro cheias daquela coleção de borboletas e mariposas cuja formação fora o entretenimento desse homem complexo e perigoso. No centro do quarto havia uma viga vertical, colocada ali um dia como esteio das velhas e carcomidas traves de madeira que

atravessavam o telhado. Nesse poste estava presa uma figura, tão enfaixada e encoberta pelos lençóis usados para amarrá-la que não soubemos, num primeiro instante, se estávamos diante de um homem ou de uma mulher. Uma toalha cingia-lhe o pescoço e estava amarrada atrás da coluna. Outra cobria a parte inferior do rosto e acima dela dois olhos escuros — olhos cheios de aflição, vergonha e uma terrível indagação — nos fitavam. Num minuto havíamos arrancado a mordaça, desamarrado os nós, e Mrs. Stapleton caiu no chão à nossa frente. Quando sua bela cabeça tombou sobre o peito, vi o claro vergão vermelho de uma chicotada em seu pescoço.



“Mrs. Stapleton caiu no chão.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1902]

“O animal!” exclamou Holmes. “Aqui, Lestrade, sua garrafa de conhaque! Sente-a na cadeira! Desmaiou à força de maus-tratos e exaustão.”

Ela abriu os olhos de novo. “Ele está em segurança?” perguntou. “Escapou?”

“Não poderá escapar de nós, madame.”

“Não, não, não me refiro ao meu marido. Sir Henry? Ele está ileso?”

“Sim.”

“E o cão?”

“Está morto.”

Ela deu um longo suspiro de satisfação. “Graças a Deus! Graças a Deus! Oh, esse canalha! Vejam como me tratou!” Arregaçou as mangas, e pudemos ver como seus braços estavam cobertos de contusões. “Mas isto não é nada… nada! Foram minha mente e minha alma que ele torturou e profanou. Eu poderia suportar tudo, maus-tratos, solidão, uma vida de decepção, tudo, contanto que

ainda pudesse me agarrar à esperança de ter seu amor, mas agora sei que também nisso fui seu joguete e instrumento.” Caiu em soluços amargurados enquanto falava.

“Não tenha nenhuma benevolência em relação a ele, madame”, disse Holmes. “Conte-nos, portanto, onde poderemos encontrá-lo. Se alguma vez o ajudou no mal, ajude-nos agora e poderá se redimir.”

“Só há um lugar para onde pode ter fugido”, respondeu ela. “É uma velha mina de estanho numa ilha no coração do charco. Era lá que ele mantinha o seu cão, e foi lá também que fez preparativos de modo a ter um refúgio. É para lá que ele fugiria.”

O banco de neblina parecia lã branca contra a janela. Holmes aproximou o lampião.

“Veja”, disse. “Ninguém conseguiria penetrar no charco de Grimpen esta noite.”

Ela riu e bateu palmas. Seus olhos e dentes brilhavam com alegria feroz.

“Ele será capaz de entrar, mas nunca de sair!” exclamou. “Como pode ver as varas que indicam o caminho esta noite? Nós as fincamos juntos, ele e eu, para marcar o caminho através do charco. Oh, se pelo menos eu tivesse podido arrancá-las hoje! Nesse caso os senhores realmente o teriam à sua mercê.”

Estava evidente para nós que qualquer busca seria inútil até que a neblina se dissipasse. Nesse meio-tempo, deixamos Lestrade tomando conta da casa, enquanto Holmes e eu voltamos com o baronete para o Solar Baskerville. Impossível continuar a esconder-lhe a história dos Stapleton, mas ele enfrentou bravamente o golpe de saber a verdade sobre a mulher que amara. Mas o choque das aventuras da noite lhe estilhaçara os nervos, e antes do amanhecer ele jazia delirante e com febre alta, sob os cuidados do dr. Mortimer. Os dois estavam destinados a dar uma volta ao mundo juntos antes que Sir Henry voltasse a ser o homem robusto e vigoroso que fora antes de se tornar o senhor daquela propriedade agourenta.

* * *

E AGORA CHEGO RAPIDAMENTE à conclusão desta singular narrativa, em que tentei fazer o leitor partilhar dos medos soturnos e suposições vagas que anuviaram nossas vidas por tanto tempo. Na manhã após a morte do cão, a neblina se dissipara e fomos guiados por Mrs. Stapleton até o ponto onde eles haviam encontrado um caminho através do pântano. A ansiedade e a alegria com que essa mulher nos pôs na pista do marido ajudou-nos a compreender o horror de

sua vida. Nós a deixamos na estreita península de terra firme e turfosa que se afunilava pelo vasto lodaçal. A partir do ponto em que ela terminava, uma pequena vara fincada aqui e ali mostrava por onde o caminho ziguezagueava de tufo em tufo de juncos por entre aqueles buracos cheios de espuma verde e atoleiros fétidos que impediam a passagem do forasteiro. Caniços exuberantes e plantas aquáticas viçosas lançavam um odor de podridão e um denso vapor miasmático em nossos rostos, enquanto, mais de uma vez, uma escorregadela nos mergulhou até a coxa no charco escuro e tremulante, que se agitava em suaves ondulações por vários metros em torno de nossos pés. Seu aperto tenaz agarrava nossos calcanhares enquanto caminhávamos, e quando afundávamos nele era como se uma mão maligna estivesse puxando com força para dentro daquelas profundezas repugnantes, tão implacável e intencional era a pressão com que nos segurava.

Apenas uma vez vimos um sinal de que alguém passara por aquele caminho perigoso antes de nós. De dentro de uma moita de erióforos que a mantinha fora do lodo, uma coisa escura se projetava. Holmes afundou até a cintura ao dar um passo fora do caminho para pegá-la, e se não estivéssemos lá para arrastá-lo, talvez nunca mais tivesse pisado em terra firme novamente. Ele segurava uma velha botina preta no ar. “Meyers, Toronto”, estava impresso no forro do couro.



“Ele segurava uma velha botina preta no ar.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1902]

“Isto vale um banho de lama”, disse ele. “É a botina desaparecida do nosso amigo Sir Henry.”

“Stapleton a jogou fora em sua fuga.”

“Exatamente. Ele a conservou na mão depois de usá-la para pôr o cão no rastro dele. Fugiu quando viu que o jogo estava terminado, ainda segurando-a. E jogou-a fora neste ponto de sua fuga. Sabemos pelo menos que chegou até aqui incólume.”

Mas não estávamos destinados a saber mais do que isso, embora houvesse muito que pudéssemos conjecturar. Não havia a menor possibilidade de encontrar pegadas no charco, pois a lama estava subindo e ressumava rapidamente sobre elas, mas quando finalmente chegamos a um terreno mais firme além do pântano, pusemo-nos a procurá-las avidamente. Mas não demos com o mais leve sinal delas. Se a terra contava uma história verdadeira, Stapleton nunca chegara àquela ilha de refúgio em direção à qual partira na noite anterior, enfrentando a neblina. Em algum lugar no coração do grande charco de Grimpen, no fundo do lodo fétido do enorme pântano que o sugara, esse homem frio e cruel está sepultado para sempre.

Encontramos muitos vestígios seus na ilha cercada de lodo onde ele escondera seu selvagem aliado. Uma enorme roda propulsora e um poço meio cheio de lixo mostraram a posição de uma mina abandonada. Ao lado dela viam-se os escombros dos galpões dos mineiros, expulsos, sem dúvida, pelo fedor nauseabundo do charco circundante. Numa delas uma argola de ferro e uma corrente, com uma quantidade de ossos roídos, mostravam onde o animal fora confinado. Um esqueleto a que se prendia um emaranhado de pelos castanhos jazia entre os restos.

“Um cão!” disse Holmes. “Por Deus, um spaniel de pelo ondulado. O pobre Mortimer nunca verá seu bichinho de estimação de novo. Bem, acredito que este lugar não contém nenhum segredo que ainda não tenhamos penetrado. Ele podia esconder seu cão, mas não podia calar a sua voz, daí aqueles gritos que mesmo à luz do dia não eram agradáveis de se ouvir. Numa emergência ele podia manter seu cão na casinhola em Merripit, mas isso era sempre um risco, e só ousou fazê-lo no dia supremo, que via como o fim de todos os seus esforços. Essa pasta na lata é sem dúvida a mistura luminosa com que o animal foi besuntado. Isso foi sugerido, é claro, pela história do cão infernal da família, e pelo desejo de matar de susto o velho Sir Charles. Não admira que o pobre-diabo de um prisioneiro tenha corrido e berrado exatamente como fez o nosso amigo, e como nós mesmos teríamos feito, ao ver semelhante animal saltando pela escuridão do pântano no seu encalço. Foi um estratagema habilidoso, pois, afora a possibilidade de ocasionar a morte da vítima, que camponês se arriscaria a examinar detidamente um animal como esse caso o avistasse, como muitos o fizeram, na charneca! Eu disse isso em Londres, Watson, e o digo novamente

agora, que nunca até hoje ajudamos a caçar um homem mais perigoso que esse que jaz ali" — apontou seu braço comprido em direção à enorme vastidão de pântano salpicada de manchas verdes que se estendia a distância até se fundir com as encostas avermelhadas da charneca.

XV. UM RETROSPECTO

ERA FIM DE NOVEMBRO, e Holmes e eu estávamos sentados, numa noite fria e nevoenta, dos dois lados de um fogo flamejante em nossa sala de estar em Baker Street. Desde o trágico desfecho de nossa visita ao Devonshire ele estivera empenhado em dois casos da máxima importância, no primeiro dos quais denunciara a conduta atroz do coronel Upwood em conexão com o famoso escândalo das cartas no Nonpareil Club, ao passo que no segundo havia defendido a infeliz Mme. Montpessier da acusação de assassinato que pairava sobre ela em relação à morte de sua enteada, Mlle. Carère, a jovem dama que, como todos devem se lembrar, foi encontrada seis meses depois viva e casada em Nova York. Como meu amigo estava de excelente humor com o sucesso que acompanhara uma sucessão de casos difíceis e importantes, consegui induzi-lo a discutir os detalhes do mistério de Baskerville. Eu havia esperado pacientemente por essa oportunidade, pois sabia que ele jamais permitiria que casos se sobrepusessem, e que sua mente clara e lógica não se deixaria desviar de seu trabalho atual para se alongar sobre lembranças do passado. Mas Sir Henry e o dr. Mortimer estavam em Londres, a caminho daquela longa viagem que fora recomendada ao baronete para a restauração de seus nervos em frangalhos. Tendo eles nos feito uma visita naquela mesma tarde, foi natural que o assunto entrasse em pauta.

"Todo o curso dos eventos", disse Holmes, "do ponto de vista do homem que dizia se chamar Stapleton, foi simples e direto, embora para nós, que a princípio não tínhamos nenhum meio de saber os motivos de suas ações e só podíamos conhecer parte dos fatos, tudo parecesse extremamente complexo. Beneficiei-me de duas conversas com Mrs. Stapleton, e agora o caso foi tão completamente elucidado que não me parece ter restado nenhum segredo para nós. Você encontrará algumas anotações sobre o assunto sob a letra B em minha lista indexada de casos."

"Talvez pudesse fazer a gentileza de me dar, de memória, um resumo do curso dos eventos."

"Certamente, embora não possa garantir ter todos os fatos em mente. A

concentração mental intensa tem uma maneira curiosa de rasurar o que passou. O advogado que tem seu caso na ponta da língua, e é capaz de discutir com um especialista sobre seu próprio assunto, descobre que uma ou duas semanas varrem aquilo tudo de sua mente de novo. Assim, cada um de meus casos apaga o anterior, e Mlle. Carère embaçou minha lembrança do Solar Baskerville. Amanhã poderá ser submetido à minha atenção algum outro probleminha que, por sua vez, desalojará a bela dama francesa e o abominável Upwood. Vou lhe dar o curso dos acontecimentos tão bem quanto posso, e você sugerirá qualquer coisa que possa ter esquecido.

"Minhas investigações mostram de maneira insofismável que o retrato de família não mentia, e que aquele sujeito era realmente um Baskerville. Era filho daquele Rodger Baskerville, o irmão mais moço de Sir Charles, que fugiu com uma reputação sinistra para a América do Sul, onde constava que teria morrido solteiro. Na verdade, casara-se e tivera um filho, esse sujeito, cujo nome real é o mesmo do pai. Ele se casou com Beryl Garcia, uma das beldades da Costa Rica, e, tendo roubado uma soma considerável de dinheiro público, mudou seu nome para Vandeleur e fugiu para a Inglaterra, onde fundou um colégio no leste de Yorkshire. Seu motivo para tentar essa linha especial de negócio foi ter feito amizade com um preceptor tuberculoso na viagem para casa, e usado a capacidade desse homem para tornar o empreendimento um sucesso. Mas Fraser, o preceptor, morreu, e o colégio, que começara bem, decaiu da má reputação para a infâmia. Os Vandeleur julgaram conveniente mudar seu nome para Stapleton, e ele trouxe o resto de sua fortuna, seus planos para o futuro e seu gosto pela entomologia para o sul da Inglaterra. Soube no Museu Britânico que ele era uma autoridade reconhecida no assunto, e que o nome Vandeleur ficou permanentemente associado a certa mariposa que ele foi, em seu tempo de Yorkshire, o primeiro a descrever.



“Um retrospecto.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1902]

“Agora chegamos à parte de sua vida que se provou de tanto interesse para nós. O sujeito havia evidentemente feito investigações, e descoberto que apenas duas vidas se interpunham entre ele e uma valiosa herança. Quando foi para Devonshire seus planos eram, acredito, extremamente vagos, mas, pelo modo como levou sua mulher consigo disfarçada como sua irmã, fica evidente que tinha más intenções desde o início. É claro que a ideia de usá-la como um chamariz já estava em sua mente, embora ele talvez não soubesse ao certo como os detalhes de sua trama deveriam se encaixar. Seu objetivo final era pôr as mãos na herança, e para tanto estava disposto a lançar mão de qualquer instrumento ou correr qualquer risco. Sua primeira medida foi se estabelecer o mais perto possível de sua casa ancestral, e a segunda cultivar amizade com Sir Charles Baskerville e os vizinhos.

“O próprio baronete lhe falou sobre o cão da família, e assim preparou o caminho para a própria morte. Stapleton, como continuarei a chamá-lo, sabia que o coração do velho era fraco, e que um choque o mataria. Soubera disso pelo dr. Mortimer. Ouvira falar também que Sir Charles era supersticioso, e que levava essa lenda funesta muito a sério. No mesmo instante sua mente engenhosa concebeu uma maneira pela qual o baronete poderia ser levado à morte, de tal modo que fosse praticamente impossível condenar o verdadeiro assassino.

“Tendo concebido a ideia, passou a pô-la em prática com considerável astúcia. Um intrigante comum teria se contentado em trabalhar com um cão feroz. O uso de meios artificiais para tornar o animal diabólico foi um golpe de gênio de sua parte. Comprou o cão em Londres, de Ross e Mangles, os

comerciantes de Fulham Road. Era o maior e o mais bravo que possuíam. Trouxe-o pela linha North Devon, e caminhou uma grande distância pela charneca, de modo a levá-lo para casa sem despertar nenhum comentário. Em suas caçadas a insetos, já havia aprendido a penetrar no charco de Grimpen, e assim encontrado um esconderijo seguro para o animal. Ali o abrigou e esperou sua oportunidade.

"Mas ela demorou um pouco a chegar. Era impossível atrair o velho cavalheiro para fora de suas terras à noite. Várias vezes Stapleton se escondeu nas redondezas com seu cão, mas em vão. Foi durante essas buscas infrutíferas que ele, ou melhor, seu aliado, foi visto por camponeses, e que a lenda do cão demoníaco recebeu nova confirmação. Ele tivera a esperança de que sua mulher pudesse atrair Sir Charles para sua ruína, mas nesse ponto ela se mostrou inesperadamente independente. Recusou-se a tentar envolver o velho cavalheiro numa ligação sentimental que pudesse entregá-lo a seu inimigo. Ameaças e até, lamento dizer, golpes foram incapazes de forçá-la. Ela não queria saber daquilo, e por algum tempo Stapleton viu-se num impasse.

"Ele descobriu uma maneira de resolver suas dificuldades graças a uma casualidade. Sir Charles, que nutria amizade por ele, tornou-o o encarregado de suas ações de caridade no caso dessa infeliz mulher, Mrs. Laura Lyons. Apresentando-se como um homem solteiro, ele adquiriu completa ascendência sobre ela e deu-lhe a entender que, caso ela conseguisse se divorciar do marido, a desposaria. Seus planos chegaram subitamente a um ponto crítico quando soube que Sir Charles estava prestes a deixar o Solar a conselho do dr. Mortimer, com cuja opinião ele próprio fingiu concordar. Tinha de agir imediatamente, ou sua vítima poderia escapar de suas garras. Assim, pressionou Mrs. Lyons a escrever aquela carta, implorando ao velho que lhe concedesse uma entrevista na noite anterior à sua partida para Londres. Depois, mediante uma argumentação capciosa, impediu-a de ir, e assim teve a oportunidade que esperava.

"Voltando de carro de Coombe Tracey à noite, ele teve tempo de pegar o cão, lambuzá-lo com sua tinta infernal e levá-lo até o portão, onde tinha razões para acreditar que encontraria o velho cavalheiro esperando. O animal, incitado pelo dono, saltou sobre a cancela e perseguiu o infeliz baronete, que fugiu gritando pela Aleia de Teixos. Naquele túnel sombrio, aquele enorme animal preto com seus maxilares e olhos chamejantes, saltando atrás de sua vítima, deve ter sido realmente uma visão pavorosa. Ele caiu morto no fim da aleia, de ataque cardíaco e terror. Como o cão se mantivera sobre a margem de grama enquanto o baronete corria pelo caminho, só as pegadas do homem eram visíveis. Ao vê-lo caído imóvel, o animal provavelmente se aproximou para farejá-lo, mas,

constatando que estava morto, voltou a se afastar. Foi então que deixou a pegada que de fato foi observada pelo dr. Mortimer. O cão foi chamado e levado de volta às pressas para seu covil no charco de Grimpen, e restou um mistério que intrigou as autoridades, alarmou a região e por fim trouxe o caso para o âmbito de nossa observação.

"Isso quanto à morte de Sir Charles Baskerville. Você percebe a astúcia diabólica da trama, pois realmente seria quase impossível incriminar o verdadeiro assassino. Seu único cúmplice jamais poderia denunciá-lo, e a natureza grotesca, inconcebível do estratagema serviu apenas para torná-lo mais eficaz. As duas mulheres relacionadas com o caso, Mrs. Stapleton e Mrs. Laura Lyons, ficaram com forte desconfiança de Stapleton. A primeira sabia que ele tinha planos em relação ao velho, e também da existência do cão. Mrs. Lyons não sabia de nenhuma dessas coisas, mas ficara impressionada com o fato de a morte ocorrer na hora de um encontro não cancelado, do qual somente ele sabia. Ambas, porém, estavam sob a sua influência e ele nada tinha a temer delas. A primeira metade de sua tarefa foi realizada com sucesso, mas ainda restava a mais difícil.

"É possível que Stapleton não soubesse da existência de um herdeiro no Canadá. De todo modo, logo tomaria conhecimento dela pelo seu amigo dr. Mortimer, e este lhe contou todos os detalhes sobre a chegada de Henry Baskerville. A primeira ideia de Stapleton foi que esse jovem estrangeiro do Canadá poderia ser morto em Londres, antes mesmo de chegar a Devonshire. Ele desconfiava de sua mulher desde que ela se recusara a ajudá-lo a preparar uma armadilha para o velho, e não ousava perdê-la de vista por muito tempo, temendo perder seu controle sobre ela. Foi por essa razão que a levou para Londres consigo. Hospedaram-se, suponho, no Mexborough Private Hotel, em Craven Street, que foi realmente um daqueles visitados por meu agente à procura de indícios. Ali, manteve a mulher aprisionada em seu quarto, enquanto ele, disfarçado com uma barba, seguia o dr. Mortimer até Baker Street e mais tarde até a estação e ao Northumberland Hotel. Sua mulher tinha alguma suspeita de seus planos; sentia, porém, tamanho medo do marido — um medo fundado em maus-tratos brutais — que não ousou escrever para advertir o homem que sabia estar em perigo. Se a carta caísse nas mãos de Stapleton, sua vida não estaria a salvo. Finalmente, como sabemos, ela adotou o expediente de recortar as palavras que formariam a mensagem e de endereçar a carta com uma letra disfarçada. A mensagem chegou ao baronete e deu-lhe o primeiro aviso sobre o perigo que o ameaçava.

"Era essencial para Stapleton conseguir alguma peça de vestuário de Sir

Charles, de modo que, se fosse compelido a usar o cão, pudesse ter sempre o meio de lançá-lo no seu rastro. Com diligência e audácia peculiares, tratou disso imediatamente, e não podemos duvidar de que o engraxate ou a camareira do hotel tenha recebido um gordo suborno para ajudá-lo em seu plano. Um acaso, porém, fez com que a primeira botina conseguida para ele fosse nova, e, portanto, inútil para seu propósito. Ele devolveu-a então e conseguiu uma outra — um incidente extremamente instrutivo, pois provou conclusivamente para mim que estávamos lidando com um cão verdadeiro, pois nenhuma outra suposição podia explicar essa ansiedade por obter uma botina velha e essa indiferença por uma nova. Quanto mais bizarro e grotesco é um incidente, mais cuidadosamente merece ser examinado, e o próprio ponto que parece complicar um caso é, quando devidamente considerado e cientificamente tratado, o que mais chances tem de elucidá-lo.

"Depois tivemos a visita de nossos amigos na manhã seguinte, sempre seguidos por Stapleton no *hansom*. O fato de ele conhecer meu apartamento e minha aparência, bem como sua conduta geral, levam-me a pensar que a carreira criminosa de Stapleton não se limitou em absoluto a esse único caso de Baskerville. É sugestivo que durante os últimos três anos tenha havido seis roubos consideráveis na região Oeste, pelos quais nenhum criminoso jamais foi preso. O último deles, em Folkestone Court, em maio, foi notável pelo tiro dado a sangue-frio no mensageiro que surpreendeu o ladrão mascarado e solitário. Não posso duvidar de que Stapleton amealhou seus recursos decrescentes dessa maneira, e que durante anos foi um homem desesperado e perigoso.

"Tivemos um exemplo de sua presença de espírito aquela manhã, quando escapou de nós com tanto sucesso, e também de sua audácia ao me mandar de volta meu próprio nome através do cocheiro. A partir daquele momento ele compreendeu que eu assumira o caso em Londres e que portanto não havia nenhuma chance para ele ali. Voltou para Dartmoor e esperou a chegada do baronete."

"Um momento", atalhei. "Não há dúvida de que descreveu a sequência dos eventos corretamente, mas há um ponto que deixou inexplicado. Que foi feito do cão quando seu dono estava em Londres?"

"Dei alguma atenção a essa questão, e ela é de indubitável importância. Não pode haver dúvida de que Stapleton tinha um confidente, embora seja improvável que jamais tenha se posto em seu poder partilhando todos os seus planos com ele. Havia um velho empregado na Casa Merripit, cujo nome era Anthony. Sua relação com os Stapleton pode ser retraçada por muitos anos, remontando a seus dias de diretor de colégio, de modo que ele devia saber que

seus patrões eram na realidade marido e mulher. Esse homem desapareceu e fugiu do país. É sugestivo que Anthony não seja um nome comum na Inglaterra, ao passo que Antonio o é em todos os países hispânicos e hispano-americanos. O homem, como a própria Mrs. Stapleton, falava um bom inglês, mas com um sotaque curioso. Eu mesmo vi esse velho atravessar o charco de Grimpen pela trilha que Stapleton demarcara. É muito provável, portanto, que ele cuidasse do cão na ausência de seu patrão, embora talvez nunca tenha sabido a que objetivo o animal servia.

"Depois os Stapleton foram para o Devonshire, logo seguidos por Sir Henry e você. Uma palavra agora sobre a minha posição naquele momento. Provavelmente você se lembra de que quando examinei o papel em que as palavras impressas haviam sido coladas, fiz uma inspeção atenta da marca-d'água. Ao fazê-lo segurei-o a poucos centímetros dos olhos, e percebi um débil cheiro do perfume conhecido como jasmim-branco. Há setenta e cinco perfumes e é de capital importância que um especialista em crimes seja capaz de distingui-los uns dos outros; mais de uma vez, em minha experiência, casos dependeram de seu pronto reconhecimento. O perfume sugeria a presença de uma dama, e meus pensamentos já começavam a se voltar para os Stapleton. Assim eu me certificara do cão e suspeitara do criminoso antes mesmo de irmos para o Oeste.

"Meu plano era vigiar Stapleton. Era evidente, no entanto, que não poderia fazer isso se estivesse com você, já que ele estaria intensamente alerta. Assim, enganei a todos, inclusive você, e fui para lá secretamente quando se supunha que estava em Londres. Minhas agruras não foram tão grandes quanto você imagina, embora esses detalhes triviais nunca devam interferir na investigação de um caso. Passei a maior parte do tempo em Coombe Tracey, só usando a cabana na charneca quando era necessário estar perto do cenário da ação. Cartwright fora comigo e me foi de grande ajuda em seu disfarce de garoto camponês. Eu dependia dele para comida e roupa branca limpa. Enquanto eu vigiava Stapleton, Cartwright estava frequentemente vigiando você, conseguindo assim controlar todos os cordões.

"Já lhe contei que seus relatórios chegavam a mim rapidamente, sendo reenviados no mesmo instante de Baker Street para Coombe Tracey. Eles me foram de grande valia, em especial aquele trecho incidentalmente verdadeiro da biografia de Stapleton. Fui capaz de estabelecer a identidade do homem e da mulher e soube exatamente qual era a minha posição. O caso havia se complicado ainda mais com o incidente do prisioneiro fugitivo e as relações entre ele e os Barrymore. Também isso você esclareceu de uma maneira muito eficaz, embora eu já tivesse chegado às mesmas conclusões a partir de minhas

próprias observações.

"Na altura em que você me descobriu na charneca, eu tinha um conhecimento completo de todo o caso, mas não uma acusação que pudesse ser apresentada a um júri. Nem o atentado de Stapleton contra Sir Charles aquela noite, que terminou na morte do pobre prisioneiro, nos ajudava muito a provar que nosso homem era culpado de assassinato. Parecia não haver alternativa senão apanhá-lo em flagrante, e para isso tínhamos de usar Sir Henry, sozinho e aparentemente desprotegido, como isca. Nós o fizemos e, ao custo de um grave choque para nosso cliente, conseguimos concluir nosso caso e levar Stapleton para sua destruição. Que Sir Henry tenha sido exposto a isso é, devo confessar, uma mancha na minha condução do caso, mas não tínhamos como prever o terrível e paralisante espetáculo que o animal ofereceu, nem a neblina que lhe permitiu saltar sobre nós tão repentinamente. Logramos nosso objetivo a um custo que tanto o especialista quanto o dr. Mortimer me garantem que será apenas temporário. Uma longa viagem poderá permitir ao nosso amigo recobrar-se não apenas de seus nervos abalados, como também de seus sentimentos feridos. Seu amor pela dama era profundo e sincero, e para ele a parte mais triste de todo esse caso funesto foi ter sido enganado por ela.

"Resta apenas indicar o papel que ela havia desempenhado durante todo o tempo. Não pode haver dúvida de que Stapleton exercia sobre ela uma influência que talvez fosse amor, talvez fosse medo, ou muito possivelmente ambas as coisas, já que essas não são em absoluto emoções incompatíveis. Era, pelo menos, absolutamente eficaz. Por ordem dele ela consentiu em se passar por sua irmã, embora ele tenha encontrado os limites de seu poder sobre ela quando tentou torná-la cúmplice direta num assassinato. Ela estava pronta a advertir Sir Henry, desde que pudesse fazê-lo sem incriminar o marido, e tentou-o muitas vezes. O próprio Stapleton parece ter sido capaz de ciúme, e quando viu o baronete cortejando a dama, muito embora isso fosse parte de seu plano, não conseguiu se impedir de interferir com uma explosão apaixonada que revelou a alma irascível que suas maneiras controladas ocultavam tão habilmente. Ao estimular a intimidade, ele assegurou que Sir Henry iria frequentemente à Casa Merripit, dando-lhe mais cedo ou mais tarde a oportunidade que desejava. No dia da crise, entretanto, sua esposa voltou-se subitamente contra ele. Ela ouvira alguma coisa sobre a morte do prisioneiro, e sabia que o cão estava sendo mantido na casinhola na noite em que Sir Henry viria jantar. Acusou o marido pelo crime que pretendia cometer, e seguiu-se uma cena furiosa, em que ele lhe mostrou pela primeira vez que ela tinha uma rival em seu amor. A fidelidade da mulher transformou-se num instante em ódio acrimonioso, e ele percebeu que

ela o trairia. Amarrou-a, portanto, para que não tivesse chance de avisar Sir Henry, e esperava, certamente, que quando toda a região atribuísse a morte do baronete à maldição de sua família, como certamente faria, seria capaz de convencer a mulher a aceitar um fato consumado e silenciar o que sabia. Nisso eu suponho que, de todo modo, ele cometeu um erro de cálculo, e que, mesmo que não estivéssemos lá, seu destino estaria selado. Uma mulher de sangue espanhol não perdoa uma afronta como essa tão facilmente. E agora, meu caro Watson, sem me referir às minhas anotações, não posso lhe fazer um relato mais detalhado desse curioso caso. Parece-me que nada de essencial ficou sem explicação."

"Ele não podia ter esperança de matar Sir Henry de medo, como fizera com o velho tio, com seu cão espectral."

"O animal era feroz e estava faminto. Se sua aparência não matasse a vítima de medo, pelo menos paralisaria a resistência que pudesse ser oferecida."

"Sem dúvida. Só resta uma dificuldade. Se Stapleton recebesse a herança, como poderia explicar o fato de que ele, o herdeiro, tinha vivido sem se declarar, sob um outro nome, tão perto da propriedade? Como poderia reivindicá-la sem suscitar desconfiança e investigação?"

"É uma dificuldade tremenda, e receio que você esteja pedindo muito de mim ao esperar que eu a resolva. O passado e o presente estão no campo de minha investigação, mas o que um homem pode fazer no futuro é uma questão difícil de responder. Mrs. Stapleton ouviu o marido discutir o problema em diversas ocasiões. Havia três cursos possíveis. Ele poderia reivindicar a propriedade a partir da América do Sul, comprovar sua identidade perante as autoridades inglesas de lá, e assim obter a fortuna sem jamais pôr os pés na Inglaterra; ou poderia adotar um elaborado disfarce durante o curto tempo que precisava passar em Londres; ou, ainda, fornecer as provas e os papéis a um cúmplice, apresentando-o como o herdeiro, e conservando o direito sobre certa proporção de sua renda. Não podemos duvidar, pelo que conhecemos dele, de que teria encontrado algum meio de sair da dificuldade. E agora, meu caro Watson, tivemos algumas semanas de trabalho árduo, e acredito que, por uma noite, podemos voltar nossos pensamentos para coisas mais agradáveis. Tenho um camarote para *Les Huguenots*. Já ouviu falar de De Reszkes? Poderia então lhe pedir que esteja pronto em meia hora, de modo a podermos passar no Marcini's para um jantarzinho no caminho?"

Fonte

Traduzido dos fascículos mensais de *The Hound of the Baskervilles* publicados entre agosto de 1901 e abril de 1902 na *Strand Magazine*, periódico britânico que levou os casos e a figura de Sherlock Holmes ao conhecimento do grande público.

Sobre o autor

Sir Arthur Conan Doyle (1859-1930) foi médico e escritor. Sua obra contempla gêneros tão diversos quanto ficção científica, romances históricos, poesia e não ficção, mas seu maior reconhecimento se deve sem dúvida às histórias do detetive Sherlock Holmes, que incluem contos e romances.

CLÁSSICOS ZAHAR
em EDIÇÃO BOLSO DE LUXO

textos integrais

Alice
Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do espelho *Lewis Carroll*

As aventuras de Sherlock Holmes
O cão dos Baskerville
Arthur Conan Doyle

O conde de Monte Cristo
Os três mosqueteiros
Alexandre Dumas

Contos de fadas
Perrault, Grimm, Andersen & outros

20 mil léguas submarinas[a]
Jules Verne

O mágico de Oz
L. Frank Baum

Títulos disponíveis também em Edição Comentada e Ilustrada

---

[a] Em preparação

Copyright desta edição © 2013:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Revisão: Adriana Azevedo
Capa: Rafael Nobre
Imagem da capa: © Giorgio Fochesato/Getty Images
Produção do arquivo ePub: Simplíssimo Livros

Edição digital: abril 2013
ISBN: 978-85-378-1078-1